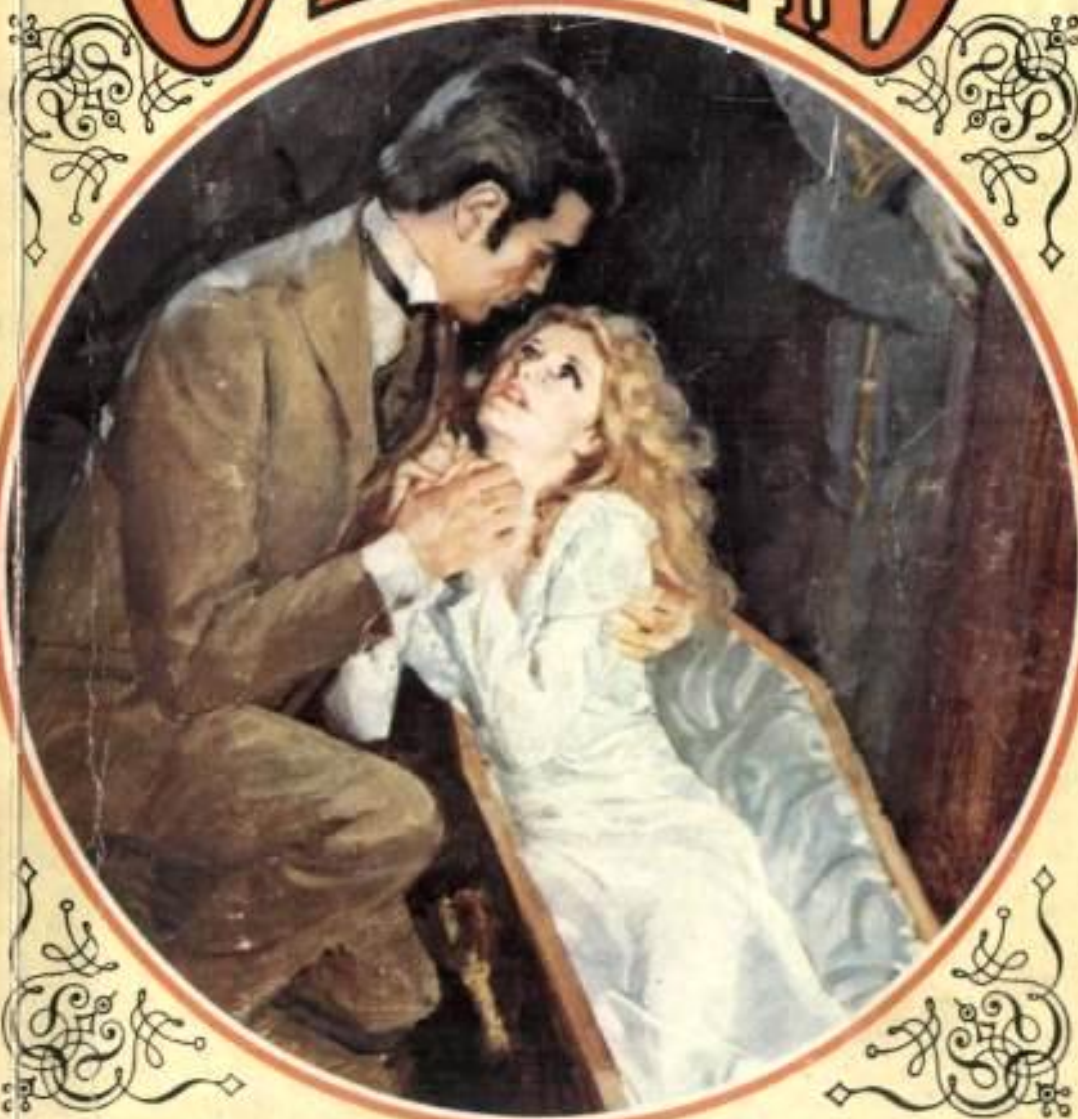


BARBARA CARTLAND

Cz\$
12,90



Algemas douradas

Raptada por um *sheikh*, Kathrin poderia escapar de tão horrível destino?



Algemas douradas

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland nº 148

Título original: **Alone and Afraid**

Copyright: © Cartland Promotions 1985

Tradução: Diogo Borges

Copyright para a língua portuguesa: 1986 — Editora Nova Cultural — São Paulo

Esta obra foi composta na Artestilo Compositora Gráfica Ltda. e impressa na Editora Parma Ltda.
Nova Cultural — Caixa Postal 2372

Raptada por um sheikh, Kathrín poderia escapar de tão horrível destino?

Amordaçada e de olhos vendados, Kathrín foi colocada dentro de um luxuoso caixão! O navio de seus seqüestradores zarpou para Argel, onde o poderoso e terrível sheikh árabe que a raptara aguardava o excitante momento de trancá-la em seu harém. Desesperada, Kathrín pensava no marquês de Elkesley, procurando sentir novamente a emoção de estar em seus braços, protegida. Mas como o corajoso marquês poderia salvá-la?

A mais famosa e perfeita autora de romances históricos, com 350 milhões de livros vendidos em todo o mundo.

CAPÍTULO I

1895

O marquês de Elkesley pegou o colar de diamantes e examinou-o com atenção.

As pedras eram de boa qualidade, embora não muito grandes. Antes de manifestar-se, ele lançou um rápido olhar ao bracelete de diamantes que já havia escolhido e que o joalheiro tinha posto de lado.

O marquês era extremamente generoso para com as mulheres a quem cortejava e havia prometido o bracelete a uma de suas amantes, Millie Mervin, após uma noite ardente.

Decidiu então que devia presentear também a bela condessa de Sandford.

Tratava-se de uma criatura linda como os anjos, que havia cedido às solicitações dele sem quase lhe opor resistência. Merecia, portanto, o colar de diamantes.

Na verdade, a condessa havia dito, de passagem, que o vira na vitrina do joalheiro e que ele se assemelhava ao colar usado pela princesa de Gales.

O marquês, homem de muita presença de espírito, logo percebeu que ela o desejava como presente de aniversário.

Ele já estava acostumado com o fato de as mulheres acharem que mereciam dele presentes caríssimos. Devia igualmente financiar seus menores caprichos.

Ao mesmo tempo, aqueles que o conheciam bem sabiam o quanto ele detestava ser pressionado ou enganado.

— Adamson — disse ele ao joalheiro — acho que você não reduziu o preço do colar tanto quanto eu esperava. Afinal de contas, comprei o bracelete!

— Fico muito grato por ser prestigiado por Vossa Senhoria, mas garanto que não estou tendo praticamente nenhum lucro com estas jóias.

O marquês caiu na risada.

— Realmente, Adamson, não espera que eu acredite, não é mesmo? Concordo que você lucre, mas não a esse ponto!

— Garanto ao senhor marquês que meu lucro não é excessivo. Para ser honesto, o que ganho mal dá para cobrir as despesas.

O velho joalheiro exprimia-se com amargura, chamando a atenção do marquês.

— Mas como é possível? — ele perguntou.

— Milorde, tenho que pagar uma comissão muito alta por tudo o que o senhor compra.

— Comissão? Como assim?

O Sr. Adamson, como se tivesse cometido um engano, apressou-se em se desculpar:

— Perdão, milorde. Esqueça o que eu disse.

O marquês colocou o colar de volta no estojo de veludo e sentou-se.

Era um homem muito bonito, elegante e inteligente. As mulheres costumavam dizer que ele tinha um olhar penetrante, que ia direto aos seus corações.

Fez-se um pesado silêncio, durante o qual o marquês olhou fixamente para o joalheiro.

— Quero que você me explique o que acaba de dizer.

— Desculpe-me, milorde. Foi um engano.

— Não me parece verdade — insistiu o marquês — A quem você paga comissões sobre as compras que eu faço?

A essa altura, o joalheiro estava constrangido e muito pouco à vontade.

Ele baixou os olhos e guardou alguns estojos nas vitrinas, visivelmente nervoso.

— Conte-me — insistiu o marquês. — Caso contrário, retiro-me de sua loja e nunca mais voltarei!

— A condessa de Sandford exige vinte por cento sobre tudo que é comprado para ela, e quer receber em dinheiro.

O marquês ficou chocado.

Mal podia acreditar no que acabava de ouvir embora tivesse desconfiado mais de uma vez que as senhoras da alta sociedade fossem tão avarentas e ambiciosas quanto qualquer prostituta.

No entanto, até aquele momento, não tivera oportunidade de provar suas suspeitas.

— E há mais alguém envolvido nisso?

— Seu secretário, o Sr. Norman, recebe cinco por cento de todas as compras feitas pelo senhor marquês!

No olhar do marquês surgiu um brilho de ódio. Quando ele voltou a falar, seu tom era lento e calmo, embora duro.

— Não levarei o colar, Adamson, mas sinto-me obrigado a comprar a próxima jóia que eu lhe pedir para ver. Dê-me o bracelete. Não admito que você pague a meu secretário ou a quem quer que seja qualquer tipo de comissão!

— Agradeço ao senhor marquês.

O joalheiro levantou-se rapidamente e, pegando o bracelete, levou-o até o escritório, onde o colocou num estojo de couro, mandando embrulhá-lo.

O marquês permaneceu onde estava fazendo o possível para controlar a indignação que sentia.

Ele estava furioso com a esperteza de seu secretário e da amante do momento.

Na realidade, sentia-se menos zangado com a condessa de Sandford do que com consigo mesmo, por não ter percebido o verdadeiro caráter daquela mulher.

O marido dela não era muito rico, mas eles viviam com certo conforto. Tinham condições de manter uma casa no campo e um pequeno palacete num dos bairros elegantes de Londres.

A condessa vestia-se muito bem e era cliente das modistas mais requintadas da capital. Possuía belas jóias, que provocavam grande inveja em suas rivais.

“A avareza e a cobiça é que a levam a querer mais”, refletiu o marquês.

Ele se desprezou pelo fato de estar a ponto de adquirir um colar que lhe custaria muito mais do que costumava gastar com aquele tipo de presente. Com isso, a esperta condessa ganharia um bom dinheiro.

“E eu, que julgava saber avaliar o verdadeiro caráter das pessoas...”, pensou com amargura.

Tinha de reconhecer que, como a maioria dos homens, fora enganado por um belo palmo de rosto, sem perceber o que existia por trás daquilo.

O joalheiro voltou do escritório com um pequeno embrulho na mão.

— Fico-lhe grato, Adamson, por dizer a verdade — declarou o marquês. — Não admito de modo algum esta situação e espero que, de agora

em diante, você seja tão honesto como foi hoje.

— Quanto a mim, milorde, espero não ter causado nenhum problema.

O marquês não disse nada e retirou-se. O joalheiro contemplou-o, sem disfarçar a preocupação.

Enquanto se dirigia para casa, o marquês imaginava como diria a Lily Sandford o que pensava de seu comportamento.

Essa questão ocupou-lhe todos os pensamentos, até ele chegar a seu belo e majestoso palacete, em Park Lane.

Tinha sido construído por seu bisavô, e sua imponência era realçada por um salão de baile e uma galeria de retratos nos fundos, que se abria para um jardim. O marquês, às voltas com sua indignação, não prestou a menor atenção às belas estátuas que decoravam o hall de entrada.

Entregou o chapéu a um dos quatro criados que o serviam. Nesse momento, o mordomo aproximou-se.

— Mande o Sr. Norman vir falar comigo, Tenkins! — ordenou o marquês. — Estarei na biblioteca.

— Pois não, milorde.

O marquês foi para lá e sentou-se à escrivaninha. Todos os objetos que a guarneciam tinham seu brasão gravado.

A família do marquês era muito antiga e vários retratos de seus ancestrais enfeitavam as paredes do palacete de Park Lane, isso para não falar daqueles que se encontravam no Castelo de Elke, em Buckinghamshire.

O marquês tinha os traços parecidos com os de seus antepassados: nariz reto e bem-feito, queixo quadrado, que lhe dava um ar de determinação, e testa ampla, que revelava inteligência.

Desde o tempo de Henrique VIII havia um membro da família Elke na corte. Vários generais e almirantes, pertencentes àquela nobre estirpe, haviam dado sua contribuição à glória da Inglaterra.

A porta se abriu, dando passagem ao Sr. Norman, um homem de uns quarenta anos e de ar um tanto ressabiado.

Ao vê-lo, o marquês se deu conta de que havia cometido um engano, quando o contratara.

O secretário anterior, que servira igualmente seu pai, era pessoa de inteira confiança, mas agora estava velho e doente demais para poder cumprir seus deveres com eficiência.

Ele indicara ao marquês o homem que lhe servia de assistente havia

dois anos, por sua familiaridade com a administração das propriedades da família.

Agora o marquês censurava-se por ter colocado numa posição tão importante um homem de quem se esperava a máxima honestidade no exercício de suas funções, mas que o traía.

— Mandou me chamar, senhor marquês? — perguntou o secretário.

O marquês olhou-o de alto a baixo, antes de se manifestar.

— Quero imediatamente uma lista de todos os comerciantes e lojistas de quem o senhor vem recebendo comissões, desde que passou a trabalhar para mim.

O secretário ficou sem uma gota de sangue no rosto, e o marquês prosseguiu:

— Estou dando ordens a meus contadores para examinarem todos os livros. A partir de agora, o senhor está despedido, e não lhe darei referências!

O secretário não disse uma só palavra, tornando-se ainda mais pálido.

— Não tenho mais nada a lhe dizer — concluiu o marquês. — Apenas me sinto envergonhado ao ver alguém dar a meus criados o triste exemplo de uma conduta vergonhosa!

O marquês levantou-se e aproximou-se da janela, dando as costas ao secretário.

Este, atordado, mexeu os lábios, como se fosse fazer uma súplica ou um protesto. Percebeu, porém, que sua atitude era inútil e retirou-se da biblioteca fechando a porta.

O marquês voltou à escrivaninha, escreveu uma carta para o contador e outra para os advogados, em quem tinha plena confiança, e tocou a campainha.

O mordomo Jenkins atendeu-o imediatamente.

— Mande entregar estas cartas, Jenkins, e diga a Henson que faça minhas malas. Viajo a Paris imediatamente após o almoço.

— Sem dúvida, milorde.

O mordomo não demonstrou a menor surpresa, diante daquelas ordens, pois o marquês era um homem imprevisível. Seus criados já estavam acostumados com aquelas viagens súbitas.

Não estranhavam igualmente que ele fizesse festas animadas sem o menor aviso.

— Vossa senhoria quer que o Sr. Wrigthson tome todas as

providências?

- Sem dúvida! Diga-lhe que atravessarei o canal da Mancha de vapor.
- Pois não, milorde.

O mordomo retirou-se, e o marquês recostou-se na cadeira, batendo nervosamente com os dedos na escrivaninha. Era um hábito que copiara do príncipe de Gales e que demonstrava seu mau humor.

Sabia, porém, que sua decisão de ir a Paris era sensata. Em primeiro lugar, isso lhe pouparia ter de explicar ao novo secretário tudo o que fosse necessário.

Em segundo lugar, não teria de enfrentar uma cena das mais desagradáveis com Lily Sandford, poupando-se de lhe dizer o que pensava dela.

Seria uma punição mais digna e mais sutil se ela não tivesse notícias suas e ele simplesmente ignorasse o aniversário de sua amante, que seria no dia seguinte.

Sabendo que o marido de Lily estaria ausente aquela noite, o marquês havia combinado jantar com a bela condessa.

Isso significava que, quando chegasse a casa dela, o jantar seria servido no *boudoir* iluminado à luz de velas. Ao lado estava o quarto da formosa Lily, com sua enorme cama de casal.

O marquês tinha a intenção de esperar até meia-noite, hora em que ela estaria usando muito pouca roupa. Nesse exato momento, ele lhe colocaria o colar no pescoço e esperaria que ela exprimisse sua gratidão, usando todos os seus recursos de mulher sedutora.

“Agora ela ficará decepcionada!”, pensou ironicamente.

Lembrou-se do bracelete que havia guardado na gaveta ao entrar na biblioteca.

Era costume dos cavalheiros amigos do príncipe de Gales não somente conquistar as beldades que decoravam as festas do herdeiro do trono, como cisnes elegantes num lago, mas também montar casas discretas para amantes que os divertissem quando se enfadassem com a formalidade da corte e da vida da alta sociedade.

Ainda recentemente, o marquês havia tomado sob sua proteção uma belíssima corista.

George Edwards, o brilhante empresário teatral daquela época, havia tornado suas coristas conhecidas como Gaiety Girls, muito diferentes de tudo

o que se vira até então.

Elas eram, em geral, muito bem-educadas e atraentes, e o empresário às vestia como se fossem verdadeiras princesas. Sua roupa de baixo era enfeitada com renda verdadeira, e seus vestidos espetaculares provocavam o aplauso do público que freqüentava o teatro de variedades, o Gaiety Theatre.

Millie Mervin acabava de ingressar no corpo de coristas, contratada pelo Sr. Edwards.

O marquês a tinha notado assim que ela estreara, e a encontrara mais tarde, num jantar oferecido por um de seus amigos. Millie Mervin não era tão bonita assim, mas possuía vivacidade e presença de espírito. Ela entretivera o marquês como nenhuma mulher da alta sociedade seria capaz de fazer.

Era também suficientemente esperta para perceber que o fogoso marquês lhe oferecia vantagens que uma corista jamais deveria desprezar, e não hesitara sequer por um minuto quando ele lhe oferecera sua proteção.

“ Os amigos dele mostraram-se invejosos, ao notar que, mais uma vez, o marquês havia passado a perna em todos, o que muito o havia divertido.

A casa em que ele instalara a corista era pequena, mas decorada com muito bom gosto. Quando a visitava, Millie mandava servir os pratos que ele mais apreciava. O champanhe e o clarete de sua preferência o aguardavam sempre conservado na temperatura exata.

Todas as noites em que não era obrigado a comparecer no palácio do príncipe de Gales ou a participar de algum jantar oferecido por membros da alta sociedade, o marques ocupava seu camarote no Gaiety Theatre.

Quando o espetáculo terminava, levava Millie para jantar, achava que ela merecia de fato o bracelete. Escreveu-lhe, portanto, um bilhete anunciando que deveria ausentar-se de Londres durante um breve período.

Deixou à jóia e o bilhete em cima da escrivaninha e foi para a sala de jantar, onde o almoço o esperava.

Como gostasse de praticar esportes, quando se encontrava em casa, o almoço era uma refeição frugal, muito diferente dos fartos jantares que o aguardavam nos palacetes para os quais era convidado.

O mordomo e dois criados o serviram. Terminado o almoço, ele se levantou.

— A carruagem já está à minha espera? — perguntou.

— Sim, milorde.

O marquês ficou tranqüilo, pois confiava na eficiência de seu

mordomo. Sabia que suas malas estavam prontas e que um criado já havia ido até a estação, onde reservaria um vagão inteiro só para ele.

Somente quando a Inglaterra ficou para trás e já não se avistavam mais os alvos rochedos de Dover é que o marquês começou a livrar-se do ódio que o consumia.

“Haverei de me divertir, em Paris, com mulheres que costumam se respeitar.”

Naquele momento pensava nas formosas parisienses, conhecidas no mundo inteiro por respeitarem um código de comportamento ao qual obedeciam como se ele tivesse a força de uma verdadeira lei.

Seu objetivo profissional era extrair todo o dinheiro que pudessem de seus admiradores, que iam desde reis, potentados e nobres de todos os países do mundo até banqueiros e homens de negócios, suficientemente ricos para poderem pagar por semelhantes luxos.

Elas, porém, seguiam as regras e jamais tentavam sair de sua classe e do meio a que pertenciam.

O marquês se divertia muito quando, em companhia de alguma atriz ou cortesã, encontrava-se com a dama que o recebera em seu palacete na véspera. Nessas ocasiões, as senhoras fingiam que não o conheciam.

É que as barreiras sociais eram muito altas e sólidas, e ninguém deveria tentar ultrapassá-las. Na opinião do marquês, assim a vida se tornava muito mais simples.

Devido a isso, ele jamais imaginaria que uma criatura da classe da condessa de Sandford pudesse tomar atitudes como aquela, digna de uma corista.

“Paris me fará esquecer que fui miseravelmente enganado”, pensou.

Assim que pisou em solo francês, sentiu-se excitado, com a impressão de que encontraria algo novo e original.

Sua casa nas imediações da Avenue des Champs Élysées estava sempre à sua espera, mesmo que ele não anunciasse sua vinda.

Naquela ocasião, porém, o mordomo havia recebido um telegrama, comunicando a chegada do marquês. Quando ele desceu da carruagem, um tapete vermelho cobria os degraus da entrada e os criados o aguardavam.

—Que bom tê-lo de volta, *monsieur*— cumprimentou-o o mordomo— Todos os dias os amigos de Vossa Senhoria perguntam se já chegou.

O marquês não ficou nem um pouco surpreendido, pois a temporada

de festas e recepções em Londres já estava no fim. Antes de partir para o campo, ele costumava passar alguns dias em Paris, a fim de assistir às corridas.

Lembrou com prazer que no hipódromo de Longchamps se realizaria uma corrida dentro de dois dias.

Ao contemplar o jardim todo florido e aspirar o cheiro das rosas de Paris, ele sentiu-se muito contente por ter deixado Londres.

Era também motivo de grande satisfação imaginar que, naquele momento, a bela condessa estaria intrigada e ansiosa, sem ter notícias dele.

Havia passado uma noite muito confortável no vagão-leito e, embora ainda fosse muito cedo, não se sentia nem um pouco cansado. Paris excitava-o, juntamente com a perspectiva de todos os divertimentos que o esperavam.

Dirigiu-se para o quarto, cujas janelas davam para o jardim. À distância via-se o reflexo prateado das águas do rio Sena.

Um banho o aguardava, e ele o tomou sem a menor pressa.

Vestiu-se com a displicência de um homem que não se deixa obcecar pelas roupas, mas apreciava o fato de elas serem perfeitas, como tudo o que o rodeava.

Serviu-se de uma taça de champanhe, indo em seguida para uma saleta onde costumava ficar quando não tinha visitas.

Nas paredes havia quadros de artistas famosos, que faziam parte da coleção de sua família.

O marquês acrescentara a essa pequena galeria dois quadros um tanto ousados, de pintores impressionistas. Eles tinham provocado a zombaria de seus amigos, que disseram tratar-se de rabiscos inúteis, feitos por viciados em absinto, valendo tanto quanto a tela em que tinham sido pintados.

Sendo um homem de visão e de gosto extremamente apurado, o marquês achou que não valia a pena discutir.

Adquirira aqueles quadros porque os havia apreciado, e resolvera juntá-los à coleção da família Elke, iniciada por seus antepassados e que se tornara famosa no mundo das artes.

Havia várias cartas numa salva de prata, enviadas por seus amigos, desejosos de saber quando ele viria a Paris.

Um dos envelopes era azul e tinha perfume de gardênia. O marquês o abriu com um leve sorriso, reconhecendo imediatamente aquele cheiro.

Conforme esperava, a carta era de Celeste Lozère, uma das cortesãs

mais conhecidas de Paris e universalmente admirada por sua beleza.

Tivera com ela, dois anos antes, um caso apaixonado, e ela, por mais estranho que parecesse, tornara-se uma amiga leal.

O marquês recordou-se de sua formosura. Celeste havia conquistado sua reputação não apenas devido à beleza, mas também à habilidade na ciência do amor.

Sua letra era elegante e não se parecia nem um pouco com os garranchos de algumas de suas rivais. O bilhete dizia assim:

Mon Cher:

“Desconfio que chegue logo a Paris, e é muito importante que eu o veja imediatamente. Tenho algo a lhe comunicar que lhe diz respeito. Peço-lhe, portanto, que entre em contato comigo.

Afetuosamente,
Celeste”

Surpreendido, ele chegou à conclusão de que sua amiga não lhe teria enviado aquele bilhete se não tivesse boas razões para isso.

“O que será que ela quer?”, perguntou-se. Voltou a ler o bilhete, achando que ele talvez contivesse alguma indicação que lhe passara despercebido.

Celeste certamente o deixara curioso, e era sua intenção visitá-la imediatamente. Afinal de contas, acabara de chegar a Paris e não tinha outros planos.

Consultou o relógio e viu que era quase meio-dia. Celeste ainda estaria na cama, a menos que tivesse assumido um compromisso para o almoço, o que era pouco provável.

Ela sempre recebia suas visitas pela manhã, linda em sua cama Luís, toda esculpida e dourada, com um cortinado de musselina.

O marquês sabia muito bem que por aquela cama haviam desfilado numerosos amantes. Certamente, nenhum deles saía de lá decepcionado, pois Celeste sempre tinha o que dizer aos homens.

Ordenou então que lhe preparassem a carruagem. Quando ela chegou, os cavalos lhe pareceram um tanto lerdos, como se não tivessem feito exercício suficiente.

Irritado, repreendeu os criados, que lhe garantiram que faziam os cavalos galoparem todas as manhãs no Bois de Boulogne. Ainda assim, ele decidiu que tentaria manter os animais em forma, enquanto se encontrasse

em Paris.

O sol brilhava e, embora fizesse calor, soprava uma brisa agradável, vinda do rio.

A carruagem era aberta, e o marquês apreciou a beleza das árvores, sob cuja sombra brincavam algumas crianças, perto de um velho que vendia doces de algodão.

As fontes da Place de La Concorde lançavam jatos de água em direção ao céu, através dos quais se viam todas as cores do arco-íris.

Tudo aquilo lhe era muito familiar e atraente.

Os cavalos pararam na frente da casa de Celeste em Faubourg Saint-Honoré e o marquês constatou que seu mau humor havia passado de vez.

Ele refletiu que era típico de Celeste ter-se instalado numa rua que também abrigava a Embaixada Britânica e palacetes de propriedade de membros da nobreza.

Um criado atendeu à porta e, ao reconhecer o marquês acolheu-o efusivamente.

— Que bom vê-lo de volta, *monsieur*, *Madame* ficará encantada! Ainda há poucos dias ela dizia que esperava que o senhor voltasse logo a Paris.

— Bem, aqui estou! — disse o marquês, bem-humorado. — Informe *madame* de que desejo vê-la.

— *Madame* ficará encantada! — murmurou o criado, acompanhando o marquês ao quarto de Celeste, que, conforme ele adivinhara, ainda estava deitada.

Ela usava uma *liseuse* de musselina, com as mangas enfeitadas de fitas azuis. Os cabelos negros lhe caíam pelos ombros.

Estava mais sedutora do que nunca. Dando um pulo de alegria, estendeu os braços para o marquês.

— Meu caro! Com que então, você chegou! Vejo que minhas orações foram atendidas! Mal consigo exprimir como me sinto contente por vê-lo!

— Você me lisonjeia! — declarou o marquês.

Levou a mão de Celeste aos lábios e a beijou, então ela o abraçou.

Como sempre, dela se desprendia um perfume de gardênia, e o marquês lembrou-se de como aquele odor delicioso permanecia em sua pele muito tempo depois de ele a deixar.

Ele sentou-se na beira da cama e cruzou as pernas muito à vontade.

— Abri seu bilhete assim que cheguei, hoje de manhã. O que

aconteceu? Você me deixou curioso.

— Tenho um problema que só você pode resolver — declarou Celeste.

— Mal posso acreditar que não existam pelo menos uns dez homens prontos para resolver qualquer problema que atormente essa linda cabecinha!

— disse o marquês, sorrindo.

— É nisso que você se engana!

Nesse momento, o mordomo entrou com uma taça de champanhe, entregando-a ao marquês.

Celeste, enquanto isso ajeitava os travesseiros de seda nos quais repousava a cabeça. O marquês sabia que ela tinha plena consciência de como era atraente.

Seus olhos escuros eram ligeiramente amendoados e seus lábios rubros provocavam a cobiça de todos os homens.

— Sou todo ouvidos — disse ele, tomando um gole de champanhe.

— Bem, trata-se de um assunto delicado, e você terá de me ajudar.

— Farei o que for possível, mas não posso prometer nada.

— Você já deve ter ouvido falar de seu parente Gerald Elke, mesmo que ainda não lhe tenha sido apresentado.

O marquês esperava tudo, menos aquilo, e olhou com imensa surpresa para Celeste.

— Gerald Elke? Você se refere ao primo de meu pai, que se portou de modo vergonhoso há alguns anos?

— Exatamente.

— Meu Deus! Há anos eu não pensava mais em Gerald... De qualquer maneira, ele morreu, não?

— Sim, para ser exata, morreu há sete anos.

— Não entendo. O que Gerald Elke tem a ver com você? E qual é o problema que diz respeito a ele e que, segundo você, só eu posso resolver?

Enquanto falava, o marquês pensava que Gerald Elke, a quem havia visto mais de uma vez quando era menino, tinha sido um dos homens mais bonitos e depravados da família.

Ele se excedera em suas aventuras amorosas, ultrapassando o limite da tolerância que se concedia a um rapaz de sua idade e de sua posição social.

Adquirira assim uma reputação que chocara sua família, que ocupava cargos importantes na corte e sabia muito bem como a rainha reprovava qualquer ato que lhe parecesse imoral.

Recordando o passado, o marquês lembrou-se de que fazia mais ou menos uns vinte anos que seu primo Gerald Elke havia fugido com a bela esposa de um dos fidalgos da corte da rainha.

Como era mesmo o nome dela? Ah, sim, lady Blyton, uma dama de honra de Sua Majestade.

Lorde Blyton, muito mais velho que a esposa, viu-se obrigado a retirar-se para o campo.

Não levou em consideração a possibilidade de pedir divórcio, pois com isso o público tomaria conhecimento daquele escândalo.

Em vez disso, descarregou sua cólera sobre a família Elke, que havia ficado tão abalada quanto ele.

Gerald Elke e lady Blyton, no entanto, comportaram-se melhor do que era de se esperar, pois ambos desapareceram.

O marquês lembrou-se vagamente de que sua mãe e vários outros membros da família tinham perguntado mais de uma vez se havia notícias de Gerald, e a resposta sempre fora negativa.

Por mais indigno que fosse o comportamento de um cavalheiro, sempre era possível ele ser novamente acolhido no seio da família, caso se arrependesse.

O nome de lady Blyton, porém, jamais era mencionado, pois uma criatura que, aos olhos daquela gente, se tornara uma mulher condenada não poderia ser perdoada em quaisquer circunstâncias.

— Embora eu fosse um menino naquela época, ainda recordo o escândalo que Gerald provocou! — declarou o marquês. — O que aconteceu, afinal, para que a figura dele tenha sido ressuscitada?

— Bem, não se trata exatamente dele, mas de sua filha.

— Sua filha?

— Exatamente, a filha dele, Kathrin. Para ser franca, *mon cher*, não tenho a menor idéia do que devo fazer com ela.

— Não entendo. Em primeiro lugar, ignorava inteiramente que Gerald tivesse uma filha. Em segundo lugar, o que aconteceu com a mãe dela?

— Também morreu, e foi por isso que a jovem veio me procurar.

— Continuo não entendendo.

— Isso não me surpreende — disse Celeste, sorrindo. — Mesmo você, que tem um raciocínio ágil, acharia difícil acreditar numa história que parece ter sido tirada das *Mil e Uma Noites*.

— E por que você não me conta tudo desde o início? — sugeriu o marquês, tomando mais um gole de champanhe.

— Bem, tudo começou quando Kathrin, a mãe dela e seu primo Gerald viviam na mais completa felicidade.

— E onde eles moravam?

— Segundo Kathrin, em muitos lugares. Foram para a África, e ela se refere ao Cairo, Argel, Casablanca e a lugares estranhos do deserto com a mesma facilidade com que vocêalaria de Chantilly ou St. Cloud.

— Prossiga.

— Quando Kathrin tinha dez anos de idade, o pai morreu.

— Não tinha a menor idéia...

— Naquela ocasião eles moravam no Marrocos, e não é surpreendente que você desconhecasse o fato. De acordo com Kathrin, a mãe dela ficou extremamente infeliz, e tudo o que desejava era morrer também.

— Deve ter sido uma situação muito difícil para uma criança de apenas dez anos!

— Com efeito, deve ter sido algo assustador.

— E o que aconteceu em seguida?

— No Marrocos, elas conheceram um francês, o conde de Villeneuve, que ia tomar posse do cargo de governador do Senegal.

— Quer dizer que isso resolveu pelo menos um dos problemas.

— Não completamente, pois ele já era casado.

O marquês pensou com cinismo que isso não deveria ter perturbado de modo algum Clare Blyton, pois ela vivia em pecado desde que fugira com seu primo.

Entretanto, não interrompeu Celeste, e ela prosseguiu:

— Quando o conde convidou a mãe de Kathrin para acompanhá-lo a Dakar, e nem é preciso dizer que a mulher dele tinha ficado na França, a menina foi internada num convento.

— Onde?

— Em Florença, e lá permaneceu até o mês passado.

— Quer dizer então que Kathrin não viu a mãe durante sete anos?

— Elas só se viam de vez em quando. Pelo visto, Clare Blyton não queria Kathrin em sua companhia enquanto vivia com o conde. Embora escrevesse semanalmente à filha, esta passava as férias com amigos ou então com as freiras, no convento.

– Tudo isso me parece extraordinário...

– Bem, Kathrin recebeu notícias de Argel, dizendo que a mãe estava à morte. Providenciaram alguém para levá-la até lá, mas, quando chegaram, Clare Blyton já havia morrido.

Comovido, o marquês murmurou algo, e Celeste continuou seu relato:

– Kathrin ainda sente dificuldade em falar a respeito do assunto, mas, de acordo com o que ela me disse, o conde havia morrido uma semana antes. Havia contraído uma dessas febres fulminantes tão comuns na África. Após a morte dele, a mãe de Kathrin teve a mesma febre, e o médico declarou que não havia a menor chance de salvá-la.

– E daí? O que aconteceu? Como foi que você entrou nessa história?

– Justamente isso é que é estranho. Eu era amiga íntima de André, o conde de Villeneuve. Na realidade, ele foi meu primeiro... protetor, assim que cheguei a Paris.

O marquês sorriu. Estava a ponto de declarar que o conde fora sucedido por muitos outros, mas não a interrompeu, pois queria ouvir mais detalhes.

– O conde sempre demonstrou certa ternura por mim. Lembrava-se, todos os anos, do aniversário de nosso encontro e da primeira vez em que fizemos amor. Ele costumava enviar-me presentes, jóias, dinheiro, e jamais se esqueceu de mim.

Celeste sorriu, embalada por aquelas recordações. Havia em sua voz uma tristeza que fez o marquês recordar-se dos versos famosos de lorde Byron:

“Em sua primeira paixão, a mulher ama seu amante, nas demais ela ama apenas o amor”.

– Kathrin me contou que leu toda a correspondência que encontrou na casa de campo do conde, pois se preocupava terrivelmente, sem saber o que fazer nem para onde ir. Acabou encontrando as cartas que escrevi para o conde de Villeneuve ano após ano, agradecendo pelos presentes que ele me dava.

– E foi então que ela decidiu vir para Paris!

– Ela recolheu o que existia de valioso na casa, embora os criados tivessem fugido carregando tudo o que podiam. Kathrin conseguiu reunir, porém, alguns objetos que haviam pertencido ao pai dela: um par de abotoaduras, um relógio de ouro, uma cigarreira de prata e um conjunto de

botões de colarinho, que estavam guardados num cofre. Como todas essas peças traziam o brasão de sua família, eu soube a quem me dirigir, caso quisesse ajudar Kathrin.

— Acha que é uma atitude sensata? Afinal de contas, ela é filha ilegítima, e não tem o direito legal de usar meu sobrenome. A menos que seja uma criatura pouco atraente, o que não acho nada provável, pois seus pais eram ambos muito bonitos, Kathrin deveria seguir o exemplo das belas mulheres de Paris. E quem melhor do que você para instruí-la?

— Sabia que você diria isso — observou Celeste, rindo. — Concordo com você, mas há dois obstáculos.

— E quais são?

— Em primeiro lugar, não me parece que ela saiba que seus pais não eram casados. Em segundo lugar, quando você a vir, terá uma grande surpresa, e duvido que me dê novamente esse conselho.

— Por quê? Por acaso ela é sem graça demais para representar o papel?

— Acho que você deve julgar por si mesmo.

— Muito bem, mas no fundo creio que cometeria um erro, se me envolvesse nessa história. Gerald cortou todas as ligações com a família, ao fugir com a dama de companhia da rainha. A menos que você já tenha falado de mim a Kathrin, acho mais sensato ela ignorar minha existência.

— Mas ela já o conhecia muito antes de vir me procurar!

— Como é que você sabe?

— Pelo visto, o pai dela costumava falar com frequência da residência da família, que agora você ocupa. Creio que ele sentia saudades da vida que levava antes e, sempre que lia um jornal inglês, procurava notícias da corte, à procura de referências à sua família, lendo-as em voz alta para a filha.

O marquês julgou a atitude de seu primo Gerald bastante insensata.

De que adiantava dar notícias dos parentes à filha? No que dependesse deles, jamais reconheceriam a existência de Kathrin!

Ao mesmo tempo, o marquês considerou que não poderia ser grosseiro a ponto de se recusar a ajudar Celeste, que estava com um grave problema nas mãos.

— Muito bem, Celeste, você acaba de me convencer — ele disse finalmente. — Não posso prometer nada, a não ser talvez auxiliar financeiramente essa moça. Eu a verei e, se você concordar, tentarei

convencê-la a se colocar sob sua proteção e aprender com você certas artes que só mesmo uma criatura experiente pode ensinar.

Enquanto ele dizia essas palavras, Celeste sorria. Havia uma expressão em seu olhar que revelava como ela estava se divertindo com aquela situação.

O que poderia haver de engraçado no fato de ele se ver subitamente às voltas com um problema de família? Esse pensamento o deixou muito irritado.

– Onde é que você quer que eu veja essa moça?

– Certamente, não no meu quarto, pois creio que ela ficaria chocada. Vá para a sala de visitas, e ordenarei à criada que a envie a você.

– Muito bem. Voltarei em seguida, para anunciar o que decidi que você deve fazer e como me disponho a ajudar.

O marquês retirou-se, achando que aquele era o último problema que ele teria a enfrentar em Paris.

“Maldito Gerald”, ele praguejou, ao abrir a porta da elegante sala de visitas de Celeste. “Ele só nos trouxe problemas, enquanto vivia, e continua a trazê-los após a morte! Como ousou pôr uma filha no mundo em tais circunstâncias?”

Não havia ninguém na sala que pudesse responder àquela interrogação. O marquês ficou parado diante da lareira, tenso, à espera que a filha ilegítima de Gerald viesse a seu encontro.

CAPÍTULO II

Houve uma longa espera, durante a qual o marquês teve tempo suficiente para pensar que a filha de Gerald talvez tivesse agido bem ao procurar Celeste.

Afinal de contas, seria impossível qualquer membro de família aceitá-la, ao levar em consideração as circunstâncias de seu nascimento.

O marquês tinha certeza de que, mesmo que se oferecesse para pagar a uma de suas primas mais velhas, que se encontrava em situação difícil, ainda assim ela se recusaria a receber Kathrin.

Ele ainda se recordava do enorme rebuliço provocado depois que Gerald fugira com a dama de companhia da rainha.

Fora impossível impedir que a história circulasse, não só no interior da família Elke, mas em toda a alta sociedade londrina.

O marquês estava na escola, naquela época, e seus coleguinhas caçoavam dele, devido ao que tinham ouvido de seus pais. Ele se lembrava de ter sentido vergonha do primo, pelo fato de Gerald ter difamado o nome da família.

“Se ela for atraente”, pensou o marquês, “não há motivos para que não venha a se tornar uma das estrelas de Paris, com a ajuda de Celeste. Devo, no entanto, deixar bem claro que ela não tem o direito de usar nosso nome.”

Lembrou-se de que Celeste havia se referido a Kathrin como uma Elke, e então decidiu que não permitiria aquilo de modo algum daí por diante.

O marquês sentia que a situação era extremamente desagradável e lhe provocava profundo mal-estar. O fato de ter acabado de escapar dos problemas que o atormentavam em Londres para agora ter de encarar mais problemas em Paris o deixava extremamente aborrecido.

“Deixarei absolutamente claro que ela não pode ter a menor pretensão em relação à família. Se eu lhe der uma mesada generosa, ela, por sua vez, deverá estar pronta para esquecer quem é e adotar um novo nome e uma nova identidade.”

Imaginou se Kathrin ficaria ressentida com o que ele pretendia dizer. Nesse momento a porta se abriu, dando passagem a uma jovem.

Por um momento, o marquês achou que aquela criatura não podia ser

de modo algum a pessoa de quem Celeste lhe falara.

Quem acabava de entrar na sala era pouco mais que uma criança.

No entanto, quando Kathrin se aproximou, o marquês notou que ela já era uma moça, embora não tivesse a aparência que ele esperava. Com efeito, ela era tão bela que ele não conseguiu tirar os olhos dela, atônito.

Só quando ela se aproximou e fez uma reverência é que ele encontrou a fala.

— Você é Kathrin?

— Madame Lozère disse-me que o senhor é o marquês de Elkesley, chefe da família de meu pai.

— Correto.

— Pois sinto imensa satisfação em conhecê-lo. Esperava, pelo que papai me dizia, que o senhor fosse muito mais velho.

— Talvez seu pai se referisse ao meu, que faleceu há sete anos.

Kathrin deu um suspiro profundo.

— Foi quando papai morreu... Sinto falta dele como se isso tivesse acontecido ontem.

Ela se exprimia com emoção, e o marquês percebeu como o pai tinha sido importante para ela.

Ele a contemplou atentamente, à procura de alguma semelhança com seu primo Gerald.

— De certo modo, o senhor me lembra papai — observou Kathrin, que também o examinava. — Ele era igualmente bonito, e acho que ambos têm o nariz da família.

— É verdade.

— E seus olhos são como os dele, só que o senhor parecia estar zangado, quando eu entrei. Isso se deve ao fato de eu ser uma presença... incômoda?

Kathrin se exprimia com tamanha candura que o marquês ficou desarmado, sem coragem de dizer que ela falava a verdade. Ele simplesmente não conseguia mais tirar os olhos da jovem.

Jamais imaginara que um ser humano pudesse assemelhar-se a um anjo.

Os cabelos de Kathrin tinham a cor dourada do sol, quando este se ergue no horizonte. Sua pele tinha a coloração de uma pérola translúcida. Seus olhos eram do azul das flores alpinas, que o marquês tanto admirara ao

visitar a Suíça pela primeira vez.

Havia em torno dela uma aura de juventude e inocência, que o fez entender por que Celeste o mandara chamar, considerando-se incapaz de cuidar de Kathrin.

De repente o marquês caiu em si, achando que estava sendo simplesmente ridículo.

Aquela menina nascera de duas pessoas que se haviam comportado de modo imoral e reprovável, causando profundas perturbações em duas famílias respeitáveis e à própria rainha.

Ele procurou adotar um tom frio, cerimonioso, como se estivesse falando de negócios:

— Kathrin, por que não se senta e me conta o que veio fazer aqui e como pretende agir daqui por diante?

Ela sorriu e sentou-se numa cadeira alta.

O marquês teve a sensação de que as pernas dela balançavam, como se ela fosse uma criança, e que seus pés mal tocavam o chão.

O vestido muito simples que ela usava realçava aquela aparência de juventude, mas o marquês notou-lhe a forma arredondada dos seios, o que indicava que ela já não era mais uma criança.

— Bem... — ela disse — posso contar tudo desde o início?

— Sem dúvida — concordou o marquês, sentando-se numa confortável cadeira. — Como você deve saber, até há alguns momentos eu não tinha a menor idéia de sua existência.

— E o senhor ficou muito desconcertado com isso? — perguntou Kathrin, pegando o marquês de surpresa.

— Para ser franco, fiquei extremamente surpreso! Nem sequer sabia que seu pai havia morrido.

— Talvez mamãe devesse ter enviado a notícia aos jornais ingleses, mas quando o fato se deu nós nos encontrávamos no meio da África. Mais tarde, quando regressamos à civilização, não tinha muito sentido comunicar às pessoas que papai não vivia mais, quando elas, na verdade, não haviam demonstrado o menor interesse por ele durante doze anos.

Kathrin se exprimia com ressentimento, o que levou o marquês a observar:

— Como você deve saber, seu pai comportou-se de maneira um tanto repreensível, o que trouxe muitas dificuldades para a nossa família e também

para a família de sua mãe.

Ele se dirigia a Kathrin como se ela fosse uma escolar. Para sua grande surpresa, ela sorriu.

— Eu já esperava que o senhor se sentisse assim. Ao mesmo tempo, acho tudo isso muito romântico. Meus pais foram de tal modo felizes, que todos os lugares onde moramos, mesmo que se tratasse de uma tenda, eram inundados de amor.

Kathrin exprimia-se com tamanho entusiasmo, que o marquês sentiu dificuldade em fazer outros comentários a respeito do pai dela.

— Por que não prossegue com sua história? — ele pediu.

— Nasci na África. Uma de minhas primeiras lembranças é de quando eu tinha quatro ou cinco anos de idade. Nessa época, montava em camelos e dormia em tendas ou em aldeias árabes, onde todo mundo me festejava. Creio que eu era muito mimada... — Kathrin riu. — Os beduínos sempre me achavam muito estranha, pois eu tinha a pele muito clara. Alguns dos homens dessa tribo achavam que um dia eu me transformaria numa bruxa! — Ela voltou a rir com desembaraço, e era uma delícia contemplá-la. — Papai costumava dizer que eu me parecia com um anjo.

O marquês havia pensado o mesmo, mas não fez o menor comentário.

— Passamos momentos de grande felicidade, e não me lembro de papai ter-se zangado um dia sequer, a não ser quando os camelos roeram as cordas que os prendiam e fugiram, ou quando nossa tenda virou, durante uma tempestade de areia. Sempre me pareceu que, nos primeiros dez anos de minha vida, o sol brilhava todos os dias, e papai e mamãe eram dois personagens de contos de fadas.

— O que você sabe a respeito de livros? Não consigo imaginar que você tenha recebido lições no meio do deserto!

— É nisso que o senhor se engana. Mamãe costumava ler para mim livros de história, não somente relativos à África, como ao mundo inteiro. Papai me ensinou aritmética. Aprendi francês, e mamãe insistiu em que eu tivesse sotaque parisiense. Aprendi igualmente árabe e os diferentes dialetos das tribos.

— E você acha que eles lhe serão úteis? — perguntou o marquês, com ironia.

— Bem, imagino que até mesmo em Paris haja pessoas que queiram aprender o árabe — respondeu Kathrin, com muita seriedade.

– Então acha que poderia ensinar?

– Não tenho certeza... No convento aprendi o suficiente sobre vários assuntos, a fim de poder ensinar às crianças coisas elementares. Quando, porém, fiz essa sugestão à madame Lozère, ela declarou que tinha certeza de que ninguém me contrataria como governanta, pois sou jovem demais.

– E ela lhe sugeriu o que fazer?

– Para falar a verdade, não... Ela disse que eu sou um problema, e que a única pessoa que poderia resolvê-lo é o senhor.

Apesar de preparado para ouvir esse comentário, o marquês ficou tenso.

– Você ainda não me contou por que foi para o convento.

– Após a morte de papai, mamãe e eu fomos para Tanger, onde compramos uma casinha. Era lá que nos hospedávamos, entre uma e outra viagem pelo deserto, mas mamãe sentia-se muito infeliz. – Kathrin suspirou.

– Na verdade, acho que ela também queria morrer, para poder juntar-se a papai. No entanto, tendo em vista meu bem-estar, mamãe se esforçou para continuar viva, embora fosse muito difícil para ela. Chorava todas as noites.

Kathrin se exprimia com muita emoção, e o marquês, embora não quisesse, sentiu-se comovido.

– Então, quando menos esperávamos, um velho amigo de papai veio visitá-lo, sem saber que ele havia morrido. Era o conde de Villeneuve.

O marquês prestou atenção, muito embora já soubesse como o conde havia entrado naquela história.

– Mamãe ficou contente de vê-lo, pois poderia conversar com ele a respeito de papai. Quando fazia um mês que ele se encontrava em Tanger, mamãe comunicou que havia decidido que eu iria para Florença, a fim de prosseguir meus estudos.

– E isso a deixou contente?

– De modo algum! Eu não podia suportar a idéia de deixá-la. Supliquei-lhe várias vezes que me deixasse ficar em sua companhia.

– E o que foi que ela disse? – perguntou o marquês, apesar de saber a resposta.

– Ela disse que o conde se havia oferecido para levá-la para Dakar, no Senegal. Lá ele a ajudaria a encontrar algo que a mantivesse ocupada e que a ajudasse a esquecer.

O marquês sabia exatamente do que se tratava. Kathrin, naquela

época, não passava de uma criança, e não podia compreender o que o conde e sua mãe haviam planejado.

— Mamãe declarou que Dakar não era um lugar apropriado para eu viver. Fez também a seguinte declaração: “Querida, sei muito bem que você recebeu alguns ensinamentos de papai e de mim, mas eles não bastam. Todos os Elke são muito inteligentes e instruídos. Não gostaria de modo algum que você fosse uma exceção”.

O marquês sorriu com ironia, ao perceber que lady Blyton havia lançado mão de um argumento convincente.

— Depois disso, é claro que eu não poderia me recusar a fazer o que mamãe queria. Ela me levou então para Florença, entregando-me aos cuidados da madre superiora.

— E o convento não opôs nenhuma dificuldade para aceitá-la?

— Não. Por que o faria? Creio que o conde também lançou mão de sua influência, pois mais tarde descobri que o convento aceitava apenas um número limitado de alunas. Tive, pois, muita sorte de ser educada lá.

— E permaneceu em Florença durante sete anos, sem ver sua mãe?

— Oh, não! É claro que vi minha mãe! Ela vinha de Dakar a fim de passar três semanas ou um mês comigo, durante as férias de verão. Dizia que ficava caro demais eu fazer a viagem de ida e volta a Dakar. Nós nos hospedávamos em pequenos hotéis no campo, na Itália, ou então na França, e passamos momentos de muita felicidade.

O marquês estava para perguntar se nessas ocasiões o conde ficava com elas. Imaginou, porém, que ele voltava para junto de sua esposa e da família. Isso possibilitava a lady Blyton permanecer ao lado da filha.

— Quer dizer então que você via sua mãe uma vez por ano.

— Algumas vezes até duas! Eu costumava riscar os dias num calendário. Quando finalmente ela chegava, tudo era tão maravilhoso que valia a pena ter esperado tanto. Nós nos escrevíamos todas as semanas. — Kathrin fez uma pausa e em seguida continuou:

— Então, quando eu achava que já estava na época de deixar o convento, pois era mais velha do que a maioria das meninas, a madre superiora recebeu uma carta de Dakar, pedindo que me enviassem imediatamente a Argel, pois mamãe estava muito doente. Mal pude acreditar! Mamãe tinha dado notícias na semana anterior, contando tudo o que fazia em Argel e descrevendo a casa de campo onde morava. Sua

descrição era tão cheia de vida que eu tive a impressão de estar vendo tudo àquilo com meus próprios olhos!

— E você esperava ficar ao lado dela, quando deixasse o convento?

— É claro, mas mamãe ainda não tinha dito quando eu deveria partir, embora eu tivesse perguntado mais de uma vez.

— Quando você chegou à África, ela estava morando sozinha, na casa de campo?

— Ela já havia morrido quando eu cheguei.

O marquês conseguiu sentir toda a mágoa presente na voz da jovem.

— Não consegui acreditar que fosse verdade — ela declarou, após um momento. — A casa de campo era exatamente como mamãe a tinha descrito. Ela havia enviado algumas fotografias, mas estavam longe de revelar a beleza do lugar. Tudo aquilo, porém, não me encantou, pois mamãe já não se encontrava lá.

O marquês percebeu como Kathrin estava tensa. Ela apertava as mãos com tamanha força, que as juntas dos dedos chegaram a ficar brancas.

Ele ficou bastante surpreso, pois ela era muito controlada, em se tratando de uma pessoa tão jovem. De certa forma, chegava a ser tocante que ela não se tivesse posto a chorar na frente dele, o que seria muito constrangedor para ambos.

O marquês levantou-se, indo até uma mesinha sobre a qual havia todo tipo de bebidas, destinadas aos cavalheiros que visitavam Celeste.

Lá havia também uma garrafa de água mineral, e ele encheu um copo, entregando-o a Kathrin.

— Obrigada — ela disse, tomando um gole. — Um médico que estava lá foi muito bom para mim, e contou que havia providenciado o enterro. Só então percebi que não tinha para onde ir e ninguém a quem eu pudesse perguntar o que deveria fazer.

— E você não pensou em permanecer na África?

— Pensei, sim, mas aconteceu algo...

— O que foi?

— Apareceu um senhor que queria ver o conde. Quando cheguei, os criados me disseram que o conde havia morrido na casa de campo, uma semana antes. Imagino que ele estivesse ao lado de mamãe. Talvez ela tenha chegado à conclusão de que se sentiria muito só, morando numa casa tão grande. Além do mais, poderia não ter recursos para mantê-la...

– Você estava me falando do senhor que foi procurar o conde.

– Sim, claro, mas não sei se ele poderia ser qualificado de cavalheiro... Não se tratava de um inglês. Era... um *sheik*.

– E ele acaso a incomodou? – perguntou o marquês, notando certo constrangimento na voz da jovem.

– Ele era um homem horrível... e me assustou.

– Como assim?

– Sugeriu que eu viajasse em sua companhia para o seu palácio. Recusei, mas ele não queria me ouvir.

No olhar de Kathrin surgiu uma expressão de medo, revelando como aquele encontro a deixara assustada.

O *sheik*, pelo visto, sabia que a mãe de Kathrin vivia uma situação pecaminosa com o conde, e devia ter presumido que a jovem aceitaria sua proposta com entusiasmo. Como ela tinha cabelos louros e pele alva, seria muito apreciada em qualquer harém da Arábia.

– E o que foi que você fez?

– Eu sabia que tinha de ir embora. Ordenei aos criados que pusessem nas malas tudo o que eu pudesse levar e comprei uma passagem no primeiro navio que ia de Argel para Marselha.

– Você vendeu a casa?

– Não sei se ela me pertencia e se podia vendê-la. Examinei todos os papéis de mamãe, mas não achei nada importante, com exceção das cartas que eu havia escrito para ela do convento.

O marquês esperou, pois Celeste lhe contara que Kathrin havia encontrado as cartas que ela dirigira ao conde.

– Procurei em todos os lugares, esperando encontrar um testamento, apesar de não saber se mamãe fizera algum. De repente, numa gaveta, descobri várias cartas de madame Lozère para o conde.

– Então foi por isso que você decidiu vir a Paris!

– Julguei que ela poderia me ajudar, já que conhecia o conde tão bem. Talvez ela soubesse se ele havia dado a casa de campo para mamãe.

– Entendo, e acho sua suposição muito razoável.

– Quando cheguei, há quatro dias, madame Lozère disse que o senhor talvez tivesse mais condições de me orientar.

Ela se exprimia com simplicidade e encarou o marquês com muita confiança, como se julgasse que ele fosse dono de uma fórmula mágica, capaz

de resolver todas as suas perplexidades.

— Você, sem dúvida, me colocou numa situação de grande responsabilidade, Kathrin. Tenho de pensar um pouco, a fim de poder dar uma resposta.

— Sem dúvida, mas devo lhe confessar algo...

— De que se trata?

— É que... disponho de muito pouco dinheiro. — Corou violentamente, como se tivesse vergonha de admitir aquele fato. — Tenho certeza de que mamãe deixou algum dinheiro em um banco... mas não havia nenhuma indicação disso em sua papelada. As únicas coisas que se encontravam no cofre eram o relógio de bolso de papai, um par de abotoaduras, uma cigarreira de prata e um jogo de botões de ouro, que ele costumava usar em suas camisas, à noite. Não posso imaginar o que aconteceu com as jóias de mamãe, a menos que os criados as tenham roubado, com outros objetos da casa.

— Se eles tivessem aberto o cofre, teriam se apoderado dos objetos de seu pai — ponderou o marquês.

— Foi o que imaginei. Talvez mamãe tenha vendido as jóias, após sair de Dakar.

— Meus advogados de Paris conseguirão descobrir quem é o proprietário da casa de campo e se o dinheiro lhe pertencerá, depois que ela for vendida.

— Seria uma grande gentileza de sua parte, mas não quero lhe trazer o menor incômodo. O senhor não pode me aconselhar o que devo fazer?

— Acho que podemos discutir esse assunto mais tarde. Agora sugiro que arrume as malas. Eu a levarei para minha casa, que fica nos arredores dos Champs Élysées.

O marquês ficou muito surpreendido quando caiu em si e viu que havia feito aquela sugestão. Sabia, ao mesmo tempo, que lhe era impossível deixar aquela menina — pois ela não passava disso — na casa de uma das cortesãs mais famosas de Paris.

No momento ignorava, porém, para onde ela poderia ir.

— O senhor tem certeza absoluta de que me quer em sua companhia?

— perguntou Kathrin, insegura. — Talvez eu o atrapalhe muito.

— Talvez seja por pouco tempo. Você deve saber muito bem que é impossível permanecer sozinha num hotel.

Kathrin o encarou, surpreendida.

— Mas eu julgava que os hotéis fossem abertos para quem pudesse pagar pela hospedagem!

Esse comentário ingênuo revelava ao marquês como Kathrin era inocente.

— Vá correndo fazer sua mala. Prevenirei madame Lozère de que a estou levando em minha companhia e lhe agradecerei por tê-la acolhido.

Kathrin levantou-se.

— Será um grande prazer conhecer sua casa — ela disse. — Acaso o senhor tem lá algum retrato de papai?

— Penso que não, mas...

O marquês estava a ponto de informar que havia retratos de Gerald, juntamente com os de outros parentes dos Elke, no castelo da família, na Inglaterra. Achou, porém, que seria uma grande tolice passar aquela informação, pois a jovem jamais os veria.

— Gostaria tanto de ver um retrato de papai... — ela declarou, em tom de lamento. — É uma pena que as máquinas fotográficas ainda não haviam sido inventadas, quando ele vivia. Mesmo que elas existissem, não disporíamos de nenhuma, no deserto!

Ela riu, como se a idéia fosse engraçada, e o marquês sorriu.

— Bem, vou me aprontar. Obrigada, muito obrigada por sua bondade. Tenho certeza de que papai ficaria muito contente, ao saber que me encontro na companhia do chefe da família.

Saiu correndo da sala, e o marquês percebeu que ela falava do pai como se ele soubesse o que estava acontecendo. Para aquela garota, tão estranha e incomum, parecia que os pais ainda viviam, embora ela não pudesse vê-los.

O marquês achava aquela atitude um tanto embaraçosa.

Enquanto subia para o quarto de Celeste, no primeiro andar, ele chegou à conclusão de que precisaria tomar muito cuidado com as palavras, de modo a não preocupar ou desiludir Kathrin.

É claro que, com o devido tempo, a situação se esclareceria.

Ele nem sequer podia imaginar que alguma jovem, depois de viver durante sete anos num convento, ao sair de lá, se mostrasse completamente ignorante de fatos que as garotas de sua idade aprendiam com as pessoas a quem encontravam durante as férias.

Quem sabe, aquele modo de se exprimir, quase infantil, e aquele ar de inocência não passavam de fingimento?

Kathrin não devia ser tão tola a ponto de não perceber que seus pais viviam uma situação pecaminosa e não adivinhar mais tarde, que sua mãe era amante do conde de Villeneuve. O marquês bateu na porta do quarto de Celeste e, quando ela o mandou entrar, descobriu que a dona da casa ainda estava na cama, encarando-o com certa desconfiança.

— O que achou de Kathrin? — ela perguntou.

O marquês sentou-se numa cadeira ao lado da cama, antes de responder:

— Desconfio de tanta bondade e acho que aquela inocência, que combina com sua aparência, não passa de fingimento!

O marquês se exprimia com rispidez, e ficou surpreendido ao ver que Celeste ria.

— Eu me fiz a mesma pergunta, *mon cher*, pois não conseguia acreditar que nos dias de hoje uma garota de quase dezoito anos de idade pudesse ter caído de uma nuvem do céu, sem ter a menor idéia de como é o mundo.

— E qual foi sua conclusão?

— Que Kathrin é absolutamente autêntica. É por isso que me convenci de que somente você teria condições de decidir o que se deve fazer com ela.

O marquês permaneceu em silêncio, e Celeste prosseguiu:

— Sei muito bem o que você deve estar pensando: que eu poderia encontrar um protetor rico para ela e iniciá-la naquele tipo de vida, que tantas jovens acham tão satisfatório e pleno de recompensas... Acontece, porém, que sou católica, e semelhante atitude me traria graves problemas de consciência!

Celeste exprimia-se com certa solenidade, o que provocou um sorriso do marquês.

— Ria à vontade, mas ninguém sabe melhor do que eu que seria moralmente errado forçar um anjinho como Kathrin a levar uma vida pecaminosa.

— Você me surpreende Celeste! — observou ele.

Por outro lado, não estava realmente surpreendido. Celeste, sob certos aspectos, era muito diferente das outras cortesãs que ele conhecia. Estas só pensavam em conseguir tanto dinheiro e jóias quanto pudessem, preocupando-se unicamente com seu próprio interesse.

O marquês sabia que Celeste estava no topo de sua profissão, por ser inteligente e saber falar de outras coisas além do prazer do corpo.

Ele costumava visitá-la invariavelmente, toda vez que vinha a Paris, embora já não a desejasse mais como mulher.

— Sei exatamente o que você está querendo me dizer. É por isso mesmo que, embora não tendo a menor idéia do que farei com Kathrin, vou levá-la para minha casa.

— Eu sabia que você agiria assim — disse Celeste, sorrindo. — Desde que ela se encontra em minha companhia, nada de mau lhe aconteceu, mas é difícil mantê-la afastada dos homens que me visitam. Como você sabe muito bem, se acaso um deles pusesse os olhos nessa moça, seria impossível impedi-lo de persegui-la.

— Ao que parece, há um homem em Argel que a deixou muito assustada. Trata-se de um *sheik*. Ela acaso o mencionou?

— Percebi que havia acontecido algo, quando Kathrin disse que não faria a menor objeção a jantar sozinha em seu quarto, quando eu recebesse visitas. Ao lhe perguntar a razão dessa atitude, ela afirmou, aliás, um tanto evasivamente, que, como estava de luto por sua mãe, não queria encontrar esses cavalheiros.

— Bem, acho que não existe a menor possibilidade de ela rever o tal *sheik*.

— Se ela estiver em sua companhia, não, mas o *sheik* Hassan El Abdullah vem freqüentemente a Paris.

O marquês ficou surpreso.

— Você o conhece?

— Fui-lhe apresentada. Não é homem que eu recomende a uma mulher melindrosa, e, sobretudo a uma criatura inocente como Kathrin!

— Mas então é preciso que ela o evite!

O marquês acabou de se convencer de que Paris era o último lugar indicado para uma criatura tão bela e pura como Kathrin.

Não sabia o que fazer. Não podia levá-la para a Inglaterra em sua companhia; ela já não tinha idade para permanecer numa escola, e era excessivamente jovem para cuidar de crianças ou lecionar.

Além do mais, que mulher aceitaria em sua casa uma jovem tão bela e tão diferente quanto Kathrin?

— Sei exatamente o que você está pensando, e cheguei à mesma

conclusão. Você pode tomar apenas uma atitude, *mon cher*, que é tornar Kathrin aceitável para sua família. Afinal de contas, o pai dela era seu parente.

— Não sinto o menor orgulho disso — afirmou o marquês, com aspereza. — Afinal de contas, ele desonrou todos os meus.

— Os pecados dos pais recaem sobre os filhos! Não acho justo! — protestou Celeste.

— Muitas coisas não são justas nesta vida, e isso é algo que Kathrin vai ter que acabar aprendendo, mais cedo ou mais tarde.

— Pois então adie esse momento o quanto puder! — suplicou Celeste.

— Ela é tão jovem, tão pura... Faz-me lembrar como eu era, quando abandonei minha casa e vim para Paris, achando que era um lugar maravilhoso, cheio de pessoas bondosas, que jamais pensariam em me fazer o menor mal!

O marquês nunca ouvira Celeste exprimir-se daquele jeito, e mostrou-se curioso.

— O que lhe aconteceu?

— Consegui um emprego na casa de um duque francês, que vivia com a esposa numa mansão muito luxuosa. Naquele momento pareceu-me que tivera muita sorte em arranjá-lo.

— Quais eram seus deveres?

— Eu não passava de uma arrumadeira.

— Você nunca me contou isso!

— O emprego não durou muito tempo. O conde de Villeneuve hospedou-se na mansão, e você conhece o resto da história.

— Pois creio que foi uma história feliz. O importante, Celeste, é que você enfrentou a situação e permaneceu uma mulher muito compreensiva, acolhedora e solidária.

— Gosto de ouvi-lo dizer isso. O conde foi um homem muito bondoso, que me ensinou muita coisa a respeito da vida e me ajudou a me educar. A mãe de Kathrin teve muita sorte em conservá-lo como amante até o dia em que ele morreu.

O marquês ia responder quando bateram à porta.

— Quem é? — perguntou Celeste.

A porta se abriu, dando passagem a uma criada.

— *Madame*, a senhorita está esperando e pergunta se pode vir

despedir-se.

– Mas é claro. Pedirei a *monsieur* que se retire.

A criada fechou a porta, e Celeste estendeu a mão ao marquês.

– Acho melhor que Kathrin não o veja aqui. Conforme já lhe disse, desde que ela veio ficar em minha companhia, vivo me lembrando de como me sentia quando tinha a idade dela.

O marquês levantou-se.

– Digam o que disserem a seu respeito, Celeste, para mim você é uma ótima criatura e uma amiga muito querida.

Ele a beijou com afeto, e Celeste lhe acariciou o rosto.

– Cuide bem da pequena Kathrin, e tome muito cuidado para ela não se apaixonar por você.

Celeste sorriu, ao notar como o marquês havia ficado surpreendido com aquele comentário.

– Muitas mulheres tiveram o coração partido por sua causa, *mon brave*, e o mesmo acontecerá com muitas outras, no futuro. Encontre um marido respeitável para a menina e então a esqueça.

O marquês riu e voltou a beijar Celeste.

– Você ri, mas está mais bonito e atraente do que nunca! – ela observou. – Venha jantar comigo, uma noite destas. Tenho uma amiga muito bonita que está louca para conhecê-lo.

– Assim que eu ficar livre aceitarei seu convite com prazer.

– Não se esqueça de me comunicar o que pretende fazer com relação à Kathrin – pediu Celeste, enquanto o marquês abria a porta.

– Não, de modo algum.

Quando ele chegou ao hall, viu uma porção de malas, e esperou apenas alguns minutos, até Kathrin descer a escada. Sabia que ela tinha ido despedir-se de Celeste.

Ela estava muito linda e, ao mesmo tempo, ridiculamente jovem. Usava um chapeuzinho redondo de palha, que lhe devia ir muito bem enquanto ela estava no convento, mas que agora a fazia parecer ainda mais jovem do que era.

Levara um bolero azul por cima do vestido e uma faixa da mesma cor em torno da cintura, que terminava num grande laço.

Faltava pouco para ela se assemelhar às crianças que brincavam nos jardins públicos de Paris.

— Você espera que eu leve toda essa bagagem conosco? — perguntou ele.

— Sei que é muita coisa, mas não pude suportar a idéia de deixar todas as roupas de mamãe lá na casa de campo, sabendo que elas seriam roubadas e vendidas nos bazares. As peles já desapareceram, e desconfio que foram os criados que as roubaram. Quanto ao resto, guardei nas malas. Como não tenho dinheiro, achei que poderia reformar os vestidos e usá-los.

— É uma idéia sensata. Sugiro irmos para casa imediatamente. Mandarei meus criados buscarem as malas.

— Ótimo! — disse Kathrin, sorrindo.

Ela entrou na carruagem aberta. O marquês sentou-se a seu lado e, quando os cavalos partiram, a jovem pegou na mão dele, num gesto afetoso.

— É uma enorme alegria estar com o senhor. Tive muita sorte pelo fato de madame Lozère conhecê-lo. Ainda bem que o senhor veio a Paris no momento exato!

O marquês sentiu vontade de dizer que o momento lhe parecia o menos indicado possível.

Achou, porém, que não valia à pena fazer qualquer observação que pudesse interferir na felicidade de Kathrin.

Prosseguiram em silêncio e, quando chegaram à Place de la Concorde, Kathrin manifestou-se:

— Estava pensando que papai e mamãe devem querer que o senhor tome conta de mim. Fui muito tola ao imaginar que estava sozinha no mundo, ao receber a notícia da morte de mamãe.

Ela falava como se estivesse conversando consigo mesma.

O marquês não soube o que dizer. Decidiu então permanecer em silêncio. Pensou, com grande constrangimento, que lhe seria muito difícil deixar de lado aquela responsabilidade, sobretudo porque Kathrin achava que ele iria assumi-la.

CAPÍTULO III

Kathrin terminou de comer e não conseguiu deixar de exprimir sua satisfação:

— Sempre lhe servem pratos tão deliciosos?

O marquês sorriu, divertindo-se com aquela pergunta.

Já havia percebido que o jantar, um tanto exótico, preparado com o capricho de sempre por seu cozinheiro, havia tentado sua hóspede, que experimentara todos os pratos.

Há muito tempo ele vinha fazendo refeições com mulheres que apenas beliscavam a comida, receosas de adquirirem peso.

— Ainda bem que você aprecia uma boa cozinha! — ele observou.

— Sem dúvida! Devo dizer, porém, que há muito tempo não comia tão bem. Isso só acontecia quando mamãe e eu íamos a pequenos restaurantes despretensiosos.

— Fale-me de sua mãe — pediu o marquês.

Ele mesmo ficou surpreso, diante do interesse que manifestava por lady Blyton, mas a verdade é que não sabia nada a respeito dela.

Todo mundo havia ficado horrorizado, quando ela fugira com seu primo Gerald. Era aclamada como uma mulher de grande beleza. O marquês não sabia muito mais que isso, pois naquela época não passava de um menino. Kathrin manifestou-se com profunda emoção:

— Mamãe era tão bela! Ela era uma verdadeira heroína, uma santa...

— É muita coisa para uma só criatura! — observou o marquês, com certa ironia.

— Mas é verdade! Papai disse certa vez que, após olhar mamãe, tornava-se impossível para ele imaginar que qualquer outra criatura existisse.

— E você é como ela?

— Creio que não, e jamais poderia ser tão linda quanto ela foi.

— Mas seu cabelo é como o dela.

— Sim. Meus cabelos são como os de mamãe, meus olhos, como os de papai, e ele sempre dizia que eu me parecia muito com os antepassados dos Elke. É por isso que quero ver os retratos deles.

O marquês procurou visualizar a coleção de retratos existente. Com

exceção de um deles, obra do grande artista *sir* Joshua Reynolds, e que se referia a uma de suas tias-avós, não lhe pareceu que ela se assemelhasse a nenhum membro da família Elke.

Nenhum deles se parecia com um anjo, e era impossível descrever Kathrin de outro modo.

— O que tornava mamãe diferente das outras mulheres que papai conheceu antes de amá-la era o fato de ela ser tão inteligente e divertida.

O marquês ficou admirado, pois não esperava ouvir aquela observação.

— A razão pela qual mamãe queria que eu fosse bem educada devia-se ao fato de ela ter recebido uma formação muito diferente da maioria das jovens de sua idade.

— Como assim?

— Ela tinha três irmãos, e acompanhava as aulas que eles recebiam de seu tutor. Assim, ela aprendeu tudo o que foi ensinado a eles.

O marquês mostrou-se muito surpreendido.

— Você acaso está querendo dizer que ela aprendeu latim e grego?

— Sim, além de matemática, história e geografia, é claro. Mamãe costumava dizer que foram as aulas de geografia que a levaram a viajar por todo o mundo, sobretudo pela África.

— Mas então foi sua mãe quem sugeriu para onde ela e seu pai deveriam ir, quando...

O marquês interrompeu-se. Ele estava para dizer “quando eles fugiram”, mas não sabia se Kathrin fora informada de que sua mãe já era casada, antes de provocar um escândalo tremendo na corte, desaparecendo com seu primo Gerald.

Como se adivinhasse o que ele estava pensando, Kathrin o encarou com timidez.

— Mamãe contou-me que ela e papai fugiram não só porque ela o amava perdidamente e, assim, não se importava com as conseqüências, mas também porque se sentia muito infeliz.

— Mas como era possível ela ser infeliz? Afinal de contas, ocupava o importante cargo de dama de companhia da rainha, o que devia provocar a inveja de todas as mulheres da Inglaterra!

Kathrin pareceu surpreender-se e respondeu como se estivesse pensando em voz alta:

– Acho que, como a maioria das pessoas, o senhor julga que o dinheiro, a posição social e os bens materiais trazem felicidade, o que não é verdade.

– Como é que você sabe?

– Papai e mamãe foram felicíssimos e tinham muito pouco dinheiro. Muitas vezes, não possuíam um teto onde se abrigar e muito menos aquilo que papai denominava “o brilho falso das lantejoulas”, pelo qual tanta gente luta.

O marquês achou aquela declaração um tanto ridícula.

– No entanto, são essas coisas que tornam a vida confortável e proporcionam às pessoas um objetivo pelo qual lutar.

– O senhor acaso se refere ao fato de desejar ser primeiro-ministro, embaixador ou general a serviço da rainha?

– Exatamente! Claro que, para a maior parte das pessoas, as ambições podem não ser tão extraordinárias assim, mas é isso que as faz lutar e trabalhar para atingir o que está fora de seu alcance.

– E foi isso o que o senhor fez?

O marquês manteve-se em silêncio durante alguns instantes, achando difícil responder.

– Como você deve saber, a partir do que seu pai lhe contou, sou o chefe da família, por uma questão de herança. Devido ao fato de ocupar essa posição, faço o possível para levar adiante as tradições da família Elke e cuidar daqueles que trazem meu nome.

Ao dizer isso, o marquês percebeu que estava entrando em terreno perigoso.

Afinal de contas, aquela menina não tinha o direito de usar seu nome. Devido, porém, ao parentesco que existia entre eles, o marquês precisava fazer algo por ela.

– O que o senhor acaba de dizer me parece muito solene! – declarou Kathrin. – Conte-me, porém, o que deseja secretamente para si mesmo. Não me refiro a suas vastas propriedades, mas à sua personalidade e, é claro, ao seu coração.

Era uma observação tão surpreendente que o marquês só conseguiu ficar olhando para ela, achando que, em toda a sua vida, ninguém lhe dissera algo tão incomum.

– Naturalmente, como o senhor é inglês, sente-se constrangido, ao

confessar que luta pela felicidade, o que, no fundo, significa amar... — prosseguiu a jovem.

— Não acho que seja verdade — disse o marquês, bruscamente. — Com toda a certeza, isso é algo que não admito nem mesmo para mim.

— Mas é algo que existe, sem a menor dúvida! Mamãe dizia que todo mundo quer amar, embora não o admitindo, e que para algumas pessoas a escolha é muito difícil. Outras sabem que nenhum bem material se compara com a alegria de amar e ser amado.

O marquês achou que o que Kathrin dizia tinha muito sentido, mas era estranho ouvir aquelas declarações da boca de uma garota cuja aparência era a de uma criança.

As mulheres que o haviam amado sempre lhe diziam que nada lhes importava, a não ser o amor que sentiam por ele. Ao mesmo tempo, o marquês percebia muito bem que elas não seriam tão ardentes, se ele não possuísse tanta riqueza e distinção.

Muitas vezes se perguntava se tantas mulheres teriam se envolvido profundamente com ele, caso fosse um homem pobre, sem a menor importância.

Aquela conversa estava tomando um rumo muito constrangedor, e ele procurou mudar de assunto:

— A menos que você queira sobremesa, porque não vamos para a sala de estar, que é mais confortável do que aqui?

— Ótima idéia! Quero examinar sua bela coleção de porcelana de Sèvres e, sobretudo, as caixas de rape.

Kathrin levantou-se, e o marquês fez o mesmo.

— Sei que, na Inglaterra, os cavalheiros permanecem na sala de jantar e aí bebem seu cálice de vinho do Porto, mas como estamos na França, podemos deixar a sala juntos — ela observou.

— Vejo que você foi bem ensinada — observou ele, sem refletir.

— Mamãe fazia questão que eu tivesse boas maneiras e que soubesse como me comportar, em todos os países que visitávamos. Jamais estive na Inglaterra, e, quando o senhor me levar para lá, precisarei tomar muito cuidado para não cometer erros.

O marquês não tinha a menor vontade de discutir, naquele momento, se a levaria ou não para a Inglaterra.

Enquanto iam para a sala de estar, considerava que a única atitude a

tomar era deixar bem claro que ela não era um membro da família Elke. Precisava não só encontrar outro lugar onde ela pudesse morar, mas também escolher para ela um novo nome.

Quando entraram na sala, porém, não conseguiu dizer nada do que pretendia, diante do encantamento que ela demonstrava por tudo o que via.

— Sei que este quadro é de Fragonard! — ela exclamou, admirada.

Antes que o marquês se manifestasse, ela já se entusiasmava por uma peça de porcelana de Dresden e, daí a pouco, por uma cômoda Luís XIV, que era uma verdadeira peça de museu.

Somente após examinar toda a sala é que Kathrin se aproximou da cadeira onde o marquês se sentara e se acomodou no tapete, a seus pés.

— Tudo isto é tão belo!... Imagino que o Castelo de Elke seja ainda mais bonito! Nunca me esqueci das coisas que papai contou.

— Quer dizer então que ele costumava falar a respeito do castelo?

— Creio que ele sentia muitas saudades da Inglaterra. Nesses momentos, ele abraçava mamãe e dizia: “Repita, meu amor, que você me ama que não sente falta dos bailes, dos belos vestidos, daquelas jóias fabulosas que a faziam brilhar como uma árvore de Natal!”

— E o que sua mãe respondia? — perguntou o marquês, curioso.

— Mamãe ria e declarava: “Estando a seu lado, tenho tudo o que uma mulher pode ambicionar. Quando me encontro em seus braços, sinto-me como se estivesse sonhando, e as estrelas possuem um brilho mais ofuscante que o de qualquer diamante”! — A jovem suspirou, comovida com aquelas recordações.

— Eles então se esqueciam de minha presença, até papai dizer: “Meu bem, você não deve se casar nunca, a menos que esteja tão apaixonada quanto eu e sua mãe. Não se esqueça de que nada mais tem importância nesta vida”.

— Quer dizer então que é isso o que você está buscando, o amor...

— Sem dúvida, mas quero lhe dizer algo...

— O que é?

Kathrin desviou o olhar, e o marquês achou que era devido à sua timidez. O que será que ela estaria pensando naquele momento?

— Madame Lozère disse que, pelo fato de o senhor ser a chefe da família de papai, tornou-se meu tutor, e que devo fazer tudo o que o senhor ordenar. Por favor... prometa que não me obrigará a desposar alguém a

quem eu não ame.

O marquês achou aquele pedido sensato. Embora Kathrin não soubesse, ele teria grande dificuldade em encontrar um marido para ela.

Ela era linda, e seria fácil arranjar um homem que a protegesse, mas um marido era coisa muito diferente.

O código de comportamento estabelecido pela rainha era severo e inflexível, no que dizia respeito às mulheres.

Se ela fosse um rapaz, seria comparativamente fácil levá-lo para a Inglaterra e convencer a família a aceitar que ele se tornasse seu pupilo.

Com o tempo, seus parentes mais generosos acabariam por esquecer o grave erro cometido por seus pais.

As coisas mudavam de figura, porém, quando se tratava de uma mulher.

O marquês sabia que, se sugerisse a uma de suas parentas apresentarem aquela jovem à alta sociedade, elas pensariam que ele talvez estivesse mentalmente desequilibrado.

— Ainda não precisamos levar em consideração a questão de seu casamento — declarou ele, percebendo que havia dado a Kathrin a resposta que ela queria, o sorriso voltou a seus lábios, iluminando-lhe o rosto.

— Era exatamente isso o que eu queria ouvir! — ela disse.

— Eu calculei que você não conhecesse nenhum rapaz, tendo passado todos esses anos no convento.

— É verdade — concordou Kathrin, rindo. — Eu dificilmente poderia casar-me com um dos padres que nos davam aula ou com o professor de música, que era muito velho e, além disso, tinha mulher e nove netos.

— Minha única dificuldade consiste em saber o que farei com você.

— Bem, agora que o conheci, sei que não preciso mais sentir medo como aconteceu quando *madame* Lozère comunicou que mandaria chamá-lo. Sinto-me feliz por estar a seu lado.

O marquês respirou fundo.

— Ouça Kathrin... — ele começou, mas era tarde demais. Ela se levantou e atravessou a sala correndo, com a leveza de um pássaro, sentando-se ao piano.

Levantou à tampa, fez ouvir um acorde e começou uma melodia muito alegre, que, de certa forma, combinava com sua aparência.

Ao tocar, ela expressava a alegria de estar com ele e de fazer parte da

família. “Tenho de lhe dizer a verdade!”, ele refletiu.

Pensou então que não valia a pena entristecê-la aquela noite. Seria mais sensato esperar até o dia seguinte, quando talvez fosse mais fácil cumprir aquela constrangedora missão.

Kathrin tocou uma sonata de Chopin e, para grande surpresa do marquês, uma valsa de Strauss.

– O senhor gostou? – ela perguntou, assim que terminou.

– Onde foi que você aprendeu a tocar Strauss? Julguei que tais frivolidades fossem censuradas, num convento!

– Todas nós recebíamos aulas de dança. Elas eram consideradas boas para nossa postura e nos ensinavam a nos movimentar com elegância. Além do mais, todas as garotas, com exceção de mim, iriam a bailes dados em sua honra, assim que terminassem a escola.

– E isso não a deixou magoada?

– Mamãe costumava suspirar e dizer: “Meu bem, gostaria muito de poder levá-la aos bailes a que eu assistia, quando era debutante. Eram tão cheios de encanto...”

– E você não ficou com inveja?

– Eu achava que seria lindo poder ir a um baile, mas, se me fosse dado escolher, preferiria fazer viagens aventureosas na companhia de mamãe e papai. Atravessamos o deserto no dorso dos camelos e montamos em cavalos árabes, muito mais velozes do que qualquer cavalo de suas cocheiras!

Falava como se estivesse desafiando o marquês.

– Aí está algo que infelizmente não podemos provar. Naturalmente, você espera cavalgar a meu lado, não? – perguntou ele.

– Oh, sim, por favor! Mamãe e eu costumávamos alugar cavalos, quando eu saía de férias, mas eles não eram lá grande coisa.

– Bem, se você quer andar a cavalo em Paris, a primeira coisa a fazer é comprar um traje de montaria. Naturalmente, deve precisar de outras roupas, não?

– Ainda não tive tempo de examinar o que mamãe deixou. Fiz as malas rapidamente, porque queria ir embora. Ela era pequena e magra, como eu, e espero que aja nas malas um traje de montaria que me sirva. Tenho certeza de que, com algumas reformas, poderei usar os vestidos dela.

Kathrin se exprimia com grande sinceridade. Foi a primeira vez que uma mulher a quem o marquês oferecia um presente dizia que se contentava

com o que tinha.

Ainda na semana anterior, Millie lhe havia entregado a conta de seis vestidos caríssimos. Lily Sandford lhe ficara muito grata por uma capa de arminho para usar à noite, que tinha custado uma quantia exorbitante.

Agora, porém, o marquês sabia que isso se devia a tal comissão de vinte por cento que ela exigia.

Ele devia estar com o semblante carregado, ao pensar em semelhante assunto, pois Kathrin o olhou preocupada.

— Mas o que foi? Ficou zangado com o que eu disse?

— Não tem nada a ver com o que você disse. Ocorreu-me um pensamento...

— Então o senhor não achou que eu estava sendo ingrata em relação à sua sugestão?

— Mas é claro que não!

— Eu me sinto muito agradecida por me dizer que me dará de presente um traje de montaria e, talvez, um vestido, mas, por outro lado, não quero sentir que o incomodo pelo fato de ser a parenta pobre.

— É isso o que você receia?

— Sem dúvida. É muito preocupante não ter nenhum dinheiro ou não saber o que aconteceu com o dinheiro de mamãe.

Kathrin voltou a sentar-se aos pés do marquês, aparentando uma curiosidade preocupada.

— Como é que mamãe pôde comprar aquela casa de campo tão grande? Como pôde pagar meus estudos e as viagens tão agradáveis que fazíamos pela França e Itália? — Como não obtivesse resposta, prosseguiu: — Claro que mamãe era muito inteligente, e tenho certeza de que ela ganhou bastante dinheiro trabalhando para o conde de Dakar, mas não deve ter sido tanto assim!

— Quando seu pai morreu, ele não deixou nenhum dinheiro?

— Não sei. Mamãe ficou muito infeliz, e eu fazia tudo o que podia para reconfortá-la. Creio que ela não queria falar sobre o futuro ou o que faríamos de nossas vidas.

— Compreendo.

— Quando ela me disse que iria trabalhar para o conde, em Dakar, parecia mais feliz. Eu me senti tristíssima por ter de deixá-la para ir a Florença, mas compreendi que não havia mais nada a fazer.

– Sem dúvida. Você foi feliz no convento?

– No início foi muito difícil. As meninas costumavam caçoar de mim, porque eu sabia muito pouco a respeito das coisas que lhes interessavam.

– Que coisas?

– A ópera, a música popular, os romances franceses que elas liam, embora as freiras desaprovassem a maior parte deles. Além do mais, elas costumavam falar o tempo todo de suas casas, do tamanho de seus castelos e de suas casas de campo na Itália.

– E você só podia falar de uma tenda no deserto – disse o marquês, sorrindo. – Deve ter sido muito frustrante!

– Bem, eu lhes falava das festas para as quais éramos convidados pelos chefes das várias tribos. Como eles pensavam que papai era um homem importante, sempre lhe ofereciam para comer o olho de um carneiro, que para eles era um prato muito especial.

– E seu pai o comia?

– Só se não houvesse jeito. Ele era muito esperto e conseguia jogar o olho fora, agindo com a habilidade de um mágico.

– Pelo que percebo você recebeu uma educação muito diferente da recebida pela maioria das jovens de sua idade. O que acha que ela fez por você?

O marquês estava brincando, mas Kathrin levou a pergunta a sério.

– Em primeiro lugar, acabei por entender que sempre há muito mais coisas para aprender e que é preciso ser receptivo a novas idéias e novos pensamentos.

– Não era a resposta que eu esperava de você. Bem, voltemos ao início de nossa conversa. Vamos discutir o que você poderá fazer daqui por diante, levando em consideração o tipo de educação que recebeu.

– Mas eu já lhe disse que a única maneira de eu poder ganhar dinheiro é ensinando crianças ou talvez fazendo traduções do inglês para o árabe, embora isso não me interesse nem um pouco.

– E por que não?

O marquês sabia que ela devia estar pensando no tal *sheik* que a havia atemorizado. Naturalmente, receava que qualquer árabe com quem se encontrasse poderia comportar-se da mesma maneira.

O *sheik* dissera ou fizera algo que a chocara profundamente, a ponto de ela não sentir a menor vontade de regressar à Argélia.

— Bem, acho que podemos deixar de lado seus conhecimentos de árabe — observou o marquês. — Agora estamos na Europa, e desconfio que seja aqui que você haverá de querer viver.

— Confesso-lhe que gostaria muito de morar na Inglaterra. Afinal de contas, papai e mamãe eram ingleses.

Kathrin exprimia-se com firmeza, como se não admitisse a menor contradição, e mais uma vez o marquês ficou sem saber o que fazer.

Como podia explicar àquela menina ingênua as dificuldades implícitas no que ela sugeria?

Cansado por ter passado a noite no trem, o marquês decidiu ir para a cama mais cedo.

Quando chegaram à porta do quarto destinado a Kathrin, ela se despediu:

— Muito obrigada. A noite foi tão agradável... Foi ótimo conversar com o senhor. Cheguei a ter a sensação de voltar ao passado. O senhor me recordou papai, pois era assim que costumávamos conversar. Sabe, eu já havia esquecido, mas sua voz é igualzinha à dele...

— Que bom que você ficou contente!

— Muito contente. É uma maravilha saber que o senhor é meu tutor e que já não estou mais sozinha, como aconteceu quando cheguei a Paris.

O marquês sabia perfeitamente que, quando comentassem que ela estava sozinha com ele, em sua casa nos Champs Élysées, todo mundo acharia que a garota era sua amante. Teria de explicar que ela, na realidade, era sua pupila, ligada a ele por laços de parentesco.

“Se eu tivesse juízo, mandaria Kathrin embora imediatamente, sem me envolver mais do que já estou envolvido”, ele refletiu.

A questão era saber para onde mandá-la.

Os pais dela não viviam mais. O tipo de educação que ela recebera parecia-lhe extravagante, embora compreendesse que lady Blyton tinha feito tudo o que podia pela filha. Embora ela levasse uma vida imoral, obrigada pela necessidade, não queria de modo algum que Kathrin tomasse conhecimento do fato.

Parecia extraordinário que lady Blyton tivesse conseguido iludir a filha por tantos anos. De qualquer forma, a jovem tinha a respeito da mãe um conceito muito elevado. “Celeste tem razão”, admitiu para si mesmo. “Kathrin não sabe que os pais não eram casados.”

Aborrecia-o demais que a obrigação de lhe dizer a verdade tivesse sobrado para ele.

Parecia-lhe muito injusto que Gerald, o qual, pelo visto, não hesitara em magoar os outros, tivesse sido tão egoísta a ponto de deixar a filha na ignorância de seu comportamento ultrajante.

— No fundo, estou furioso! — disse o marquês em voz alta, quando o criado se retirava do quarto.

— Disse alguma coisa, milorde?

— Não, estava falando sozinho.

— Que bom que o senhor voltou a Paris! Naturalmente, haverá de querer andar a cavalo, logo após tomar o café da manhã, não é mesmo?

Sem esperar pela resposta, o criado retirou-se, fechando a porta.

O marquês foi até a janela e afastou a cortina. Contemplou o jardim à luz da lua e sentiu o perfume das flores. Era estranho ir tão cedo para a cama, quando Paris, como sempre, estava em festa. O mundo dos prazeres e a alta sociedade estavam prontos para acolhê-lo!

Entretanto, sentia-se cansado e cheio de preocupação. Enquanto não conseguisse resolver o problema de Kathrin, não conseguiria se divertir.

“Maldito Gerald! Por que não posso aproveitar a vida, como os outros homens, e não ser tão irresponsável quanto eles?” Conhecia perfeitamente a resposta. É que encarava com muita seriedade suas responsabilidades. Uma delas era ser chefe da família Elke. E, para Kathrin, ele representava uma figura paternal.

Precisava protegê-la e guiá-la com a mesma solicitude com que protegeria qualquer criatura que tivesse o nome dos Elke. “Esse não é, porém, o nome de Kathrin”, refletiu.

No entanto, reconheceu que, mesmo que quisesse fugir do problema, teria de resolvê-lo, e o mais rapidamente possível.

Kathrin permanecia acordada, após ter rezado uma oração cheia de gratidão, pelo fato de ter encontrado o chefe da família do pai.

“Papai, perdoe-me por pensar que o senhor tinha me esquecido”, disse ela mentalmente. “Mesmo que o senhor tivesse me esquecido, mamãe teria se lembrado de mim. Sinto-me tão feliz por estar na companhia do marquês! Agora não tenho mais medo.”

Lembrou-se de como ficara aterrorizada quando o velho criado levava o *sheik* para a sala de visitas, onde ele examinava os papéis da mãe.

O criado não anunciara o nome do visitante, dizendo apenas que um cavalheiro queria ver o conde de Villeneuve.

Kathrin levantara-se e, quando vira aquele homem vestido com os trajes típicos árabes, não se espantara.

Sua mãe lhe dissera que, quando estavam em Dakar, o conde vivia em contato com as tribos árabes do norte e do sul.

Ele conseguira muitas vezes encontrar solução para os problemas deles, impedindo que velhas inimizades acabassem por provocar graves conflitos.

O homem que entrou na sala era alto. Notando seus ombros largos e as pernas compridas, Kathrin percebeu que ele devia pertencer a uma das tribos que viviam no sul do Marrocos, gente bonita e atlética.

A mãe lhe contara que eles eram muito mais bem-educados que os das demais tribos.

Assim, não ficou nem um pouco surpreendida quando o visitante se dirigiu a ela num excelente francês, dizendo:

– Gostaria de ver o conde de Villeneuve.

– Infelizmente, é impossível. Ao chegar, soube que ele havia morrido. Deve ter tido a mesma febre que matou minha mãe.

O *sheik* não disfarçou a surpresa.

– O conde e sua mãe morreram? Meus pêsames, senhorita. Que perda enorme!

– De fato – disse Kathrin, sem conseguir impedir que os olhos ficassem marejados de lágrimas.

Fez-se um silêncio súbito, que a fez lembrar-se de que no Oriente os bons modos eram muito importantes.

– Não quer sentar-se e tomar um refresco, ou um chá de menta?

– Fico muito agradecido.

Kathrin chamou um criado. Como era costume nos países árabes, o chá já estava pronto, e foi servido em pequenas tigelas sem asas.

O *sheik* bebeu lentamente. Não tirava os olhos de Kathrin, deixando-a constrangida.

– *Mademoiselle*, não me engano ao pensar que é filha de *madame* Elke, não é mesmo? – perguntou ele, depois de alguns instantes.

– Sim. Meu nome é Kathrin.

– E o que pretende fazer agora, *mademoiselle* Kathrin? Fechará esta

casa ou viverá aqui?

— Acabo de chegar de Florença, onde estudava, e ainda não tomei uma decisão. Entretanto, acho que não conseguiria viver sozinha em Argel...

— Sim, seria um grande erro.

Kathrin não tinha a menor intenção de dizer ao *sheik* que não sabia se a casa pertencia ou não à mãe.

— Acho que, quando seu pai vivia, a senhorita visitou, certa vez, meu castelo.

— Visitamos muitas tribos, *monsieur*. Sinto muito, mas não me lembro do senhor.

— Isso foi há muito tempo. Era meu pai que chefiava a tribo. Lembro-me, porém, de que a senhorita era uma menina muito bonita. Kathrin sorriu.

— É muita bondade sua dizer semelhante coisa, pois, na verdade, eu era uma menina muito travessa. Lembro que muita gente ficou surpreendida com o fato de eu viajar pelo deserto com meus pais e permanecer nos lugares mais estranhos. — Kathrin achou que tinha sido ligeiramente grosseira e apressou-se a tentar corrigir o lapso: — Devo dizer, porém, que eram lugares muito confortáveis e atraentes!

— Meu castelo é assim. Sou o *sheik* Hassan El Abdullah, *mademoiselle*, e sugiro que parta em minha companhia, já que não tem mais para onde ir.

Kathrin o olhou, achando que não havia entendido direito o que ele queria dizer.

— A senhorita é linda, e será minha esposa principal. Eu me divorciarei da mulher que ocupa essa posição, e a senhorita ocupará seu lugar.

Kathrin julgou que ele não estivesse falando a sério, até notar a expressão de seu olhar. Sentiu então um grande medo.

— É uma proposta muito lisonjeira, *monsieur*, mas a resposta é não! Não sinto a menor vontade de me casar e preciso regressar à França.

Assustada, Kathrin levantou-se, e o *sheik* fez o mesmo.

— A senhorita está sendo muito pouco sensata. Posso lhe oferecer conforto e segurança, e será muito feliz ao meu lado. Todas as mulheres ficam felizes, quando se tornam minhas!

O *sheik* se exprimia com paixão, e Kathrin sentiu vontade de fugir e se esconder.

Seu instinto a preveniu de que, se ela perdesse a dignidade, o mesmo

aconteceria com aquele homem.

Então, manifestou um controle que estava muito longe de sentir, como se seu pai estivesse ao lado dela, dizendo-lhe o que deveria fazer.

— Fico profundamente honrada com sua sugestão, mas o senhor deve compreender que me seria impossível tomar uma decisão apressada, ou resolver meu futuro sem levar em conta o que significaria vir a ser sua... esposa.

— A senhorita será minha esposa principal — repetiu o *sheik*. Dirigirá minha casa, quando minha mãe morrer, e minhas outras esposas lhe obedecerão e a servirão.

Kathrin sabia que era assim que as coisas se passavam num harém. Assentiu com um gesto de cabeça, e o *sheik* prosseguiu:

— Não aceito uma resposta negativa. Como o conde já não se acha mais entre nós, preciso encontrar outra pessoa que assine os papéis que eu trouxe para ele, os quais dizem respeito a certos acordos que fizemos o mês passado.

— Tenho certeza de que em Argel deve haver alguém que tenha ocupado seu lugar.

Procurava manter a calma, embora sua voz tremesse.

— Hei de procurar, embora isso talvez leve algum tempo.

— E é justamente de tempo que eu preciso! Tempo para pensar, tempo para arrumar as malas. O senhor deve compreender que mal acabo de chegar.

— Mas é claro que compreendo! Virei buscá-la amanhã. O *sheik* olhou à sua volta, sem disfarçar a cobiça.

— A senhorita faz muito bem em levar tudo o que é seu, para que não seja roubada. Mande os criados arrumarem o que lhe pertence. Eu os pagarei assim que voltar.

— Compreendo... — balbuciou Kathrin. Sem responder, o *sheik* a encarou.

Ela se sentiu como se ele a despisse inteira, e o medo apoderou-se de todo o seu corpo. Tinha a sensação de que era queimada pelo fogo do olhar daquele homem.

Ele fez uma reverência, mas esse gesto, apesar de respeitoso, exprimia a arrogância de um chefe, de um homem autoritário, como se ela já lhe pertencesse. Em seguida, retirou-se, com um sorriso nos lábios.

Assim que ele partiu, Kathrin percebeu que tremia da cabeça aos pés.

Conhecia suficientemente a África para saber que o *sheik* tinha a intenção de cumprir o que dissera.

Não havia como escapar, a menos que ela já não se encontrasse mais lá, quando ele voltasse.

Seu primeiro impulso foi mandar chamar uma carruagem, ir imediatamente para o porto e subir no primeiro navio que a levasse para bem longe de Argel.

Refletindo melhor, achou que seria um erro ir embora sem levar nenhum objeto de valor.

Chamou os velhos criados e ordenou que eles fossem pedir ajuda aos seus parentes e amigos. Pelo menos assim ela poderia se organizar, partindo sem deixar na casa de campo o que havia pertencido a sua mãe.

Daí a pouco ela encontrava as velhas malas de couro que tinham viajado tanto, algumas vezes no dorso dos camelos e outras em carros de bois.

As malas estavam muito maltratadas e, com exceção de duas, impróprias para o uso.

Mesmo assim, ainda serviriam para guardar alguma coisa.

Kathrin fez os criados trabalharem o resto do dia e até tarde da noite. Levantou-se quando o sol nascia a fim de acabar de guardar nas malas o que ainda faltava.

Quando o dia começou a esquentar, ela se dirigiu ao porto, onde encontrou um navio que a levaria para bem longe da África e do *sheik*.

CAPÍTULO IV

Kathrin dirigiu-se ao escritório do marquês, à procura de um livro para ler.

Ele anunciara que teria um encontro com os advogados e que não havia a menor razão para ela acompanhá-lo.

— Está fazendo calor — dissera. — Sugiro que repouse, pois deve estar fatigada, após o passeio a cavalo que demos hoje de manhã. No final da tarde, organizaremos algum programa.

Ela lhe respondera com um sorriso radiante, achando que tudo o que o marquês planejava era muito excitante. Nunca imaginara que se sentiria tão feliz na companhia dele.

Não tinha a menor idéia de que ele se preocupava o tempo todo, sem saber o que faria com ela, quando partisse de Paris.

Cada manhã o marquês prometia a si mesmo ter uma conversa séria com Kathrin.

No entanto, sempre que a via, toda excitada em relação ao que iriam fazer e entusiasmada durante todo o tempo em que estavam juntos, achava impossível apagar o sorriso daquele rostinho e obrigá-la a encarar a amarga realidade de seu futuro.

Ele mesmo havia apreciado demais as cavalgadas pelo Bois de Boulogne e as ocasiões em que a levava a restaurantes, onde a apresentara a seus amigos.

Procurava contornar a situação, explicando que Kathrin era sua pupila e evitando ao máximo chamá-la pelo sobrenome.

— Esta é minha pupila, Kathrin! — anunciava.

Os homens imediatamente a chamavam de *mademoiselle*, e as mulheres a encaravam com inveja.

Todos, porém, achavam-na muito jovem, e ficariam certamente surpreendidos ao saber que ela havia completado dezoito anos na véspera.

O marquês lhe deu de presente um delicado bracelete com berloques de ouro.

Entre todos os valiosos presentes que havia dado às mulheres, nenhum agradara tanto.

— Sempre desejei um bracelete como este, mas jamais imaginei que o ganharia um dia! — ela exclamou muito contente.

O marquês comprara de propósito uma jóia muito simples e, em comparação com as que havia dado à condessa de Sandford e a Millie, muito barata.

Pensava que seria um erro deixar as pessoas imaginarem que Kathrin ocupava um lugar suspeito em sua vida, como certamente aconteceria se ela usasse diamantes ou outras pedras preciosas.

Achou-a encantadora, quando, toda animada, ela levantou o braço, para que ele admirasse a jóia.

— Obrigada, obrigada! — não se cansava de repetir.

O marquês refletiu se, nos anos que viriam Kathrin não se contentaria com um simples bracelete.

Era impossível não perceber que os homens a contemplavam com admiração.

Muitos de seus amigos sabiam que ele estava em Paris, mas ele apresentou várias desculpas para não comparecer a jantares íntimos ou de cerimônia.

Quando pensava em levar Kathrin a uma recepção ou *soirée*, acabava por concluir que seria um erro.

Não conseguia resolver o que fazer com a jovem. “O que devo fazer?”, ele se perguntava dia e noite, quando cavalgavam no Bois de Boulogne ou conversavam sobre a vida aventureira que ela levava quando os pais ainda viviam.

Ele se surpreendia sempre mais, toda vez que falavam a respeito de alguma teoria literária abstrata ou algum princípio político fundamental.

Percebia que lady Blyton tivera razão, ao declarar que os Elke eram uma família muito inteligente.

Raramente encontrara numa mulher, sobretudo numa criatura tão jovem, o brilho demonstrado por Kathrin.

Comprou-lhe vários vestidos, não só por achar que era seu dever vesti-la com elegância, mas também pelo prazer de vê-la ainda mais linda.

Conhecido pelo gosto apurado, o marquês sempre escolhia as roupas de suas amantes. Ao contrário da maior parte dos ingleses, ele se divertia com isso, pois sabia o que melhor convém a uma mulher.

Tudo o que Kathrin usava parecia ficar impregnado de sua

encantadora personalidade.

O marquês tomava muito cuidado para não lhe comprar roupas excessivamente luxuosas, ou muito ousadas. Quando Kathrin punha vestidos brancos ou de tons suaves, ficava parecendo um anjo.

“Ela é realmente uma criatura única!”, pensou o marquês, imaginando o que a família Elke acharia se um dia a conhecesse.

Agora, recusava-se a encarar o fato de que eles ficariam muito chocados com a mera existência de Kathrin, e de que fariam comentários muito desagradáveis sobre o pai dela.

Tudo o que se dissera sobre Gerald Elke seria ressuscitado. Se ouvisse tais opiniões, o que seria inevitável. Kathrin ficaria profundamente magoada.

“Como farei para protegê-la de tudo isso?”, perguntou-se o marquês.

Kathrin estava em sua companhia havia apenas quatro dias, mas todos os momentos que passavam juntos eram simplesmente deliciosos.

Ela concordava com tudo o que ele queria fazer, e, por mais estranho que parecesse, a simples presença dela o fazia feliz.

Embora tivesse originalmente a intenção de passar aquela temporada em Paris de modo muito diverso, o marquês não se lembrava mais de seus planos anteriores.

Sentia-se, porém, um tanto culpado por não ter-se comunicado com Celeste. Embora tivesse dito a Kathrin que tinha um encontro com os advogados, o marquês, na verdade, foi visitar a amiga.

Pretendia contar-lhe o que tinha conseguido até então, isto é, praticamente nada.

Como não podia levar Kathrin em sua companhia, resolveu deixá-la em casa.

Sabia que ela ficaria muito feliz lendo os livros que cobriam as paredes de seu escritório, ou as revistas e jornais que lhe eram entregues assim que ele chegava a Paris.

— Não demorarei muito — anunciou, ao sair.

Estava elegante como sempre. Os arreios de prata de seus cavalos traziam o brasão dos Elke e brilhavam a luz do sol.

Kathrin o espiou da janela até a carruagem dobrar a esquina, pensando, com certa melancolia, que teria gostado de acompanhá-lo.

Nunca tinha imaginado que seria tão excitante estar com um homem, prender sua atenção e conversar com ele como se fossem iguais.

“Ele é tão bondoso para comigo!”, pensou. “Embora eu deva lhe parecer muito ignorante em certos momentos, ele jamais me faz sentir-me uma tola.”

Não pudera deixar de notar que, quando eles se encontravam com mulheres bonitas e elegantemente trajadas, elas estendiam a mão para o marquês com prazer. Em seus olhos surgia um brilho, e até mesmo um convite.

“O marquês as acha atraente, o que não é de surpreender.”

Gostaria de saber mais coisas a respeito dele, mas tinha vergonha de lhe perguntar por que não se casara até então.

Tinha certeza de que ele acabaria por fazê-lo, um dia, pois certamente haveria de querer um filho que herdasse seu título, depois que ele morresse.

Lembrava-se de que o pai falava com frequência do castelo da família e da importante posição ocupada pelo marquês de Elkesley.

“Será que o marquês me levará lá, um dia?”, perguntava-se. Ele, porém, não falava em retornar à Inglaterra. Pela primeira vez, Kathrin sentiu curiosidade de saber por que o marquês não lhe contara mais coisas a respeito de seus parentes.

Em vez de escolher um livro na estante, ela parou diante de um espelho emoldurado de dourado e se contemplou. Constatou que seu penteado, extremamente simples, a tornava muito atraente.

“O marquês sentirá orgulho de mim, ao me ver de vestido novo...”, pensou.

No entanto, como era muito sensível e perspicaz, chegara à conclusão de que existia uma barreira entre ela e o marquês.

Tomara consciência do fato na véspera. Sabia que teria de enfrentar a situação e perguntar-lhe o que havia de errado. Tinha a sensação de que ele não estava sendo completamente sincero com ela.

Não conseguia explicar por que tinha quase certeza disso.

“Conversarei com o marquês quando ele voltar”, decidiu.

Sentiu então um arrepio de medo, pois ele poderia ficar zangado com o fato de ela lhe fazer muitas perguntas.

Embora o marquês fosse muito gentil para com ela, há assustava um pouco, talvez por ser muito mais velho que ela.

Os criados se apressavam em cumprir suas ordens. Às vezes ele parecia estar zangado, e em outras, pensativo.

“O que poderá ser?”, ela se perguntava. “O que será que ele está escondendo de mim?”

Talvez ele a considerasse um estorvo.

Entretanto, nunca dissera nada que a fizesse sentir assim, e parecia apreciar demais tudo o que eles faziam juntos.

Na véspera, ele a levava ao Opera, fazendo-a sentir-se como se tivesse penetrado num reino de fadas.

Em Florença, as meninas iam a concertos, mas lá não havia um teatro de ópera. Mesmo que houvesse, elas não teriam a permissão de freqüentá-lo.

O Opera de Paris, com suas paredes douradas e suas lindas estátuas, fora para Kathrin uma experiência inteiramente nova, fascinante.

O marquês reservara um camarote. Ao contemplar as mulheres elegantes, exibindo suas jóias nos camarotes vizinhos, Kathrin mal pôde acreditar no que via.

Amava a música e viu-se transportada para um mundo mágico, onde se esqueceu de tudo o que não fosse à história que o enredo da ópera contava a ponto de ela tornar-se mais real do que a própria realidade.

Não percebeu que o marquês olhava muito mais para ela do que para o palco, com um sorriso nos lábios.

Quando a heroína, de acordo com o que acontecia tradicionalmente nas óperas, chorou por seu amor perdido, Kathrin fez o mesmo.

A cortina finalmente caiu, e ela percebeu que tinha de voltar à realidade e se controlar. O marquês compreendeu como ela se sentia.

— Acho que precisamos jantar, após essa experiência tão carregada de emoções — ele disse. — Conte-me como se sentiu e o que pensou de sua primeira noite no Opera.

Foi muito difícil traduzir os sentimentos em palavras, mas, mesmo assim, ela tentou.

O marquês entendeu-a tão bem que a fez ter certeza de que nenhum outro homem poderia se interessar tanto por ela.

“Tenho tanta sorte!”, pensou Kathrin, contemplando-se mais uma vez no espelho. “Acho que, pelo fato de sermos parentes, pensamos da mesma forma. Nossos pensamentos nem sempre precisam ser comunicados através das palavras, pois intuímos um o que o outro sente.”

Por fim, chegou à conclusão de que estava perdendo tempo, pois certamente encontraria um assunto interessante para discutir com o marquês,

quando ele voltasse para casa.

Afastou-se do espelho e atravessou a sala, indo até a estante.

Estava tirando um livro escrito por um autor francês de quem os jornais falavam ultimamente, quando a porta do escritório se abriu.

Voltou-se rapidamente, julgando que o marquês havia voltado mais cedo do que ela esperava. Ficou gelada, quando o mordomo anunciou o visitante:

– *Mademoiselle*, o *sheik* Hassan El Abdullah quer vê-la!

Em nenhum momento lhe passara pela cabeça que ela pudesse ver o *sheik* em Paris.

Nos últimos dias, sentia-se tão feliz na companhia do marquês, que deixara de pensar nele.

Agora era um choque vê-lo entrar no escritório, usando trajes árabes por cima de roupas ocidentais, o que lhe tornava a aparência sinistra.

Kathrin ficou parada, segurando com força o livro contra o peito, como se fosse um escudo.

A porta se fechou e o *sheik* caminhou lentamente em sua direção, encarando-a em silêncio. Parecia devorá-la com o olhar, exatamente como havia acontecido na casa de campo.

Após alguns instantes, Kathrin manifestou-se, com voz trêmula:

– Por que o senhor está aqui? Como foi que me encontrou?

– Eu a vi ontem à noite no Opera. Pareceu-me incrível que tivesse fugido de Argel, quando eu lhe disse que iria buscá-la no dia seguinte.

– Pedi algum tempo para pensar em sua proposta, *monsieur*, como não podia concordar com sua sugestão, decidi vir para Paris.

– Não tenho o hábito de ser recusado por uma mulher. Kathrin desviou o olhar, trêmula.

– Sinto-me profundamente honrada com o fato de o senhor ter pedido minha mão... mas agora estou na companhia do chefe de minha família, que cuidará de mim e me protegerá.

– Soube que o cavalheiro que a acompanhava a noite passada é o marquês de Elkesley. Mas seu lugar, *mademoiselle*, é na África, onde seus pais viveram durante tantos anos.

Kathrin não conseguia encará-lo. O *sheik* continuou, com voz sedutora:

– Volte comigo... Prometo que gozará de todo o conforto possível, em meu castelo. Como minha esposa principal, terá uma importância que em

Paris jamais conseguirá.

— Mas não quero ter nenhuma importância! Quero simplesmente ser feliz, o que já está acontecendo, pelo fato de eu estar na companhia do primo de meu pai. Afinal de contas, pertenço à minha gente.

— E por que haveria de pertencer, quando a família de seu pai não queria saber dele?

Kathrin olhou-o, surpreendida.

— Contaram-me que seu pai foi exilado da Inglaterra, por ter fugido com sua mãe. Foi por isso que eles viveram na África, até ele morrer. Ao se ver só, sua mãe foi para Dakar com o conde de Villeneuve, e a senhorita foi mandada para Florença.

— Sim, eu sei, mas sou inglesa, *monsieur*, e desejo muito viver na Inglaterra.

— Acaso acha que a Inglaterra a fará feliz? Se os ingleses não foram bons para com seu pai, por que haveriam de sê-lo para com a senhorita?

— Meu pai foi muito feliz na África, mas, como tenho a possibilidade de escolher, prefiro ir para a Inglaterra. Embora não a conheça, tenho certeza de que gostarei de viver lá.

— Mas como pode ter tanta certeza assim? E se, ao chegar lá, for posta de lado, como aconteceu com seu pai? Conversei com alguns velhos membros de minha tribo, que se lembram de sua visita ao meu castelo, quando criança. Contaram-me que seu pai se comportou muito mal, fugindo com a esposa de um fidalgo de muita importância e deixando toda a sociedade indignada! Acaso não lhe passa pela cabeça que ficarão igualmente indignados com a senhorita, por ser filha dele?

O modo como o *sheik* se exprimia deixou Kathrin extremamente apreensiva.

Sabia por que ele dizia tais coisas, e o fato de ele ter decidido vencer sua resistência a qualquer preço a deixava amedrontada.

— Sinto-me muito honrada, *monsieur*, pelo fato de o senhor se interessar tanto por meu bem-estar, mas preciso decidir minha própria vida e resolvi ir para a Inglaterra...

— Quanto a mim, decidi que a senhorita voltará para a África em minha companhia!

Ao dizer isto, o *sheik* avançou, fazendo-a recuar até encostar-se à estante.

— A senhorita é muito bela! — ele murmurou. — Eu a desejo e quero que seja minha!

— O senhor não tem o direito de me dizer essas coisas. Por favor... vá embora e deixe-me em paz!

— Não tenho a menor intenção de fazê-lo. Quando partir, eu a levarei comigo. A senhorita viverá no deserto, como fez com seu pai, e gostará muito.

O *sheik* deu mais um passo, e Kathrin gritou.

— Não me toque! Vá embora! O senhor não tem o menor direito de vir aqui ameaçar-me!

— Não a estou ameaçando, mas apenas dizendo que a senhorita me pertence. Como minha esposa, será muito mais feliz do que na Inglaterra, onde os parentes de seu pai não saberão o que fazer da senhorita.

— Não é verdade! — protestou Kathrin. — Estou na companhia do marquês, que é meu tutor! Ele me quer bem... claro que quer... e irei para a Inglaterra na companhia dele!

— Voltará para a África comigo!

A expressão do olhar dele e a ameaça contida em suas palavras eram tão assustadoras, que Kathrin ficou apavorada. Sabia que aquele homem odioso acabaria por agarrá-la. Trêmula de medo gritou:

— Vá embora! Vá embora e deixe-me em paz! Jamais o desposarei jamais!

Nos lábios do *sheik* surgiu um sorriso desagradável, mais aterrorizante do que tudo o que ele dissera até então.

Ele estendeu os braços, pronto para agarrá-la. Kathrin gritou novamente, e nesse exato momento a porta se abriu, dando passagem ao marquês.

Ela o olhou, com o terror estampado no rosto, mal conseguindo acreditar que estava salva.

O *sheik* voltou-se, surpreendido, e Kathrin correu para o marquês, procurando sua proteção.

— Afinal de contas, o que está acontecendo? — ele perguntou.

Sua voz era cortante e agressiva, mas o *sheik* não se deixou intimidar, limitando-se a encarar o marquês, de modo a demonstrar com toda a clareza que se considerava um adversário à altura dele.

— Quando *mademoiselle* se encontrava na África, pedi-lhe que se

tornasse minha esposa principal — declarou ele. — É um pedido muito importante, que só poderá ser devidamente apreciado por quem, como ela, viveu muito tempo em meu país.

— E qual foi à resposta de *mademoiselle*? — perguntou o marquês com frieza.

— Como a maioria das jovens, ela, no momento, receia o casamento, mas estou certo de que mudará de opinião com o tempo.

— Na verdade, o senhor está dizendo que *mademoiselle* recusou seu pedido. Neste caso, não há nada a discutir.

— *Monsieur* não está entendendo o que ofereço à filha de seu parente, que foi exilado do próprio país.

— Ao contrário, entendo perfeitamente. O senhor já teve uma resposta. Só me resta desejar-lhe um bom-dia.

Os olhos do *sheik* fuzilaram de ódio, e, durante alguns instantes, o marquês receou que ele pudesse ameaçá-lo por meio de algum ato de violência.

— Pois bem. Deixarei sua casa, conforme me pede *monsieur*, mas penso que, no futuro, *mademoiselle* se arrependerá de ter recusado uma oferta de casamento. Desconfio, aliás, que ela não tenha recebido semelhante oferta por parte do senhor! — afirmou o *sheik* com arrogância.

Era um insulto sutil, feito com ironia e amargura, que ele não procurou disfarçar.

O marquês não disse nada, simplesmente indicando, com um gesto, a porta, que estava aberta.

O *sheik* atravessou lentamente a sala, com inegável dignidade, resultado de anos e anos de liderança. Ao chegar perto do marquês, contemplou durante alguns instantes a figura frágil de Kathrin, que escondia o rosto no peito dele.

Seus olhos pareciam duas brasas e continham todas as ameaças possíveis. O marquês teve certeza de que, se aquele encontro tivesse se dado no deserto, e não em Paris, o *sheik* o teria matado.

Ele ergueu a cabeça com altivez e retirou-se da sala. Só então o marquês passou o braço em torno dos ombros de Kathrin, procurando tranquilizá-la.

— Agora está tudo bem. Esse homem não pode fazer nada contra você.

Durante todo o tempo em que falara com o *sheik*, sentira o corpo tremer, fazendo-o perceber como ela devia estar aterrorizada.

Kathrin levantou a cabeça, a fim de ter certeza de que o *sheik* não se encontrava mais lá.

— Ele é perigoso! Eu sei que ele é perigoso! — ela murmurou, escondendo mais uma vez o rosto no peito do marquês.

— Mas ele não pode fazer nada que a magoe! Para início de conversa, esse homem jamais deveria ter sido admitido em minha casa. Da próxima vez que eu sair, darei ordens expressas aos criados para que você não receba visitas enquanto eu não voltar.

O marquês refletiu que fora uma verdadeira sorte não encontrar Celeste em casa, pois assim voltara mais cedo do que esperava.

Percebera subitamente que, acima de tudo, preferia estar na companhia de Kathrin.

Tivera um pressentimento de que algo de errado acontecia e de que ela se encontrava numa situação difícil.

Ao voltar para casa, decidira levá-la para dar um passeio no Bois de Boulogne.

Assim que chegara, os criados o haviam informado da presença do *sheik*. Ao aproximar-se do escritório, ele a ouvira gritar.

Estava muito preocupado com o fato de ela ter-se assustado tanto. Agora desejava apenas esclarecer a situação e tranquilizá-la.

— Sente-se. Vou providenciar algo para você beber.

— Não quero nada... — murmurou Kathrin. — Quero apenas ter certeza de que o senhor está aqui comigo e que aquele homem não me levará embora, conforme ameaçou.

— Prometo que ele não o fará. O *sheik* é um homem muito importante, no mundo em que vive, e não consegue entender por que você não ficou radiante ante a perspectiva de se tornar a chefe de suas quatro mulheres!

O marquês fazia o possível para levar a coisa na brincadeira, mas Kathrin estava quase chorando.

— Ele disse também que sua família não haverá de me querer na Inglaterra... e que meu lugar é na África!

— Esqueça-o! Esqueça tudo o que ele disse!

Na realidade, o árabe dissera a verdade, tornando assim a tarefa do marquês muito mais difícil do que já era.

Ele a levou até o sofá, fazendo-a sentar-se. Em seguida, dirigiu-se a uma mesinha sobre a qual havia várias garrafas de bebida e uma jarra de limonada, que serviu num copo.

— Beba. Se você se sentir melhor, convido-a para dar um passeio ao bosque.

— Quer dizer então que o senhor voltou só para me apanhar? Mostrava-se mais animada, mas o marquês percebeu que ainda havia lágrimas em seus olhos.

— O dia está lindo, e acho que seria uma pena não aproveitá-lo.

— Mas é claro! Posso ir pegar meu chapéu?

— Por outro lado, podemos ficar em casa — sugeriu o marquês.

Kathrin lançou um olhar rápido para o escritório, como se receasse que o *sheik* ainda estivesse lá, escondido em algum canto escuro.

— Não, não! Prefiro sair com o senhor!

— Muito bem, mas apresse-se, caso contrário os cavalos ficarão indóceis.

Kathrin pôs a limonada de lado e esforçou-se por sorrir, retirando-se.

“Que inferno!”, praguejou o marquês. “Por que esse sujeito tinha de vir até aqui perturbar a menina?”

Pelo visto, ele havia dito a Kathrin que ela não seria bem recebida na Inglaterra.

O pior é que era verdade, e ele não tivera coragem de lhe contar. Não podia fazê-lo, a menos que conseguisse outro lugar para Kathrin.

Certamente não seria na África, e muito menos na companhia do *sheik*, cujo estilo de vida e modo de tratar as mulheres nada tinha a ver com os hábitos ingleses.

O marquês lembrou-se do que Celeste lhe dissera a respeito do árabe. Se ela soubesse de sua chegada a Paris, naturalmente o teria prevenido.

“Preciso ver Celeste amanhã, sem falta”, pensou, “mas é necessário certificar-me de que nada de mal acontecerá a Kathrin em minha ausência.”

Por outro lado, sabia muito bem que lhe era impossível estar sempre presente, a fim de protegê-la. Mais uma vez se perguntou, com angústia, o que faria com Kathrin e para onde ela poderia ir.

Durante o passeio no Bois de Boulogne, Kathrin sentiu que o terror que a invadira aos poucos se dissipava.

O *sheik* fora embora, ela estava na carruagem do marquês e agora não

tinha mais motivos de preocupação.

Entretanto, não conseguia esquecer o que aquele homem dissera. Quando a carruagem diminuiu a velocidade, passando debaixo das árvores frondosas, ela se dirigiu ao marquês, dizendo:

— O senhor ainda não me contou muita coisa a respeito dos parentes de papai. Acha que ficarão zangados comigo por causa de papai?

O marquês concentrou-se nos cavalos e fez uma pausa, antes de responder:

— Quando seu pai fugiu com sua mãe, deixou muita gente incomodada.

— Não duvido que papai tenha se arrependido, embora eu jamais tenha discutido esse assunto com ele. Ele costumava dizer que o amor era mais importante do que tudo, e amava tanto minha mãe!

O marquês não achou o que dizer e permaneceu em silêncio.

— Nunca pensei no assunto, até agora — prosseguiu Kathrin. — Talvez sua família não fique muito contente de me ver e não se mostre bondosa para comigo, como o senhor tem sido.

O marquês achou que chegara a oportunidade de explicar-lhe a posição difícil em que ela se encontrava.

Nesse exato momento, uma carruagem aproximou-se em tamanha velocidade que ele teve de afastar os cavalos para o lado da alameda. Quando o perigo passou, Kathrin soltou um suspiro, aliviada.

— O senhor guia e monta tão bem!... Papai costumava dizer que todos os Elke têm muito jeito para lidar com cavalos. É uma qualidade que nasce com eles.

— Acho que é verdade. Não há nada de que eu goste mais do que de guiar uma carruagem e montar.

— Sobretudo porque o senhor tem cavalos magníficos! Eles devem sentir sua falta, quando o senhor se ausenta de Paris durante muito tempo. Seus cavalos, lá na Inglaterra, devem estar ansiosos pela sua volta.

Tudo levava a crer que, durante alguns instantes, ela tivesse se esquecido de suas dúvidas sobre a reação dos parentes de seu pai.

O bosque não era lugar para falar seriamente de um problema tão difícil, mas, mesmo assim, o marquês censurou-se intimamente por agir com tal leviandade, falando de cavalos.

Prometeu, sem pensar, que levaria Kathrin para ver uma corrida no

prado. Ela ficou tão excitada com essa perspectiva que, quando chegaram em casa, nada mais foi dito a respeito do encontro com a família.

Só quando ela subiu para se trocar é que o marquês se perguntou quando iria parar de agir como um fraco e encarar o problema da jovem.

“Primeiro preciso ver Celeste”, refletiu, percebendo que, mais uma vez, evitava encarar o assunto.

Mergulhada até o pescoço no banho perfumado que uma das criadas lhe preparara, Kathrin se preocupava com o que o *sheik* lhe dissera.

Já não receava mais que ele a raptasse, pois o marquês estava lá para protegê-la.

Entretanto, não conseguia esquecer suas palavras: seria mal recebida na Inglaterra, e o único lugar onde se sentiria à vontade era a África.

“Papai não pôde voltar”, ela raciocinou, “mas com toda a certeza isso não se aplica a mim...”

Lembrou que o marquês não havia respondido à sua pergunta e prometeu a si mesma que o interrogaria novamente.

Esperava que, quando ele a levasse para casa, conforme parecia ser sua intenção, os membros da família Elke não o criticassem.

“Ele foi tão bondoso comigo! Deu-me estas roupas lindas e ainda um bracelete... Não suporto imaginar que ele seja criticado por me levar para a Inglaterra.”

De repente, sentiu um medo enorme, ao se dar conta de que, se o marquês não a levasse para a Inglaterra, não teria para onde ir.

Mais uma vez o *sheik* voltava a ameaçá-la. Tinha a angustiada sensação de que aqueles olhos negros a encaravam, hipnotizando-a, a fim de que ela fizesse tudo o que ele desejava.

Refletindo melhor, chegou à conclusão de que estava se deixando levar pela imaginação. Mesmo assim, não conseguia deixar de pensar no que acontecera.

O fato de ter sido expulso pelo marquês devia constituir, aos olhos do *sheik*, um insulto intolerável. Mas talvez ele ignorasse o incidente, fingindo que nada acontecera, já que, em Paris, não poderia tomar nenhuma atitude.

De repente Kathrin se lembrou de que uma afronta feita a alguém da importância do *sheik* costumava ser vingada com derramamento de sangue.

“Não quero pensar mais nisso! Uma coisa dessas jamais aconteceria em Paris!” — disse a si mesma, desesperada.

Ainda assim, não conseguia esquecer os terríveis atos de vingança de que ouvira falar na África.

Eles resultavam em batalhas, assassinatos e homens que sofriam mortes atrozes, após o que seus corpos eram devorados por aves de rapina.

Tudo o que sabia a respeito das guerras entre tribos voltava a assustá-la, como se fossem fantasmas do passado.

“Como posso ser tola a ponto de imaginar que o *sheik* possa fazer algo perigoso numa cidade tão civilizada quanto Paris?”, ela se perguntou, tentando tranquilizar-se.

Apesar disso, ao pôr um dos vestidos novos, a fim de ir jantar com o marquês, ainda sentia medo, não apenas por si mesma, mas também por ele.

CAPÍTULO V

— Só lhe resta tomar uma atitude, *mon cher*, e acho que você já pensou nela — ponderou Celeste.

— Imaginei todas as possibilidades — declarou o marquês, com rispidez.

Ele se encontrava no quarto de Celeste, que, como sempre, estava encantadora, recostada em seus travesseiros de seda e rendas.

Aquela manhã ela usava um robe rendado e enfeitado com fitas verdes, que combinavam com a cor de seus olhos.

Sorriu ligeiramente, ao perceber como o marquês estava preocupado.

Quando ele lhe contara que o *sheik* estivera em sua casa, na véspera, deixando Kathrin aterrorizada, a reação dela fora de extrema irritação.

— Mas é uma atitude intolerável! Como é que ele ousou fazer isso? Se soubesse que o *sheik* estava em Paris, eu o teria avisado.

— Não duvido, mas ele me fez compreender que as coisas não podem de modo algum continuar como estão. De qualquer modo, terei de voltar para a Inglaterra, mais dia, menos dia.

— Claro, e a solução que lhe proponho é muito simples. Leve Kathrin em sua companhia e torne-se o protetor dela!

O marquês ficou tão espantado que encarou Celeste, como se não tivesse entendido muito bem a sugestão.

— Mas você está insinuando que...

— Evidentemente! Você diz que não pode desposá-la, o que posso compreender. É preciso que você se case com uma pessoa da sua posição. Ao mesmo tempo, é impossível abandonar essa pobre criança, e o *sheik* não a deixará em paz enquanto ela estiver em Paris.

O marquês manteve-se calado.

— De qualquer modo, Kathrin não ficará sozinha durante muito tempo. Você sabe tão bem quanto eu que nenhum francês a pediria em casamento.

— Jamais imaginei que... — disse o marquês, interrompendo.

Foi então que ele se deu conta de que Kathrin lhe ocupara todos os pensamentos desde que estavam juntos. À noite ele mal conseguia dormir,

pensando nela.

— O importante, para qualquer jovem, é ser iniciada nas alegrias do amor por um homem bondoso, gentil e compreensivo, como aconteceu comigo e com André de Villeneuve — disse Celeste, num tom envolvente. — Você é tudo isso, meu caro, e também o amante ideal que todas as mulheres gostariam de encontrar um dia. Ficaria muito surpreendida, se Kathrin já não estivesse apaixonada por você!

O marquês levantou-se e andou pelo quarto, inquieto.

— Imaginei que ela pensava em mim como num segundo pai...

Celeste riu.

— Você é moço demais para que ela o encare como a um pai. Toda mulher vê em você um homem muito atraente e másculo.

O marquês não conseguia disfarçar a perturbação, enquanto Celeste continuava a argumentar:

— Você precisa se dar conta de que não há mais nada a fazer! Kathrin será muito feliz a seu lado, na Inglaterra. Você pode mudar o nome dela, e assim nenhum de seus parentes terá a menor idéia de quem ela é de fato.

O marquês aproximou-se da janela e espiou a rua banhada de sol.

Celeste o contemplava com uma expressão de ternura que ele não percebeu.

Ela não havia esquecido como fora feliz, quando o marquês passara algumas temporadas em Paris a seu lado. A atração que sentiam um pelo outro era tão grande, que eles tinham a sensação de que iriam sucumbir ao ardor daquela paixão.

Como todas as chamas, aquela também acabou por se extinguir, embora Celeste soubesse que o marquês ocupava um lugar muito especial em seu coração, que nunca mais seria preenchido por quem quer que fosse.

— Pensarei em sua sugestão — declarou ele. — Obrigado, Celeste, por se mostrar tão solidária e compreensiva.

— Não gostaria de imaginar que a pequena Kathrin viesse a ficar em outras mãos que não as suas. Se ela precisa acordar e encarar o mundo como ele é de fato, pelo menos será um despertar suave, em vez do choque violento e aterrorizante que ocorre quando se trata da maioria dos homens.

Enquanto Celeste falava, ambos pensavam no *sheik*. O rosto do marquês estava tenso, e havia uma expressão dura em seu olhar.

Então, sem dizer mais nada, ele se despediu de Celeste com um beijo e

partiu em sua carruagem.

Tinha deixado Kathrin sozinha em casa, dando ordens para que não a incomodassem, pois ela dormiria quanto quisesse. Ao despertar, o café da manhã lhe seria servido na cama.

Se aparecesse alguém para visitá-la, os criados não deveriam comunicar-lhe o fato, e uma das criadas ficaria à disposição dela até o marquês voltar.

Como Kathrin, ele sabia muito bem que havia insultado o *sheik* e que as conseqüências poderiam ser sérias. Quanto mais cedo partisse de Paris, melhor.

Ao mesmo tempo, jamais lhe passara pela cabeça que pudesse tornar Kathrin sua amante.

Sentia-se culpado só em pensar nisso, pois ela era jovem demais e tinha a aparência de um anjo. O simples fato de pensar em fazer amor com ela era uma espécie de sacrilégio.

No entanto, ela tinha o ar de uma verdadeira mulher, quando usava os vestidos que lhe comprara. Se quisesse ser honesto para consigo, precisava reconhecer que nada podia ser mais atraente ou fascinante do que despertar uma jovem tão bela, pura e intocada para o êxtase do amor.

Sabia que Celeste tinha toda a razão, ao dizer que o primeiro amante de Kathrin devia ser bom, gentil e compreensivo. Esperava poder preencher todos esses requisitos.

Ela lhe parecia um botão de rosa, ou talvez um lírio fechado, ainda não tocado pelos raios do sol.

Tinha plena consciência de que a expressão de entusiasmo que notava em seus olhos e em sua voz, quando ela o cumprimentava pela manhã, ou quando ele voltava para casa, após uma ausência, não era exatamente a mesma que uma filha mostraria ao pai.

Embora ela talvez não percebesse a seus olhos, o marquês era um homem. Ele se lembrou de como, na véspera, ela se voltara para ele, cheia de medo, e de como seu corpo tremia de encontro ao dele.

Sentiu uma súbita ansiedade por causa dela, e apressou os cavalos. Por outro lado, achava aquela preocupação um tanto ridícula.

Assim que entrou no hall, ouviu um grito de alegria, semelhante ao canto de uma cotovia, e Kathrin desceu a escada correndo.

— Estava à sua espera! — ela revelou. — Receei que o senhor tivesse

me esquecido.

— Mas como isso seria possível? — perguntou, perturbado.

Achou-a mais linda do que nunca, naquele dia, com seu vestido branco enfeitado de bordado inglês e fitas de cetim, da cor de seus olhos.

Kathrin levava na mão o pequeno chapéu que o marquês lhe havia comprado juntamente com o vestido, o qual era valorizado por pequeninas espigas de trigo e margaridas do campo.

— E então? Concluiu seus negócios? — ela perguntou.

— Achei que você gostaria de dar um passeio no Bois, agora de manhã — disse o marquês, sem responder à pergunta — Mais tarde, quando refrescar, poderemos andar a cavalo.

— Eu adoraria. Poderemos ir ao nosso cantinho?

— Sim, claro! — concordou ele, rindo.

O “cantinho” era uma parte do bosque não muito na moda e, portanto, livre de movimento.

Ela ficara entusiasmada com as árvores, cujas copas quase se cruzavam, por cima das alamedas. Suas folhas verdejantes ofereciam proteção contra o sol, formando verdadeiros túneis de sombra.

O marquês nunca havia passeado no bosque com uma mulher que não fizesse questão de se exhibir em sua companhia e provocar a inveja de suas amigas.

Para ele era uma experiência muito nova ver Kathrin escolher o lado mais isolado do bosque. Provavelmente o achava belo, e, quem sabe, lá não teria rivais para disputar com ela a atenção do marquês.

“Como será que ela se sente a meu respeito?”, ele se perguntou.

Não conseguia deixar de pensar o tempo todo nas sugestões de Celeste.

Kathrin contemplou-se no espelho, ajeitando os cabelos, e seus lábios se abriram num sorriso de satisfação.

“Lábios que nunca foram beijados”, pensou o marquês.

Quando chegaram ao Bois de Boulogne, ele dirigiu os cavalos para o famoso cantinho.

— Você se sente feliz? — indagou.

— Tão feliz que tenho a impressão de que conseguiria sair voando pelos céus.

— Eu ficaria muito preocupado, se isso acontecesse, pois poderia

perdê-la.

– Talvez o senhor queira livrar-se de mim!

– Acho que você está querendo provocar elogios. Eu não poderia perdê-la de modo algum, Kathrin!

O modo como ele se exprimia a deixou muito surpreendida. Achou que talvez não tivesse ouvido direito.

– É tão, mas tão maravilhoso, estar com o senhor! Ao mesmo tempo, tenho a sensação de que isto não poderá durar para sempre.

Ele pensava em como responder quando, diante deles, viram uma pequena multidão no centro da alameda.

– Será que houve algum acidente? – perguntou Kathrin.

– Não sei.

Um rapaz pobrementemente vestido aproximou-se correndo, aflito.

– *Monsieur, Monsieur*. Por favor, venha ajudar!

– O que aconteceu?

– Um menino foi ferido! Acho que ele está morrendo! Rápido! Rápido! Precisamos do senhor!

O marquês achou que devia mandar o criado, mas lembrou-se de que este tinha vindo de Londres com os cavalos e não sabia falar francês.

– Pegue as rédeas, Jim – ordenou, descendo da carruagem. Havia feito os cavalos pararem a pequena distância da multidão, que o impedia de ver o que estava acontecendo.

Enquanto ele se afastava, Kathrin ficou imaginando o que poderia estar ocorrendo.

Talvez se tratasse de um menino pequeno que, brincando por entre as árvores, saíra correndo pela alameda e fora atropelado por uma carruagem.

De repente ela ouviu a voz de alguém ao seu lado:

– Por favor, *mademoiselle*, o senhor manda pedir que vá para junto dele.

Pareceu-lhe que era a voz do rapaz que viera solicitar a ajuda do marquês.

Olhou para ver onde ele se encontrava e viu que estava rodeado pela multidão, notando-se apenas a ponta de seu chapéu.

– O senhor disse para ir logo, *mademoiselle* – insistiu o rapaz, num francês arrevesado, difícil de entender.

– Sim, é claro! – ela concordou.

O rapaz estendeu-lhe uma mão muito suja, mas ela dispensou a ajuda e desceu rapidamente. De repente, um homem que estava escondido atrás da carruagem agarrou-a pelo braço, tapando-lhe a boca e arrastando-a. Seu grito foi abafado.

Alguém a segurou pelos pés, levantando-a, e ela teve a impressão de que era o rapaz que lhe falara.

Então, com uma rapidez surpreendente, foi levada para as árvores ao lado da estrada.

Aquela mão pesada ainda lhe tapava a boca, e ela não conseguia imaginar para onde o homem a estava levando. Sabia, porém, que não tinha a menor condição de se debater.

De repente, o terror apoderou-se dela, quando se deu conta de quem era responsável por seu rapto.

Daí a pouco, amarrada e amordaçada, ela foi levada embora numa carruagem fechada, com cortinas nas janelas, de tal modo que não conseguia ver seus raptos.

Tinha certeza de que havia três homens junto dela. Um quarto sentou-se ao lado do cocheiro.

A carruagem afastava-se a toda velocidade. Ela estava sentada numa posição muito desconfortável, com os tornozelos amarrados com uma corda.

Outra corda em torno da cintura lhe amarrava as mãos de lado. Mesmo que não estivesse amordaçada, seria absolutamente inútil gritar.

Os homens não falavam. Kathrin sabia que, se pudesse vê-los, sua tez morena revelaria que eram árabes.

Era desnecessário perguntar quem os havia mandado raptá-la. O marquês a salvara uma vez, mas como poderia saber o que lhe estava acontecendo naquele momento?

Se ele desconfiasse de que a levavam para entregá-la ao *sheik* e a seguisse, talvez de nada adiantasse. Era tarde demais!

Impossível impedir o *sheik* de torná-la sua esposa. Ela se revoltou intimamente, horrorizada, e desejou morrer antes que aquilo acontecesse.

A carruagem ainda se deslocava com rapidez, mas Kathrin percebeu que agora enfrentava o tráfego. De repente os cavalos foram freados bruscamente, partindo logo após receberem uma chicotada.

Daí a pouco ouviu um portão sendo aberto, e os cavalos pararam.

Achou que seria levada à presença do *sheik* e, aterrorizada, começou a

rezar.

“Por favor, meu Deus, ajudai-me... Deixai que o marquês me salve... Por favor, meu Deus, por favor!”

Mesmo rezando, sabia que aquilo de nada adiantaria.

Achou que seus pais a haviam esquecido e que estava sozinha e abandonada.

Então alguém abriu a porta da carruagem, e ela notou que estavam diante de uma construção parecida com uma cocheira.

Dois homens a carregaram para dentro, e ela sentiu o cheiro de feno e de cavalos. Subitamente os homens a depositaram numa caixa estreita e comprida.

Ela mal podia se mexer. Aos poucos, com um sentimento de profundo horror, mais angustiante do que tudo o que experimentara até então, percebeu que estava dentro de um caixão!

Os homens ajeitaram as dobras de sua saia. Num esforço desesperado, Kathrin tentou sentar-se, mas eles a obrigaram a deitar-se.

Daí a pouco a tampa do caixão a cobriu, e ela percebeu que os homens a atarraxavam.

“Morrerei sufocada, aos poucos...”, ela pensou apavorada. Era muito pior do que levar uma punhalada no coração e morrer rapidamente.

Os homens levantaram o caixão e o levaram para fora da cocheira.

Só então Kathrin notou que, de cada lado do caixão, havia pequenos buracos por onde entravam luz e ar, impedindo que ela morresse sufocada.

Durante alguns momentos, aquilo a consolou, mas o terror voltou a apoderar-se dela, pois sabia que seria impossível para o marquês encontrá-la. Quem desconfiaria que o *sheik* não estivesse transportando um cadáver naquele caixão?

“Meu Deus... o que farei? O que farei?”, ela se perguntou, aflita.

A resposta não veio. Ouvia-se apenas o barulho das rodas da carruagem.

Daí uma hora, Kathrin percebeu que os homens desatarraxavam os parafusos da tampa do caixão.

Não tinha a menor esperança de ser salva. Sabia que a tinham levado para uma estação, tendo colocado o caixão num trem.

Houve uma longa conversa entre alguém que ela imaginou ser o chefe da estação e seus raptos.

Finalmente o caixão foi deixado no chão de um vagão, e a conversa prosseguiu. Kathrin imaginou que seus raptos estivessem assinando algum papel.

Estava tão tensa que tinha a impressão de que todos os ossos do corpo lhe doíam. Por outro lado, entrava tão pouco ar pelos orifícios do caixão, que ela sentia a maior dificuldade em respirar.

Finalmente, o trem partiu. De repente, tiraram a tampa do caixão, e ela viu em torno de si rostos morenos. Eram todos árabes, conforme desconfiara.

Como entendesse o árabe, percebeu o que um deles dizia:

— Deu tudo certo. Ela está viva.

— Nem quero pensar no que aconteceria conosco se ela tivesse morrido! — comentou o outro.

— Você tem razão — disse um terceiro. — Vamos soltar a moça. Ele disse que podíamos fazer isso.

Eles retiraram as cordas que prendiam as pernas e a cintura de Kathrin, enquanto outro homem removia o lenço que a amordaçava.

No início ela achou impossível movimentar os braços e até mesmo as mãos, mas, à medida que o sangue voltou a circular, começou a sentir muita dor.

Os árabes a tiraram do caixão, fazendo-a sentar-se numa cadeira. Ela ficou surpreendida com o que viu. Encontravam-se num vagão especialmente reservado, coisa que só pessoas de muitos recursos podiam fazer.

Depois de ter ficado durante tanto tempo amarrada e privada de ar, Kathrin sentia-se fraca. Limitou-se a ficar sentada, enquanto o trem desenvolvia velocidade cada vez maior.

Um árabe trouxe-lhe um copo de água. Ela estava tão fraca que teve de segurar o copo com as duas mãos.

— Está se sentindo bem, *mademoiselle*? — perguntou um dos raptos, em péssimo francês.

— Pelo menos estou viva! — ela respondeu, em árabe. — Vocês me raptaram, e na França isso é crime. Caso sejam presos, serão severamente castigados, e talvez condenados a morrer na guilhotina!

Kathrin pretendia demonstrar coragem e agressividade, mas não havia a menor força em sua voz.

Sabia que os homens estavam impressionados com o fato de ela falar sua língua. Um deles, que parecia o chefe do bando, manifestou-se:

— Estamos obedecendo a ordens, *mademoiselle*, e tomamos todo o cuidado para não machucá-la. Pode pedir o que quiser, enquanto estivermos viajando para Marselha.

— Marselha!

À menção daquele nome, Kathrin ficou assustada. Agora sabia muito bem quem estaria à sua espera em Marselha ou quando chegassem à costa da África.

Fechou os olhos, horrorizada, e um dos árabes murmurou algo:

— Se ela morrer vão mandar cortar nossas cabeças!

— Ela precisa descansar — disse o chefe do bando, com firmeza. — Levem-na para a cama.

Kathrin ia protestar, mas ele lhe tirou o copo da mão e dois homens ajudaram-na a levantar-se, levando-a para o camarote ao lado da sala de estar.

Eles a puseram com delicadeza na cama e ela percebeu, a julgar pela expressão de seu olhar, que estavam muito preocupados. Se algo de mal lhe acontecesse, teriam de enfrentar a cólera do *sheik*.

— Deixem-me. Quero dormir! — ela ordenou, procurando falar em tom autoritário.

Os dois hesitaram. Deviam estar calculando se ela poderia escapar. Finalmente, obedecendo às ordens do chefe, foram para a sala de estar, deixando a porta aberta.

Kathrin sabia muito bem que não podia tomar nenhuma atitude. Mesmo que quisesse saltar do trem em movimento, teria de abrir uma porta ou uma janela, o que não lhe permitiriam fazer de modo algum.

Só podia rezar, mesmo pensando que, por mais fervorosas que fossem suas orações, não podia haver resposta para elas.

De repente, ela se surpreendeu a rezar, não para Deus ou para os pais, mas para o marquês.

“Chegue até onde estou, salve-me!”, pediu do fundo do coração.

Conseguia ver aquele rosto bonito, os olhos que fitavam os seus, e sentia novamente o mesmo magnetismo que a atraía para ele quando estavam sentados bem juntos um do outro, pouco antes de ele descer da carruagem.

Lembrou-se de que ele dissera que não podia perdê-la. Desesperada, chegou à conclusão de que o havia perdido para sempre.

“Nunca mais o verei...” murmurou. “Mas eu o amo!”

Ao aproximar-se da pequena multidão, o marquês viu um garoto caído no chão.

Os olhos dele estavam fechados, e seu rosto sujo parecia manchado de sangue.

— O que aconteceu? — perguntou aos outros meninos que se encontravam ali, olhando.

Chegou bem perto do menino ferido e foi imediatamente rodeado pelos demais.

— Recuem! Se o menino se feriu, ele precisa de ar!

Não lhe obedeceram, embora ele falasse com aquela autoridade que normalmente garantia o rápido cumprimento de suas ordens.

Em vez disso, todo mundo começou a falar ao mesmo tempo, contando uma história confusa. Pelo visto, o menino fora atropelado por uma carruagem puxada por quatro cavalos, que se afastara a galope sem socorrê-lo.

— Primeiro temos de tirá-lo da estrada e em seguida precisamos ver se ele não quebrou nenhum osso.

O marquês voltou a olhar o rosto do menino, e então lhe ocorreu que aquelas marcas vermelhas pareciam mais tinta do que sangue.

Tentou se convencer de que estava enganado, e de repente um dos garotos assobiou.

Para seu grande espanto, o menino ferido levantou-se e saiu correndo em direção às árvores.

Os demais o seguiram, com tamanha rapidez que, antes que pudesse perceber o que estava acontecendo, o marquês se viu numa alameda vazia.

“Isso tudo não passa de uma brincadeira de péssimo gosto”, disse a si mesmo, com raiva.

Voltou rapidamente para a carruagem, e só ao chegar perto dela notou que Jim segurava as rédeas com uma expressão muito assustada.

— Onde está a Srta. Kathrin? — perguntou com rispidez.

— Não sei milorde. Um rapaz falou com ela em francês. A senhorita desceu da carruagem e, quando eu olhei para trás, uns homens a estavam carregando lá pelo meio das árvores.

— Você viu isso? — indagou o marquês, alarmado.

— Sim, eles a levaram embora, milorde, e eu não sabia o que fazer.

Furioso, o marquês sentiu vontade de insultar o criado, que sempre lhe parecera pouco inteligente.

Compreendendo subitamente o que acontecera com Kathrin. Ordenou ao criado que lhe desse as rédeas e subiu na carruagem, saindo em disparada para a casa de Celeste.

Enquanto percorria apressado a Rue du Faubourg St. Honoré, o marquês pensava no que faria se não encontrasse a amiga.

Para seu grande alívio, Celeste saía de casa, acompanhada por um francês a quem o marquês conhecia muito bem e que encontrara em mais de uma ocasião.

Ele fez parar os cavalos, entregou as rédeas a Jim e desceu rapidamente.

Só de ver a expressão de seu rosto, Celeste compreendeu que havia acontecido algo desagradável.

— O que foi? — ela perguntou, preocupada.

— O *sheik* raptou Kathrin! Onde é que ele se hospeda quando vem a Paris?

— Raptou-a? — perguntou Celeste, muito admirada.

— Onde é que ele se hospeda? — insistiu o marquês.

— Creio que no Hotel Continental. — Celeste voltou-se para seu companheiro: — Jacques estamos falando do *sheik* Hassan El Abdullah. Lembro-me de você ter dito que não gostava dele. Não acha que tenho razão, ao supor que ele se hospeda no Continental?

— Agora que você tocou no assunto, lembro-me de tê-lo visto entrando lá ontem à tarde. Espero não ser obrigado a encontrá-lo, enquanto ele estiver em Paris.

— Obrigado — disse o marquês.

Sem acrescentar mais nada, ele voltou para a carruagem e tirou as rédeas de Jim.

Daí a meia hora estava na Gare de Lyon, falando com os funcionários.

Estes confirmaram a informação que haviam dado ao marquês um quarto no hotel. O *sheik* havia partido para Marselha e viajava num vagão particular, ligado ao expresso da manhã.

— Como? O expresso da manhã?

— *Oui, monsieur*. O trem partiu às nove e meia.

— Tem certeza de que o *sheik* estava nele?

– Certeza absoluta, *monsieur*. Eu o acompanhei até o vagão. O marquês permaneceu em silêncio, e outro funcionário, que acabava de entrar, deu mais uma informação:

– Outro vagão particular, alugado pelo *sheik*, foi ligado ao expresso do meio-dia, que acaba de partir.

– E quem estava nele?

– Alguns árabes, *monsieur*. Eles transportavam um defunto.

– O que você quer dizer exatamente com isso?

– Eles carregavam um caixão, milorde.

– Um caixão? Tem certeza?

– Mas é claro, milorde.

– E não havia nenhuma mulher com eles?

– De modo algum, milorde. Eram seis homens e um caixão. O marquês refletiu durante alguns momentos e chegou a uma conclusão.

– Quero alugar um trem especial que me leve até Marselha, e com toda a rapidez possível!

Para Kathrin, aquela viagem parecia não ter mais fim.

Não podia sequer pensar em escapar.

Os árabes vinham o tempo todo até a porta da cabine ver se ela estava lá. Após uma hora de viagem, trouxeram-lhe comida e chá de menta.

Ela tomou o chá e, como ainda se sentia muito fraca, tentou comer um pouco, embora achasse quase impossível engolir.

Só conseguia pensar no que a aguardava, quando chegasse a Argel. Era para lá que iam, a julgar pelo que os árabes diziam.

– “Ele” estará à nossa espera em Argel – disse um dos indivíduos.

Kathrin deduziu que o *sheik* tinha viajado na frente, pois queria evitar a companhia dela. Seria humilhante, se ela tentasse desafiá-lo ou brigasse com ele diante de seus homens.

Percebia que, como todos os *sheiks* árabes, ele tinha imenso orgulho, não apenas de chefiar uma tribo, mas também de sua masculinidade junto às mulheres do harém.

Estava acostumado a que as mulheres lhe beijassem os pés, numa atitude de adoração, e devia achar que elas consideravam um grande privilégio o fato de serem suas concubinas.

Kathrin percebeu, portanto, que o *sheik* queria conversar com ela em particular.

Pensou com desespero no que poderia dizer ou fazer a fim de que ele a libertasse.

Kathrin recordou-se então do fogo que brilhava naqueles olhos, e teve certeza de que o *sheik* a possuiria, conforme havia afirmado.

Ela era muito inocente e não tinha idéia de como um homem fazia amor com uma mulher.

Entretanto, a simples idéia de vir a ser tocada ou beijada pelo *sheik* era tão assustadora e degradante, que desejou morrer antes que aquilo acontecesse.

Imaginou com desespero como faria para se matar, a menos que conseguisse tirar um dos punhais da cintura do *sheik* e, antes que ele pudesse impedir cravá-lo em seu peito.

Seu pai lhe havia dito que, pouco acima das costelas, havia um lugar muito vulnerável. Qualquer pessoa que fosse atingida ali pela ponta de um punhal morreria instantaneamente. “Por que não perguntei a papai onde era exatamente?” Sabia, porém, que, quando chegasse o momento, seu pai a guiaria pela mão e ela morreria, antes que o *sheik* pudesse torná-la sua esposa.

Por outro lado, se o marquês a beijasse seria para ela a coisa mais perfeita e maravilhosa que poderia acontecer.

Ele devia ter beijado muitas mulheres, e Kathrin tinha certeza de que elas jamais deviam ter esquecido aquela experiência embriagadora.

O marquês era belo e imensamente atraente. Agora ela sabia que ele era o homem que sempre contemplava em seus sonhos, uma mistura de seu pai e de todos os heróis dos romances lidos no convento.

Até aquele momento, o homem de seus sonhos não tivera fisionomia.

Ele era alto, moreno e bonito, e dirigia-se a ela com a mesma voz profunda e melodiosa com que o marquês lhe falara pouco antes de deixá-la no Bois.

Agora ela tinha plena consciência de que o homem a quem queria amar, e que poderia torná-la tão feliz quanto seus pais tinham sido, era o marquês.

“Se pelo menos ele me tivesse beijado uma vez, eu teria muito em que pensar, antes de morrer...”, refletiu.

Só lhe restava lembrar-se de sua bondade e de como se sentira reconfortada e segura quando, ao se afastarem da casa de Celeste, pegara na mão dele e percebera que ele apertava a sua.

— Eu o amo! Eu o amo! — murmurou.

A despeito da sensação de desamparo e da lógica que lhe dizia que o marquês, mesmo adivinhando para onde a levavam, não viria a tempo de salvá-la, esperava que, graças a um milagre, ele estivesse à sua espera em Marselha.

No entanto, quando os árabes a fizeram deitar-se novamente no caixão, percebeu que sua esperança era tão pouco razoável que de nada adiantava pensar no assunto.

— Se a senhorita permanecer quieta, não a amarraremos — disse o chefe do bando. — Mas, para que não grite, seremos obrigados a amordaçá-la.

— Não posso me mexer num espaço tão pequeno! Por favor, não me amarrem!

Como não queria que os homens tocassem nela, Kathrin entrou no caixão sem protestar.

Quando eles amarraram um lenço não muito limpo em torno de sua boca, ela recostou a cabeça num pequeno travesseiro de cetim.

Para seu alívio, eles só puseram a tampa alguns minutos antes de chegarem ao fim da viagem. Nesse momento, viu algo que não tinha notado: uma coroa de flores brancas estava colocada no centro da tampa, provavelmente para impressionar quem olhasse para o caixão.

Era ainda muito cedo, quando chegaram a Marselha, e muito pouca luz entrava através dos orifícios do caixão.

Uma carruagem os transportou da estação até o cais.

Tudo aquilo tinha sido planejado com muita esperteza, pois nem os proprietários de navios nem os chefes de estação gostavam de transportar caixões.

Ela adivinhou que estava sendo levada para o vapor que a conduziria de Marselha a Argel, antes que os demais passageiros pudessem ver o caixão e se mostrassem supersticiosos pelo fato de viajarem com um defunto.

O caixão foi levado para um dos dois camarotes do convés principal. Kathrin ouviu um dos oficiais de bordo recomendar aos árabes que verificassem se as cortinas estavam fechadas e tomassem todo o cuidado para manter a porta sempre cerrada.

— Não esqueceremos — disse o chefe do bando.

— Só poderão desembarcar quando os demais passageiros tiverem

descido. Imagino que deve ter algum meio de transporte à espera do caixão, não?

— Sim, sim, tudo foi providenciado.

O oficial deu-se por satisfeito e afastou-se. Só então os árabes retiraram a tampa do caixão para ver se Kathrin estava bem.

— Estou viva — ela declarou, antes que lhe fizessem perguntas —, mas sinto dificuldade de respirar.

— A senhorita precisa ficar aí até o navio partir — afirmou o chefe. — Então eu a deixarei levantar-se, mas, se por acaso tentar sair do camarote, eu a amarrarei e espancarei! Entendeu?

Kathrin sabia que ele a ameaçava pelo fato de estar assustado. Tinha certeza de que ele não encostaria um dedo nela, com medo de que depois ela se queixasse ao *sheik*.

— Não tentarei fugir, mas deixe-me sair assim que for possível. Sinto câibras nas pernas.

O árabe mostrou-se compreensivo, mas estava nervoso demais para deixá-la abandonar o caixão enquanto o vapor não partisse.

Os homens tentavam ser gentis, à sua maneira, e perguntaram-lhe o que ela gostaria de beber. Providenciaram alguns biscoitos, certamente mais saborosos do que a comida com que se alimentavam.

Tentaram explicar mais uma vez que se limitavam a obedecer às ordens do *sheik*.

Kathrin sabia muito bem que aquelas demonstrações de delicadeza se deviam ao fato de ela ser a futura esposa principal do *sheik*. Apesar disso, sentia-se grata por aquelas pequenas gentilezas.

Enquanto o navio avançava mar adentro, pensara com desespero que, àquela altura dos acontecimentos, o marquês já devia ter aceitado o inevitável, sabendo que não poderia salvá-la sem iniciar uma verdadeira guerra contra o *sheik*.

Mesmo que ele se dispusesse a fazê-lo, uma vez que ela já estivesse casada, era mais do que certo que qualquer diplomata da França, Inglaterra e Marrocos o aconselharia no sentido de não interferir.

Além do mais, depois que ela se tornasse propriedade do *sheik* e tivesse sido possuída por ele, quem haveria de querê-la?

Durante a viagem em direção à África, Kathrin sentiu que havia mergulhado num inferno pior do que tudo o que imaginara até então.

Ao mesmo tempo, tinha se tornado mais adulta. Já não era mais uma criança, mas uma mulher, que sofria não só por sentir medo, mas também por estar apaixonada.

A cada momento do dia, seu amor pelo marquês tornava-se cada vez mais forte.

Como pudera ser cega a ponto de não perceber quanto o amava e como ele preenchia sua vida, com exclusão de qualquer outra pessoa?

Agora entendia o que seu pai queria dizer, ao afirmar que o amor era mais importante do que tudo, neste mundo.

Agora compreendia por que ele e sua mãe tinham enfrentado a família e as convenções nas quais haviam sido educados, preferindo viver no exílio a ficar longe um do outro.

“Aquilo sim era amor, amor verdadeiro. É o mesmo amor que sinto pelo marquês...”, refletiu.

Seus olhos ficaram marejados de lágrimas, mas ela não as deixou cair. Desistira de chorar, de gritar e até mesmo de lutar contra o destino.

Sabia apenas que tinha encontrado o amor e o perdera. A menos que morresse, sofreria terrivelmente.

“Eu o amo! Eu o amo!”, dizia, com toda a força de sua mente, seu coração e sua alma.

Não enxergava os árabes sentados de pernas cruzadas no chão do camarote, nem ouvia as risadas e conversas dos passageiros no convés.

Tudo o que conseguia ver era o rosto bonito do marquês. Só ouvia sua voz profunda e melodiosa, declarando que não podia perdê-la de modo algum.

Entretanto, ele a perdera. Agora a esqueceria e voltaria para sua casa na Inglaterra, suas vastas propriedades e sua família. Desposaria então uma criatura que fosse da inteira aprovação de seus parentes.

Se voltasse a pensar nela, seria unicamente porque alguém teria mencionado o nome do pai dela e o modo reprovável como ele tinha se comportado.

“O marquês se esquecerá de mim...”, murmurou Kathrin.

Sabia que a angústia que experimentava era mais intensa e violenta do que tudo o que sofreria nas mãos do *sheik*.

CAPÍTULO VI

Quando a noite caiu, os árabes, a pedido de Kathrin, deixaram-na sozinha no camarote, a fim de que ela pudesse se lavar, antes de deitar-se na única cama ali existente.

Ela percebeu que eles estavam de guarda do lado de fora, e que lhe seria impossível fugir.

Mesmo se conseguisse atrair a atenção de um passageiro, tinha certeza de que eles abafariam seu grito de socorro.

“Não há nada que eu possa fazer”, pensou, no auge da infelicidade.

Sentia que cada pulsação das máquinas do vapor a levava cada vez mais para longe do seu amor.

A embarcação navegava com muita lentidão. Em determinado trecho da viagem, o Mediterrâneo ficou tão agitado que os árabes começaram a enjoar, e não paravam no camarote.

Isso, porém, não lhe serviu de consolo, e ela procurou dormir.

No entanto, só conseguia pensar no marquês e em como eles tinham sido felizes em Paris.

Depois começou a recordar o que vira dos haréns árabes quando viajava com o pai.

Isso se dera havia muito tempo, quando ela ainda era criança. Lembrava-se porém, das mulheres reclinadas em sofás suntuosos. Elas pareciam não ter nada a fazer, a não ser comer, dormir e manter conversas inconseqüentes umas com as outras.

Era um tipo de vida inteiramente diverso do que ela levava com os pais, ou das horas felizes passadas ao lado do marquês, em Paris.

“O fato de eu morrer por minhas próprias mãos ou morar em algum harém não tem a menor importância”, refletiu Kathrin. “Viver esse tipo de vida representaria a morte de tudo o que tem importância para mim.”

Quando chegou a manhã, os árabes lhe trouxeram comida, além de café, o que lhe deu forças para se concentrar no que deveria fazer.

Sabia que se aproximavam cada vez mais de Argel. O que receava acima de tudo era ver mais uma vez aquela expressão de devasso nos olhos do *sheik*.

“Preciso tomar uma atitude!”, refletiu.

Era-lhe impossível pensar no que poderia fazer sem correr o risco de ser tratada com violência por aqueles homens sentados no chão.

Sabia que, apesar de eles estarem jogando baralho, em nenhum momento perdiam consciência da presença dela. Bastava-lhe fazer um movimento qualquer para que todos os rostos se voltassem em sua direção.

As longas horas do dia passaram num ritmo insuportavelmente lento.

Quando finalmente o sol perdeu parte do calor, os árabes começaram a conversar entre si, cerrando em seguida as cortinas. Kathrin percebeu que eles já tinham avistado terra.

Talvez o vapor fosse mais rápido do que imaginara e eles tivessem chegado a Argel antes do que ela esperava.

A viagem com certeza fora mais demorada, da última vez em que ela cruzara o Mediterrâneo, mas viajara num navio muito velho.

Além do mais, naquela época ela estava muito magoada com a morte da mãe. A travessia lhe parecera interminavelmente longa.

Os árabes conversavam com grande animação, apontando para a cidade que conheciam tão bem.

Em seguida, voltaram-se para Kathrin, e ela percebeu que havia chegado o momento de entrar no caixão.

Eles passaram novamente um lenço por sobre sua boca. Antes que tivesse o impulso de lutar contra a falta de luz e ar, a tampa do caixão a cobriu.

Procurou não ouvir e muito menos pensar. Fechou os olhos e rezou para que o pai a ajudasse a encontrar um modo de morrer.

Embora apreciasse muitos árabes, dos quais se tornara amigo, Gerald Elke ficaria horrorizado, ao saber que sua filha se tornaria uma das esposas do *sheik*, passando então o resto da vida encarcerada num harém.

“Salve-me, papai, salve-me!”, ela implorou.

Ouviu-se então o barulho do vapor atracando no cais. Os árabes não disfarçavam a excitação de que se achavam possuídos. Acaso o *sheik* os aguardaria no cais ou teria dado ordens para que o caixão fosse levado para alguma casa da cidade?

A julgar pelo que conhecia dos árabes, Kathrin achou a segunda hipótese mais plausível.

Não lhe restava mais nada a fazer, a não ser rezar desesperadamente.

Subitamente, ouviu a porta do camarote se abrir e o som de uma voz autoritária falando em francês.

Era difícil entender o que se dizia, mas pareceu-lhe que os árabes protestavam, embora não entendesse de que se tratava.

Para seu grande espanto, ouviu desatarraxarem o caixão. Receou ter-se enganado. Talvez as ordens não partissem de um francês, mas do próprio *sheik*.

Quando a tampa foi erguida, Kathrin ficou de olhos fechados, aterrorizada diante da perspectiva de ver aquele rosto moreno tão temido e odiado.

De repente, como se algo a obrigasse a isso, abriu os olhos e deparou com o rosto amado do marquês.

O marquês ficou desesperado, quando, ao chegar a Marselha, verificou que o vapor em que viajavam os seis árabes com o caixão já havia deixado o porto.

O trem especial no qual viajara tinha saído duas horas depois do expresso que transportava Kathrin.

Ele chegara tarde demais a Marselha, e não pudera impedir que ela fosse levada para o vapor.

O chefe da polícia de Paris já tinha telegrafado ao seu colega de Marselha, e o marquês recebeu todas as informações de que necessitava. O policial também garantiu que, mesmo que ele não chegasse a Argel antes do vapor, Kathrin e seus acompanhantes seriam impedidos de desembarcar enquanto não investigassem o que havia dentro do caixão.

Felizmente, por um golpe de sorte extraordinário, o iate do marquês se encontrava em Marselha, pronto para zarpar.

Ele tinha dado ordens ao capitão para levá-lo até Monte Carlo, mas, ao chegar a Paris, soube que o capitão, após enfrentar um violento temporal na baía de Biscaia, aportara em Marselha, para mandar fazer alguns pequenos consertos no iate.

Ao adivinhar que Kathrin estava sendo levada para Marselha, o marquês deu instruções para que o *Leão do Mar* permanecesse no porto, pronto para zarpar a qualquer momento.

Assim que o chefe de polícia lhe informou que um vapor havia partido para Argel com um caixão a bordo, ele correu até o *Leão do Mar*, ordenando ao capitão que fizesse tudo para chegar a Argel o mais rápido possível.

Conseguiram ultrapassar o vapor durante a noite, e o marquês pensou em abordá-lo antes que ele tocasse a costa africana.

A polícia, entretanto, não tinha o menor interesse em provocar uma cena em público com o *sheik* e, sem dúvida, hesitaria em processá-lo por rapto.

Essa solução também não interessava ao marquês, pois, se soubesse que ele estava envolvido, a imprensa faria reportagens escandalosas, o que seria péssimo para a reputação de Kathrin.

Ele não queria de modo algum que o mundo ficasse sabendo que ela era o fruto da fuga de Gerald Elke com a dama de companhia da rainha. No que dependesse dele, as ligações de Kathrin com a família Elke jamais seriam divulgadas.

Isso só serviria para tornar a situação ainda mais difícil do que ela se apresentava.

Se o *sheik* conseguisse levar Kathrin em sua companhia, nunca mais se ouviria falar dela.

Só de imaginar aquele homem tocando-a, sentia o sangue ferver-lhe nas veias.

Como é que ele ousava raptar uma jovem com tamanha desfaçatez? Como ousava imaginar que podia tratar uma européia daquele jeito, transformando-a praticamente numa escrava?

O marquês convenceu-se de que seria capaz de matar aquele indivíduo ou qualquer outro homem que magoasse Kathrin.

“Tenho de salvá-la!”, repetia consigo mesmo. Sabia que não podia deixar de fazê-lo, por mais que isso lhe custasse.

O *Leão do Mar* superou todas as expectativas e chegou ao porto de Argel antes do meio-dia.

— Tenho certeza, milorde, de que batemos um novo recorde! — afirmou o capitão, com muito orgulho.

Ele ficou surpreso ao notar que o marquês não parecia tão entusiasmado com a informação.

Na verdade, ele estava preocupado em desembarcar o mais breve possível, a fim de verificar se o chefe de polícia se encontrava à sua espera.

Para seu grande alívio, lá estava ele, acompanhado de vários guardas uniformizados.

O marquês era homem de suficiente importância para que tudo fosse

feito conforme seus desejos, o que incluía manter em segredo a identidade de Kathrin.

O chefe de polícia e seus homens subiram a bordo do vapor, depois que os passageiros desembarcaram.

O caixão ficaria lá até o último momento, de forma que os participantes da viagem não ficassem sabendo de sua presença.

Quando a polícia abriu a porta do camarote, os árabes ficaram surpreendidos e muito perturbados.

O marquês só tinha olhos para o caixão, com sua coroa de flores murchas.

O chefe de polícia ordenou que tirassem a tampa, e ele esperou, com um sentimento de apreensão mais doloroso do que tudo o que havia experimentado na vida.

E se ele tivesse se enganado e Kathrin não estivesse lá dentro?

Se fosse assim, não teria a menor idéia de onde ela se encontrava ou do que tinha acontecido. Nesse meio tempo, talvez ela já tivesse desposado o *sheik* e já estivesse em seu harém, de onde seria impossível tirá-la.

Ao ver os cabelos dourados de Kathrin espalhados sobre o travesseiro de cetim e a mordaca em sua boca, ele sentiu que o sangue lhe retornava às veias e que conseguia voltar a respirar.

Lá estava ela, sã e salva! Como, porém, mantinha os olhos fechados, o marquês entrou em pânico, achando que devia estar morta.

Quando, porém, ela o contemplou e seu rosto foi inundado por uma luz radiosa, sentiu-se o mais feliz dos mortais.

O marquês descia uma escada com cuidado, transportando Kathrin nos braços, e ela percebeu que estava sendo levada para um camarote.

Agora nada mais lhe importava, pois ele estava lá e a tinha salvado.

Não sentia a menor vontade de falar ou de fazer perguntas. Sabia apenas que o pesadelo chegara ao fim, que estava junto do marquês e que o coração dele batia de encontro ao seu.

Ele a carregava com facilidade, e ela teve a vaga curiosidade de saber para onde iam, embora, no fundo, aquilo tivesse muito pouca importância.

Ouvia gente falando e gritando, mas as vozes vinham de muito longe. A única coisa que importava era que o marquês a tinha em seus braços e que ela estava viva.

Ele a carregou durante um bom trecho e então subiu a bordo de um

iate, dirigindo-se a alguém em inglês. Daí a pouco desciam uma pequena escada e, sem que ninguém dissesse, ela adivinhou que entravam num camarote. Foi só então que o marquês lhe dirigiu a palavra:

— Você está bem? Aqueles demônios não a machucaram? Kathrin abriu os olhos e notou que o rosto do marquês estava bem próximo ao dela.

— Cheguei a pensar que teria de me matar!

O som de sua própria voz pareceu libertar a tensão e o horror que a tinham invadido durante tanto tempo, e ela começou a chorar.

Enterrou o rosto no peito do marquês, sem conseguir controlar as lágrimas que lhe vinham do fundo da alma.

— Agora está tudo bem — ele garantiu, procurando consolá-la. — Prometo-lhe que isso nunca mais voltará a acontecer!

— Eu rezei tanto... tanto... mas não acreditei que o senhor seria capaz de me salvar.

— Mas eu a salvei, sim! Você agora está em completa segurança. Sei como deve ter sido horrível para você, mas essa cruel aventura chegou ao fim.

— Quem sabe ele voltará a tentar! — ela murmurou, controlando o choro.

— Se depender de mim, garanto que isso não acontecerá jamais!

— O senhor está aqui! O senhor está aqui de verdade! — ela disse como se sentisse dificuldade em acreditar.

Encarou o marquês com lágrimas nos olhos, e ele achou que dificilmente uma criatura poderia ser tão jovem, tão adorável e, ao mesmo tempo, tão necessitada de proteção.

— Você está a salvo! Prometo que nada de mal lhe acontecerá daqui por diante.

Ele a acomodou com muito jeito na cama e sentou-se na beirada.

— Acho que agora você deveria tomar um banho. Quero que estréia o banheiro que acabo de instalar aqui no iate. Em seguida jantaremos, e você me contará tudo o que lhe aconteceu. Quanto a mim, contarei como bati todos os recordes de navegação, a fim de poder salvá-la!

— O senhor foi maravilhoso! Jamais supus que conseguisse imaginar o que estava acontecendo comigo.

— Estou magoado, pois acho que você subestima minha inteligência!

Kathrin sabia que ele estava brincando e, embora seu rosto ainda

estivesse molhado de lágrimas, conseguiu sorrir.

— Gostaria muito de tomar um banho, mas não trouxe nenhuma roupa e terei de continuar usando estas — ela se queixou.

— Amanhã tudo será diferente — prometeu o marquês. — Como saí de Paris às pressas, deixei um recado para o mordomo, Hicks, a fim de que ele trouxesse sua bagagem e a minha. Ele deve chegar no próximo navio, que atracará amanhã bem cedo.

— O senhor pensa em tudo!

— Na verdade, todos os meus pensamentos se voltaram para você, e eu tenho andado muito ansioso.

Havia qualquer coisa no modo como o marquês se exprimia que levou Kathrin a sentir que ele se importava realmente com o fato de perdê-la, o que fez seu coração bater com mais força.

— Bem, vou lhe buscar uma taça de champanhe. Acho que você a merece, depois de tudo o que passou. Um dos marinheiros preparará um banho para você. Em seguida, teremos a noite inteira para conversar.

— Será esplêndido! — declarou ela.

Após banhar-se, sentiu muito não poder usar algo que não fosse aquele vestido amarrotado e do qual já estava enjoada.

Ficou, portanto, muito surpreendida, quando, ao sair do banheiro, usando um roupão felpudo e largo, viu algo estranho em cima da cama.

Durante alguns instantes não entendeu de que se tratava até ouvir uma batida na porta, que se abriu, dando passagem a um marinheiro.

— Como a senhorita não tem o que vestir o senhor marquês achou que gostaria de experimentar este *kaftan*. Ele acaba de ser comprado em uma das lojas do porto.

— Um *kaftan*!

Kathrin lembrou-se de que sua mãe há muito tempo, comprara vários *kaftans* em um bazar, usando-os de vez em quando, à noite, a fim de agradar a seu pai.

Percebeu que o *kaftan* azul-hortênsia e de seda pura, bordado na gola e nas mangas, certamente a deixaria muito mais elegante do que o vestido amarrotado.

— Muito obrigada! Por favor, diga ao senhor marquês que irei ter com ele assim que me vestir.

Quando ficou pronta, percebeu que o marquês sabia observar os

detalhes e adivinhara o que lhe serviria melhor.

Qualquer penteado iria mal com um traje original como aquele, e assim ela se limitou a partir os cabelos ao meio, deixando-os cair pelos lados do rosto.

Ao contemplar-se no espelho, achou-se muito feminina. Esperava agradar ao marquês.

Ao sair do camarote, sentiu-se intimidada, ao ver que o criado a esperava, a fim de acompanhá-la até o salão, onde o marquês se encontrava à sua espera.

Era uma peça muito elegante. As paredes eram cobertas de painéis de madeira clara, e os sofás, cadeiras e cortinas, de *chintz* estampado com flores exóticas e pássaros.

Kathrin não reparou direito na decoração, pois só tinha olhos para o marquês, extremamente elegante num *blazer* azul-marinho, enfeitado com botões dourados, e uma calça branca.

Correu em sua direção, e ele sorriu.

— Que boa idéia o senhor teve! Adorei o *kaftan*, havia me esquecido como eles são bonitos!

— Pois eu lhe comprarei um ainda mais belo. Este foi o que eu pude encontrar de melhor na loja do Porto.

Kathrin soltou um suspiro de felicidade e sentou-se no pequeno sofá.

— Será que estou de fato aqui em sua companhia? E que tudo não passa de um sonho? Tenho medo de acordar!

— Mas você está acordada! Esqueça-se de tudo o que aconteceu desde a última vez em que nos vimos em Paris. — É uma ordem!

— Tentarei, mas quero tocá-lo, a fim de me certificar de que o senhor é real.

O marquês prendeu a respiração, e estava a dizer algo, quando a porta se abriu e um marinheiro entrou com o jantar.

Foram para a mesa, e, embora achasse que não conseguiria comer, Kathrin descobriu que tinha muita fome. Não tinha conseguido comer quase nada do que haviam lhe servido no navio, e bebera apenas café.

Agora, aquela deliciosa comida lhe parecia irresistível, provou um pouco de cada prato, bebendo apenas alguns goles de champanhe.

Enquanto os criados os serviam, falaram a respeito de tudo, menos de si próprios.

Quando o jantar chegou ao fim, o marquês sentou-se numa poltrona, com um copo de vinho do Porto.

Kathrin ouviu o motor de o iate se pôr em movimento e ficou intrigada.

— Escureceu, e vamos nos afastar um pouco da costa, pois quero que você tenha uma noite tranqüila sem ser incomodada pelos barulhos do porto — explicou o marquês.

— Então o senhor se preocupa comigo?

— Mas é claro que sim! Para mim, tem sido impossível pensar em qualquer outra coisa, nestas quarenta e oito horas.

Passei por momentos angustiantes e espero que eles não voltem nunca mais.

Kathrin desviou o olhar, e o marquês prosseguiu:

— Quero que você repouse. Iremos para qualquer lugar do Mediterrâneo que você escolha, e então poderemos falar de nós e de nosso futuro.

— No momento, sinto-me muito contente com o presente. — disse Kathrin, com a voz trêmula.

Naquele momento, ela esperava estar numa casa árabe, na companhia do odioso *sheik*, ou então em pleno deserto, levada por ele.

O marquês pareceu ter adivinhado seus pensamentos:

— Esqueça-se de tudo! Quero que pense unicamente em nós dois, Kathrin. Agora, vou mandá-la para a cama. Amanhã, quando o sol brilhar, nós nos sentiremos felizes por estarmos juntos. Conversaremos então sobre todas as coisas que a preocupam. Creio, porém, que devemos esperar até você estar mais tranqüila e descansada.

— Acho que o senhor tem razão... Nada mais importa, a não ser o fato de eu me encontrar aqui com o senhor, na mais completa segurança. Estou salva!

— Completamente salva!

O iate se deslocava através das águas. Kathrin levantou-se.

Estava linda, à luz das velas. O *kaftan* moldava-se a seu corpo, revelando a curva suave dos seios e valorizando-lhe a cintura delgada.

— Dificilmente um vestido lhe iria tão bem — disse o marquês, como se estivesse pensando em voz alta. — Talvez, quando suas roupas chegarem, amanhã, eu mude de idéia e prefira vê-la num vestido vaporoso, cheio de

rendas parisienses. Mais do que acontece agora, ele lhe dará a aparência de um verdadeiro anjo!

— O senhor está sendo muito poético... — disse ela, sorrindo.

— Por mais estranho que pareça, é assim que me sinto, Kathrin, e a responsável é você!

Ela quis desviar o olhar, mas não conseguiu, e disse timidamente:

— Bem... seguirei sua sugestão, mas espero que o dia de amanhã chegue logo, pois tenho muito que lhe dizer!

Kathrin se dirigiu à porta, e o marquês ficou a contemplá-la enquanto ela se afastava.

Ao se ver a sós, ele saiu do salão e foi até o convés, espiar as luzes de Argel à distância.

Ordenara ao capitão que não se afastasse muito da costa, pois, embora não tivesse dito nada a Kathrin, pedira a seus advogados de Paris que investigassem a quem pertencia à casa de campo onde a mãe dela morara nos últimos dias de sua vida, e esperava notícias para breve.

Pedira-lhes também que verificassem se lady Blyton tinha conta aberta em algum dos bancos de Argel.

Enquanto aguardava a chegada do vapor que trazia Kathrin, tivera uma breve conversa com o principal encarregado da investigação.

Foi informado de que o conde de Villeneuve, após encerrar seu mandato como governador do Senegal, recebera um posto mais importante no norte da África.

Ele adquirira então a casa de campo em Argel, onde pretendia viver com lady Blyton.

O marquês gostaria de descobrir muito mais coisas e sobretudo saber se Kathrin teria herdado algum dinheiro.

Ordenou ao advogado que completasse as investigações com toda a rapidez possível. Agora havia somente algumas questões a resolver, antes que eles partissem e se esquecessem por completo da existência daquele lugar.

O marquês ficou parado no convés, sentindo o ar marinho.

O calor do dia desaparecera, e soprava uma brisa suave, vinda do mar.

Tudo era tranquilo e belo, e ele desejou que Kathrin estivesse a seu lado.

Quando o iate parou em uma pequena baía e ancorou, o marquês

percebeu que estavam a curta distância da costa.

Como gostaria de contemplar as estrelas ao lado de Kathrin! Elas pareciam brilhar cada vez mais, até dar a impressão de que o céu estava cravejado de diamantes. Suas luzes se refletiam nas águas sombrias.

Tudo aquilo era tão belo que o marquês sentiu vontade de compartilhar a emoção daquele momento com Kathrin, passando a reconhecer como necessitava dela.

Era experiente demais para ignorar que ela o amava e que em seus olhos surgia um brilho, quando ela o fitava, e sua voz tremia, quando ela lhe agradecia por algo que ele tinha feito.

Sabia também que ela ainda não despertara para o fogo e os transportes de amor que podem existir entre um homem e uma mulher. Ensiná-la seria a tarefa mais excitante e perturbadora que ele poderia executar em toda a sua vida.

Lembrava-se de Celeste ter dito que era importante para uma mulher ser iniciada por um homem gentil e terno, em sua primeira experiência amorosa.

Prometeu a si mesmo que agiria assim e faria de tudo para que Kathrin experimentasse um êxtase espiritual, muito diferente daquela paixão sensual que poderia existir entre dois amantes experimentados.

“Ela é muito jovem, pura e idealista. Preciso, portanto, me controlar.”

O sangue latejava em sua fronte e ele sentia dificuldade de respirar, enquanto seu coração batia descompassadamente.

“Eu a desejo! Meu Deus, como eu a desejo! Celeste tinha toda a razão. Preciso protegê-la e cuidar dela como mais ninguém seria capaz de fazer.”

Olhou para as estrelas e imaginou que Kathrin se encontrava a seu lado.

Num arroubo de fantasia, achou que deveria tirar as estrelas do céu e colocá-las, como uma auréola, em seus cabelos tão louros.

“Não existe ninguém como ela, e o destino a trouxe até mim! Quem sou eu para me recusar a cumprir suas determinações?”

Sentiu que estava se desculpando perante um poder mais alto, que tinha a autoridade de questioná-lo.

Então riu dos exageros da própria imaginação e contemplou mais uma vez as estrelas, antes de se recolher à calma e ao silêncio de seu camarote.

CAPÍTULO VII

Ao entrar no camarote, Kathrin viu uma camisola branca muito fina em cima da cama.

Era feita de um tecido barato, quase transparente, e decorada com rendas de pouco valor. Percebeu logo que era o único artigo mais ou menos decente encontrado nas lojas próximas ao porto e ficou muito agradecida ao marquês por ele mostrar tamanha consideração por ela.

Enquanto tirava o *kaftan* e o pendurava em um armário embutido, pensava que nenhum homem seria capaz de se revelar tão compreensivo diante das necessidades de uma mulher.

Sentiu uma pontada no coração, pois a explicação para aquele fato era que muitas mulheres haviam passado por sua vida!

Como era possível o marquês se interessar por ela, após fazer a corte a tantas mulheres lindas em Paris?

Por outro lado, ele a salvara, e ela estava novamente a seu lado, naquele iate fantástico. Nada poderia ser mais maravilhoso.

Vestiu a camisola, achando que era exatamente o que precisava para suportar o calor do norte da África, e deitou-se logo em seguida.

Não apagou a luz, porém, receando que, no escuro, se imaginasse de volta ao caixão, sendo levada para a companhia do *sheik*, de quem nunca mais conseguiria se livrar.

Enquanto contemplava o lindo camarote, de paredes pintadas e cortinas azul-claras, pensava que não devia haver ninguém com tanta sorte quanto ela.

“Obrigada, meu Deus! Tenho certeza de que foi papai quem Vos disse como eu estava desesperada e que não parecia haver outra escolha, a não ser morrer.”

Agora, porém, Kathrin queria viver. Sentia que as horas não passavam com rapidez suficiente, até que amanhecesse e ela voltasse a ver o marquês.

Pensava nele e todo o seu corpo palpitava, na ânsia de vê-lo, quando a porta do camarote se abriu e ele surgiu.

Os olhos de Kathrin lançaram milhares de reflexos, enquanto o marquês atravessava o camarote e sentava-se na beira da cama, encarando-a.

Ele usava um roupão azul, que lhe caía até os pés, e o pijama branco tornava sua pele ainda mais alva.

Kathrin estendeu os braços para o marquês.

— Estava pensando no senhor, e agora veio me desejar boa-noite, o que torna tudo mais perfeito do que já é!

Contemplando-a, o marquês concluiu que ninguém poderia parecer tão adorável, tão infantil e, ao mesmo tempo, tão profundamente desejável.

Os olhos dela pareciam mais azuis do que nunca, naquele rostinho meigo.

— Que bom que você se sente assim! É exatamente sobre isso que quero conversar, Kathrin.

Ela segurava as mãos do marquês, e seus dedos estremeceram, como se o que ele acabara de dizer a tivesse deixado excitada.

— Fiquei desesperado, quando você foi raptada, em Paris, e não consigo parar de pensar em seu futuro. O mais importante de tudo é que você tenha condições de viver em segurança.

— Sinto-me segura a seu lado.

— Achava que você iria dizer isso. Tenho uma sugestão a fazer, Kathrin...

O marquês fez uma pausa, como se estivesse à procura de palavras apropriadas com que se expressar.

De repente bateram na porta e ele voltou à cabeça.

— O que foi? — perguntou bruscamente.

A porta se abriu e um dos oficiais de bordo surgiu diante deles.

— Desculpe-me, milorde, mas o capitão comunica que, em sua opinião, estamos na iminência de sofrer um ataque.

— Um ataque? Como assim?

Ele se levantou e, quando se dirigia para a porta, Kathrin gritou; seu grito soou como o brado de uma criança ou de um animalzinho pego numa armadilha. O marquês parou.

— Não saia daqui! — ordenou com firmeza.

Ele se retirou, fechando a porta. Aterrorizada, Kathrin enterrou o rosto no travesseiro e cobriu a cabeça com o lençol.

— O que está acontecendo? — perguntou lá fora o marquês ao oficial.

— O marinheiro que está de vigia comunica ter visto árabes nos rochedos e na baía. Eles estão nos espiando, e o capitão tem certeza de que

pretendem abordar-nos à força.

O marquês foi imediatamente até seu camarote e vestiu-se rapidamente. Tirou um lenço de seda da gaveta, atou-o ao pescoço e apressou-se a subir para o convés.

Conforme esperava, o capitão já se encontrava lá, juntamente com dois oficiais.

Embora ele tivesse dado ordens para que fossem apagadas todas as luzes do convés, o brilho das estrelas tornava possível distinguir vários homens descendo pelos rochedos em direção à praia, em atitude mais do que suspeita.

O marquês trouxe do camarote o revólver, capaz de disparar seis tiros. Notou que o capitão e os demais oficiais também estavam armados.

– Quantos homens a bordo são capazes de disparar uma espingarda?

– Dez dentre eles são excelentes atiradores. Os demais não sabem atirar, mas estão decididos a dar o melhor de si, se for necessário.

– Ótimo!

Só então o marquês notou que vários marinheiros estavam escondidos por trás da amurada, o que tornava impossível vê-los, para quem estava na praia. Graças a isso, conseguiriam atingir o inimigo sem correrem grandes riscos, pois estavam muito bem abrigados.

– Não faremos nada, a menos que eles nos ataquem em primeiro lugar – disse o marquês, assumindo o comando.

Percebeu que o capitão já havia tomado todas as precauções necessárias.

Aquele cruzeiro destinava-se a Monte Carlo, mas, ainda assim, o previdente capitão trouxera todos os armamentos possíveis.

Sabia que o marquês, muito caprichoso, poderia de repente querer embrenhar-se pela Amazônia ou percorrer os rios menos conhecidos da África ou de outras partes do mundo. O bom senso recomendava, portanto, que navegassem bem equipados.

Agora o marquês chegava à conclusão de que o *sheik* não aceitaria a derrota com tanta facilidade.

Era óbvio que seu desejo por Kathrin constituía um desafio ao seu orgulho e à sua autoridade. Jamais esperaria que um inglês, proprietário de um simples iate, fosse capaz de lutar contra os numerosos homens de sua tribo.

Procurando adivinhar o que se passava na escuridão, o marquês percebeu quais eram as intenções do *sheik*.

Alguns de seus subordinados já se aproximavam do mar, prontos para nadar até o iate com toda a rapidez possível.

Se encontrassem oposição, seriam cobertos pelos homens armados, postados nos rochedos e em condições de observar o menor movimento a bordo.

Era um plano astucioso, considerando-se que o *sheik* presumira que aqueles que se encontravam no iate estavam desprevenidos ou dormindo, àquela hora da noite.

Ancorado perto da praia, o *Leão do Mar* parecia muito tranquilo e sem a menor defesa.

Quando os primeiros homens do *sheik* começaram a entrar no mar, o marquês decidiu que chegara o momento de detê-los.

— Dispararei um tiro, a fim de que eles recuem. Se, porém, insistirem, terão de arcar com todas as conseqüências — ele disse ao capitão.

Disparou então para o ar, e o barulho rompeu o silêncio da noite, ecoando em torno da baía.

No mesmo instante ouviram-se disparos desfechados pelos árabes postados no alto dos rochedos.

O marquês ordenou então a seus homens que comesçassem a atirar.

Na realidade, eles haviam feito o possível para se controlar, e suas balas atingiram um por um os homens que entravam na água.

No mesmo instante, os homens que estavam no rochedo reagiram, descendo em direção à praia e emitindo gritos de guerra.

Foi então que o marquês viu, à luz das estrelas, a figura majestosa do *sheik*.

Ele desafiava o perigo e animava seus comandados, pois não esperava tamanha reação.

O marquês apontou a arma, mas, antes que pudesse disparar, uma bala atingiu o *sheik*.

Ele cambaleou, jogou os braços para o alto e caiu de costas.

Os homens à sua volta pararam de atirar. Os árabes que ainda não tinham morrido baleados ou afogados aos poucos começaram a recuar.

Durante a fuga, vários foram colhidos pelas balas dos marinheiros, até que o marquês deu ordem de cessar fogo.

Fez-se o mais completo silêncio. Os árabes se apressavam em busca de abrigo, carregando alguns feridos e deixando vários para trás. Aos poucos eles desapareceram, e o marquês ordenou:

— Capitão, mande pôr o motor em movimento e vá para um ponto mais afastado do litoral, onde possamos ter uma noite tranqüila.

Não esperou para ver os sorrisos de alegria no rosto dos marinheiros, contentes por terem vencido.

Em vez disso, desceu diretamente para o camarote de Kathrin.

Sabia como ela deveria estar aterrorizada. O barulho do tiroteio devia tê-la assustado demais, pois ela não sabia com exatidão o que estava acontecendo.

Assim que ele abriu a porta do camarote, Kathrin caiu em seus braços.

Ela havia obedecido às ordens do marquês e não se mexera, embora fosse angustiante ficar sozinha naquelas circunstâncias.

Ele sentiu que todo o corpo dela tremia, e o medo quase a paralisava, impedindo-a de falar.

— Está tudo em paz. Eles foram derrotados e nunca mais voltarão a nos perturbar.

— Mas o *sheik* jamais desistirá! — disse ela, apavorada. Havia jogado a cabeça para trás, e os cabelos lhe caíam pelos ombros. A camisola transparente revelava seu corpo, e ela estava muito bela, naquele momento.

O marquês a tomou nos braços levou-a para a cama e acomodou-a. Os olhos de Kathrin estavam dilatados de terror.

— Tudo terminou como devia. O *sheik* nunca mais a incomodará. Ele está morto!

Ela o encarou e, murmurando qualquer coisa, escondeu o rosto no peito dele, aliviada.

— Sim, ele morreu — repetiu o marquês —, e você nunca mais precisará se preocupar.

— O senhor tinha dito que eu estava salva. — ela protestou, como uma criança diante de uma promessa não cumprida.

— Eu sei, e foi uma grande tolice, de minha parte, subestimar o inimigo. De agora em diante, não posso mais permitir que você seja perturbada, seja por quem for. Quero saber, querida, quando é que se casará comigo!

O marquês espantou-se com a própria decisão. Sabia, porém, que não

poderia dizer outra coisa. Aquela era a única solução para o problema de Kathrin.

Por maiores que fossem as dificuldades e as repercussões negativas de sua atitude junto à família, Kathrin lhe pertenceria. Não havia outro modo de garantir que ela não voltasse a ficar tão amedrontada.

Lentamente, como se tivesse medo de se mexer, ela ergueu o rosto, contemplando o marquês durante muito tempo.

– Você está me pedindo de fato... para ser sua esposa?

– Eu a amo, Kathrin! E acho que você também me ama, minha adorada.

– Sim, eu o amo, e meu amor é capaz de inundar o mundo inteiro, mas... jamais sonhei que um dia você se casaria comigo! Está sendo sincero? Realmente sincero?

– Absolutamente sincero. Creio meu anjo, que seremos muito felizes, juntos.

– Eu, sem dúvida, o serei, pois estar sempre com você é como ser transportada ao paraíso. Tem certeza de que sou bela o suficiente para me tornar sua esposa?

– Não consigo imaginar uma criatura mais bela! Meu amor, porém, vai muito além disso. Você me pertence, Kathrin, desde o dia em que nos vimos pela primeira vez. Agora sei que minha vida não seria completa, sem você.

– Você sente isso... de verdade?

– Juro pelo que há de mais sagrado!

Então, como se não houvesse necessidade de mais palavras, ele se inclinou, e seus lábios se encontraram.

O marquês esperava por aquele momento há muito tempo. Era inútil tentar lutar contra seus sentimentos.

A maciez dos lábios dela, a excitação que percorria todo o seu corpo, quando ele a tocava, provocaram nele sensações que jamais havia experimentado em toda a vida, diferentes de tudo o que as demais mulheres lhe haviam proporcionado.

Havia algo de tão puro e angelical em Kathrin, que o fazia mostrar-se terno e gentil para com ela.

O marquês a puxou para si e continuou a beijá-la, até ela soltar um gemido abafado e esconder o rosto em seu peito.

– O que foi meu anjo? Não a estou assustando, não é mesmo?

– Você jamais me assustaria. É que, quando me beija, tenho a sensação de estar entre as estrelas, ouvindo os anjos cantarem.

– É assim mesmo que quero que você se sinta.

– Eu o amo! Eu o amo! Só que ainda não entendo... como é que você pode me amar.

– Você há de certificar-se de que a amo de verdade quando nos casarmos. Agora, meu bem, acho que deve ir dormir, pois atravessou momentos muito difíceis e assustadores. Quero que você descanse.

– Não quero que você me deixe.

O marquês sorriu, pois, em sua inocência, Kathrin não sabia o que estava pedindo. Ele a beijou na fronte, dizendo:

– Isso jamais acontecerá, assim que nos casarmos. Agora quero que você tente dormir. Se acaso estiver assustada, basta me chamar e eu virei a seu encontro.

– Posso deixar minha porta aberta?

– Mas é claro! A minha também ficará. Quando o iate voltar a ancorar, conseguirei ouvir o menor barulho que você fizer.

Kathrin ficara tão perturbada com os beijos do marquês que não percebeu que o motor fora ligado e que o iate se movia.

– Para onde vamos? – ela indagou.

– Estamos descendo um pouco o litoral.

O marquês sabia que, quando a manhã chegasse, os árabes removeriam a maior parte de seus mortos, mas não queria que Kathrin presenciasse o espetáculo horrível do resultado de uma batalha.

– Estaremos seguros?

– Sim, na mais completa segurança. Prometo que desta vez minha promessa será cumprida. Nada mais poderá interromper nossa felicidade.

– E eu serei de fato sua esposa?

– Sim, tão logo seja possível. Quem sabe, talvez até mesmo amanhã, se não for cedo demais.

– Gostaria que fosse hoje à noite.

– Receio que o pastor esteja dormindo, a esta hora da noite. Acho também que você preferiria que Hicks chegasse com seus vestidos, em vez de se casar usando um *kaftan*...

– Não me importo com o que usar, contanto que me case com você.

Por outro lado, quero que você me ache bonita!

O marquês sabia que ela se comparava com as mulheres que vira em Paris.

— Cada vez que a contemplo, meu amor, acho-a mais bela. Amanhã lhe direi novamente como você é linda e quanto significa para mim.

O marquês exprimia-se com uma sinceridade que jamais empregara para com qualquer outra mulher.

Então, como se fosse mais fácil exprimir seus sentimentos de outra forma, beijou Kathrin até ela perder o fôlego.

Em seguida recostou-a nos travesseiros e cobriu-a com o lençol.

— Agora durma. A noite foi suficientemente excitante para nós dois. Quero que você surja linda diante de meus olhos, amanhã, à luz do dia.

Kathrin o encarou, e a expressão de seu olhar era tão radiante, que seria impossível a um artista pintá-la, por mais talentoso que fosse.

Em seguida ele lhe beijou a mão e retirou-se, encostando antes uma cadeira na porta, a fim de deixá-la aberta.

Percebeu que o motor parava e a âncora era arriada. Daí a pouco se fez o mais completo silêncio.

— Boa noite minha futura esposa. — ele disse parado na porta. Precisou fazer um grande esforço para dirigir-se ao próprio camarote.

Ao chegar lá, mal conseguia acreditar que a felicidade e a alegria que sentia não eram um delírio da imaginação.

Jamais acreditara ser possível apaixonar-se tão profundamente. Agora aprendera que nada mais importava, a não ser a paz de espírito e a felicidade de Kathrin. Faria tudo para protegê-la, enquanto ambos vivessem.

“Como é que eu poderia adivinhar, ao receber a carta de Celeste, que Kathrin modificaria toda a minha vida?”, comentou consigo mesmo.

Ao despertar, Kathrin percebeu que era muito tarde. O barulho fora do iate revelava que, durante o sono, eles haviam voltado ao porto.

Sentiu-se ainda mais admirada quando Hicks entrou no camarote, puxando as cortinas e pondo uma bandeja com o café da manhã ao lado da cama.

— Bom dia senhorita! Espero que fique contente de ver-me, pois eu lhe trouxe todos os seus lindos vestidos.

Kathrin sentou-se e sorriu para ele.

— Sinto-me felicíssima por vê-lo!

— Estão trazendo sua bagagem para cá. O senhor marquês manda dizer que gostaria de levá-la à cidade, assim que estiver pronta.

Assim que Hicks saiu, Kathrin apressou-se a tomar um banho. Hicks havia retirado da mala um dos mais belos vestidos parisienses, estendendo-o sobre a cama.

Era enfeitado com rendas, e um delicado chapéu o acompanhava.

Ao ir ao encontro do marquês, Kathrin certificou-se de que ele a amava, pela expressão que via em seu olhar.

— O que você disse ontem à noite... é verdade? Eu não estava sonhando?

— É verdade, sim. Agora, meu bem, vamos desembarcar, pois o prefeito de Argel celebrará nosso casamento. Descobri que aqui não existe igreja protestante. Nós nos casaremos à moda francesa, mas, quando chegarmos a Nice ou Monte Carlo, do outro lado do Mediterrâneo, teremos mais uma cerimônia na igreja. Não posso, entretanto, esperar tanto tempo para torná-la minha esposa.

— Estou certa de que Deus nos abençoará, onde quer que nos casemos!

— Sem dúvida!

Uma carruagem os aguardava, e eles se dirigiram para um edifício imponente, que ostentava a bandeira francesa.

O prefeito, que os esperava, cumprimentou o marquês efusivamente e casou-os com toda a pompa e cerimônia possíveis, insistindo depois em fazer um brinde à saúde deles.

Foi uma celebração muito diferente da que o marquês imaginara ter, quando viesse a se casar.

Achava que contaria com a presença de centenas de convidados, amigos e parentes, sendo o príncipe de Gales o convidado de honra, e a rainha, representada por algum estadista de renome.

No entanto, agora nada lhe importava, a não ser a felicidade que irradiava de Kathrin. Os funcionários franceses pareciam quase hipnotizados por ela, e seus parabéns eram dados com a maior sinceridade.

Quando se retiraram, o prefeito os acompanhou até a carruagem. Kathrin segurou a mão do marquês, e ele percebeu como ela estava excitada.

— Eu lhe pertenço! — ela murmurou.

— Sim! Temos só mais uma coisa a fazer, meu amor, antes de partirmos de Argel, e em seguida nunca mais precisaremos voltar para cá.

– De que se trata?

– Iremos até a casa de campo. Soube que o conde de Villeneuve a havia dado de presente a sua mãe. Agora ela lhe pertence.

– É verdade?

– Sim! Como sinto que você jamais gostaria de morar lá, acho melhor que a venda.

– Sem dúvida!

– Soube também que há algum dinheiro em nome de sua mãe no Banco de Argel, que será transferido para você.

– Agora terei condições de lhe dar um presente! Você me deu tanta coisa, e não sei como agradecer.

– Mais tarde eu lhe ensinarei como... É claro, meu bem, que adoraria ganhar um presente.

– Talvez, quando chegarmos à Inglaterra, eu possa lhe dar algo que você queira de verdade, mas terá de me ajudar a escolher.

O marquês não revelou que não tinha a menor intenção de levá-la para a Inglaterra, por muito tempo.

Já tinha planejado a melhor maneira de fazer com que seus parentes superassem o choque que sofreriam, ao saber com quem ele tinha se casado, mas ainda não sabia qual a melhor maneira de pôr seu plano em ação.

Excitado, começou a beijar os dedos de Kathrin um por um, imaginando o que ela lhe compraria. Quem sabe seria um cavalo, ou até mesmo um daqueles automóveis de que os jornais começavam a falar com tanto entusiasmo.

No fundo, sabia que o único presente que desejava daquela criatura adorável era ela mesma.

Tê-la em seus braços e ensinar-lhe as artes do amor era um tesouro que não se podia avaliar.

A casa de campo situava-se nos arredores da cidade, e, ao ultrapassarem o portão, o marquês percebeu que era belíssima.

– Já tinha me esquecido de como ela é grande! – comentou Kathrin.

– Como foi que mamãe teve condições de adquirir uma propriedade tão imponente?

– Espero que o conde a tenha dado em gratidão pelo trabalho que sua mãe realizou para ele durante tantos anos.

– Sim, é claro. Deve ter sido isso, sem dúvida. Após se hospedarem

aqui, ele morreu... e o mesmo aconteceu com mamãe... No entanto, por mais bela que seja esta casa, sinto que ela traz má sorte. Ainda bem que você a venderá para mim!

— Sim, é esta a minha intenção, mas, como partiremos às pressas, acho aconselhável vermos se ficou por aqui algo que tenha pertencido a sua mãe e que você gostaria de guardar.

Kathrin aproximou-se e encostou a cabeça no peito do marquês.

— Só você poderia ser tão cheio de consideração, tão compreensivo. Estou segura de que encontraremos coisas de mamãe, das quais eu me esqueci.

Eles pararam na entrada da casa, e os criados que os aguardavam inclinaram-se respeitosamente.

O marquês admirou os aposentos espaçosos e arejados, com grandes janelas que davam para um jardim repleto de flores.

Viu as marcas nas paredes, de onde haviam sido roubados quadros e espelhos, mas a mobília, quase toda ela francesa, ainda se encontrava lá.

Algumas das peças eram muito valiosas e Kathrin talvez gostasse de tê-las em uma de suas casas da Inglaterra.

Mais uma vez ele não quis pensar no que a aguardava em seu país, além dos comentários desagradáveis e da reprovação da família.

Tinha a intenção de protegê-la, na medida do possível, contra tudo o que dissessem a respeito dos pais dela.

Porém sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de prepará-la para enfrentar os fatos, e que a condenação também se estenderia a ele, por desposar a filha ilegítima de seu primo.

Resolveu então não pensar mais naquele assunto, pois aquele era o dia mais feliz de sua vida.

Os dois percorreram todos os aposentos. Kathrin anotava mentalmente tudo o que gostaria de levar com ela e o que seria vendido lá mesmo.

Chegaram finalmente a uma sala deliciosamente decorada, onde havia uma cômoda estilo Luís XIV, com puxadores dourados, muito valiosa, além de dois lindos quadros, de autoria dos famosos pintores franceses Boucher e Fragonard.

O marquês achou prudente levá-los imediatamente para bordo do *Leão do Mar*.

Kathrin, porém, não examinava os quadros, mas a estante na qual se achavam os livros preferidos de sua mãe.

De repente, ela deu um grito de surpresa. — O que foi? — perguntou o marquês, preocupado.

— Como foi possível que eu tivesse me esquecido de algo tão importante?! — ela exclamou.

— Mas o que foi que você esqueceu?

— O álbum de recortes e fotos de mamãe! Que bom que ele ainda se encontra aqui! Agora posso mostrar-lhe um de seus retratos.

O marquês sentou-se no sofá, e Kathrin acomodou-se a seu lado.

— Sabe que você é minha mulher há meia hora e até agora não a beijei? — ele perguntou, abraçando-a.

— Pois então me beije, por favor! — ela disse, oferecendo-lhe os lábios.

Eles trocaram um beijo que parecia não ter mais fim, até que o marquês se dominou.

— Vamos terminar rapidamente o que temos de fazer aqui e voltar para o iate. Quero partir e tê-la inteirinha para mim!

— É o que eu também desejo.

Os olhos de Kathrin brilhavam. Seu rosto estava muito corado e os lábios haviam ficado rubros, devido ao beijo. Ela era uma verdadeira tentação, mas o marquês procurou se controlar, pegando o álbum.

— Mostre-me o retrato de sua mãe — ele pediu. — Em seguida levaremos um ou dois objetos que não é prudente deixar aqui, e ordenarei o que fazer com os demais.

— Gostaria tanto que mamãe estivesse aqui hoje... Tenho certeza, porém, de que ela sabe que eu me casei com o homem mais maravilhoso do mundo!

O marquês beijou-lhe a testa e, folheando o álbum, viu uma fotografia de lady Blyton, que mostrava a notável semelhança entre ela e a filha.

— Viu só como mamãe era bela? Jamais chegarei a seus pés! — ela comentou.

— Discordo de você!

— Gostaria tanto de ter um retrato de papai! Sei que mamãe guardava um deles, mas ignoro que fim levou.

Ela virou algumas páginas do álbum, e o marquês notou que nele estavam guardadas várias lembranças de viagem.

Havia também desenhos dos lugares por onde lady Blyton havia andado. Eles se referiam às diferentes tribos da África, bem como a Gerald Elke e a Kathrin.

— Agora você verá como eu era quando criança! Papai e mamãe me desenharam, mas creio que ela era mais bem-dotada como artista.

Havia páginas inteiras onde Kathrin surgia montada num camelo ou num burrico, ou então como um nenê que ainda engatinha.

Naquela época de sua vida, mais do que nunca, ela tinha um rosto angelical. O marquês entendia perfeitamente o desejo de lady Blyton de registrar com carinho tudo o que lembrasse aquela criança adorável.

— Aqui está a certidão de meu nascimento, lavrada no Cairo. Papai disse que foi muito difícil consegui-la, pois eu nasci numa tenda, no meio do deserto, o que, convenhamos, não é um endereço muito convincente!

Ela riu, mas o marquês não tirava os olhos de um determinado documento. Durante alguns instantes, teve a sensação de que não entendia muito bem o que estava acontecendo.

— Acho que é a certidão de casamento de seus pais! — ele disse finalmente.

— Com efeito. Eles se casaram no Cairo. Foi exatamente por isso que papai achou que aquela cidade era o lugar mais belo do mundo.

O casamento, segundo a certidão, fora celebrado na igreja inglesa do Cairo, sendo os nubentes Gerald Elke, solteiro, e Clare Elizabeth Blyton, viúva. O documento fora assinado pelo pastor que celebrara a cerimônia e por duas testemunhas.

O marquês mal conseguia acreditar no que acabava de ler, depois de ter passado por tamanha angústia.

Ao lado da certidão havia um recorte de um jornal estrangeiro, com o seguinte texto:

“Necrológio: após uma breve doença, faleceu em Marienbad, no dia 22 de outubro de 1873, lorde Frederick Montague Blyton, com sessenta e cinco anos de idade”.

Durante alguns instantes, ele não conseguiu articular sequer uma palavra. Sabia que todos os seus problemas tinham chegado ao fim. Como lorde Blyton morrera no exterior e já não se falava quase no escândalo criado pelo comportamento de Gerald Elke, aquela notícia não chamara a atenção de ninguém.

O último obstáculo acabava de ser removido, e agora o marquês não precisava mais ter receio de levar Kathrin de volta para a Inglaterra.

Se ainda houvesse algum tipo de crítica em relação ao comportamento do pai dela, seus parentes não seriam tão mal-educados ou atrevidos a ponto de se referirem ao fato na frente de Kathrin.

Ela era fruto de um casamento legítimo. Tinha todo o direito de usar o nome da família, e ninguém poderia pôr em dúvida a validade daquele documento.

O marquês fechou o álbum, levantou-se e ajudou Kathrin a fazer o mesmo.

— Meu amor, a menos que você queira ver mais alguma coisa aqui na casa, podemos ir embora.

Ela estremeceu, e o marquês percebeu que Kathrin não sentia a menor vontade de ver o quarto em que a mãe tinha morrido.

— Prefiro que você resolva o que devo levar e o que ficará aqui na casa de campo — ela declarou, comovida. — Não quero mais pensar no passado, e sim, no futuro, que será maravilhoso!

— Concordo inteiramente com você.

Ele a encarou durante um bom momento, como se quisesse recordar para sempre a beleza daquela criatura a quem tanto amava. Agora sabia que, para ele, o fato de Kathrin ser filha legítima ou ilegítima não fazia a menor diferença, contanto que a tivesse sempre a seu lado.

A única coisa que o preocupava era o fato de que ela precisava ser protegida contra tudo o que pudesse magoá-la.

— Meu bem, eu já lhe disse quanto a amo? — perguntou o marquês, puxando-a para si.

— Sim, mas parece que já faz tanto tempo!

— Pois então repetirei. Eu a amo com todo o meu coração, minha alma e meu corpo. Você é a esposa que procurei durante toda a vida e que jamais esperei encontrar.

Os olhos de Kathrin se encheram de lágrimas, e ele ficou preocupado.

— Meu anjo, o que foi que eu disse que a levou a chorar?

— São lágrimas de felicidade! Senti tanto medo, ao me ver sozinha no mundo! Agora, porém, tenho você e não consigo acreditar que é verdade.

— Pois farei qualquer coisa para convencê-la de que tudo o que a ameaçou agora pertence ao passado. Estamos juntos, e não existe nada mais

importante.

— Sinto o mesmo! Sabe... quero lhe fazer um pedido.

— De que se trata?

— Você me ensinará como torná-lo feliz? Você me mostrará como quer ser amado, de tal modo que eu não cometa nenhum engano?

— Mas é muito simples! Quero que você me ame e continue me amando.

— Mas eu o amo, sim! Eu o amo tanto que você preenche toda a minha vida! Mas... e se eu o amar tanto, a ponto de você se cansar de mim?

— Isso jamais acontecerá! — disse o marquês, rindo. — Por mais que você me ame, nunca será o suficiente!

— Como é que você pode dizer semelhante coisa? — protestou Kathrin, percebendo logo que o marquês estava brincando com ela.

— Só tenho uma coisa a lhe ensinar: amar-me cada vez mais. O que você está sentindo é apenas o começo.

— É exatamente o que quero! Por favor, não quer começar imediatamente?

O marquês riu com ternura, começando a beijá-la, até ela sentir que a sala girava ao seu redor.

— Agora vamos embora — ele disse, pegando o chapéu. — O *Leão do Mar* está pronto para nos levar numa viagem de lua-de-mel absolutamente fantástica, a mais excitante que já sucedeu a um casal enamorado.

Kathrin soltou um grito de felicidade, e os dois foram para a porta de entrada.

— Não podemos nos esquecer de levar o álbum de sua mãe! Vamos gostar de vê-lo juntos, e é claro que teremos nosso próprio álbum.

— É mesmo? A primeira coisa que colocarei nele é nossa certidão de casamento — afirmou Kathrin.

— Sem dúvida!

Parecia extraordinário ao marquês que um simples álbum de recordações pudesse significar tanto. Sabia, porém, que ele era um verdadeiro passaporte para a felicidade.

Lançou um último olhar à bela sala de estar, decorada por uma mulher que havia amado dois homens em sua vida e que fizera o possível para proteger a filha.

“Este é o único amor que conta”, refletiu o marquês.

Sabia que o amor que encontrara em Kathrin era mais forte, mais perfeito e espiritual do que tudo o que um homem poderia desejar.

Ela o encarava com tamanha expressão de felicidade, que não lhe foi possível deixar de beijá-la.

Em seguida o marquês levou-a para fora da casa, com a firme convicção de que o amor que sentiam um pelo outro aumentaria cada vez mais, à medida que passassem os anos.

Ainda assim, nada poderia ser mais perfeito do que aquele momento em que pertenciam um ao outro, quando nenhuma nuvem obscurecia o horizonte.

Intrigada com o silêncio do marquês, Kathrin apertou-lhe a mão.

— Vamos voltar para o *Leão do Mar*. Quero iniciar nossa lua-de-mel. Sei que ela será mágica, maravilhosa...

— É o meu desejo — concordou o marquês. — Depressa, meu amor, para que eu possa ensiná-la a me amar mais do que você já me ama!

— Sei que é impossível, mas ao mesmo tempo estou disposta a tentar!

Os dois sorriram e, de mãos dadas, caminharam em direção à carruagem.



QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de 350 milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora, que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

LÚCIFER E O ANJO LOIRO

*O duque de Ollerton abriu a porta
que conduzia à estufa do castelo e ofereceu
passagem para Anita. Mais uma vez ela viu
no olhos dele o brilho intenso que a fizera
confundi-lo com Lúcifer, o anjo do mal...
“Anita, lembra-se de que a avisei para só
vir à estufa com um homem se quisesse
fazer amor com ele?”, perguntou o duque,
avançando. Antes que ela pudesse reagir,
dois braços fortes a enlaçaram.
O duque era mais do que um ser humano...
era um verdadeiro demônio!*